

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ELENIR GULARTE MARQUES

**GRUPO PALMARES EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970:
O PAPEL DE MULHERES NEGRAS ATIVISTAS**

Porto Alegre

2019

ELENIR GULARTE MARQUES

**GRUPO PALMARES EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970:
O PAPEL DE MULHERES NEGRAS ATIVISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

MARQUES, ELENIR GULARTE
GRUPO PALMARES EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970: O
PAPEL DE MULHERES NEGRAS ATIVISTAS / ELENIR GULARTE
MARQUES. -- 2019.
147 f.
Orientador: JOSÉ CARLOS GOMES DOS ANJOS.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. MOVIMENTO NEGRO. 2. GRUPO PALMARES. 3. ATIVISMO
DE MULHERES NEGRAS. 4.
CONSUBSTANCIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE. 5. POLÍTICA
CULTURAL. I. GOMES DOS ANJOS, JOSÉ CARLOS, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço à CAPES, que subsidiou essa pesquisa nesses dois anos, e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Agradeço à Regiane Accorsi e Marcelo Kochenborger Scarparo do PPGS por estarem sempre dispostos a me auxiliar quando precisei.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Carlos dos Anjos, pelo apoio e paciência nos momentos em que necessitei de suas orientações para realização desta pesquisa. Obtive conhecimento com suas aulas na Disciplina de Racismo no Debate Pós-Colonial e com o grupo LUTA, que me armou de teorias pós-coloniais para desenvolver essa pesquisa, e agradeço a todos colegas que lá estavam apoiando e estimulando minha pesquisa a ter mais consistência.

Agradeço a Dra. Pamela Marconatto Marques pela sua contribuição teórica e incentivo. Através do grupo SUPORTE e dos debates com outras mulheres, aprendi com textos e autoras que mostram que através da escrita seus corpos se enunciam por um bem viver.

Agradeço à coorientação da Dra. Lucia Regina Britto Pereira e da Dra. Vanessa Pfeifer. Ao dispender seu tempo, com sua generosidade e argumentos, me ajudaram a formar um pensamento teórico sociológico e histórico.

À Dra. Vanessa Pfeifer, pelo apoio e suporte metodológico e teórico no processo de uma escrita sociológica. Agradeço seu auxílio para pensar em como utilizar as falas de minhas interlocutoras e aproveitar melhor o material de campo num processo em que haja um diálogo entre o empírico e o teórico, a fim de dar potência às falas femininas.

Agradeço aos meus entrevistados, mulheres e homens que disponibilizaram seu tempo e me forneceram informações sobre o período em que militaram no Grupo Palmares, no Tição e no GT Palmares, e também aos amigos e militantes do movimento de mulheres e movimento negro que me apoiaram nessa pesquisa e acreditaram que seria possível sua realização.

Agradeço especialmente à Nayara Silveira, filha de Oliveira Silveira, sempre pronta a fornecer material e a possibilitar o acesso ao arquivo pessoal de seu pai. Poder recorrer a esse material, fotos, jornais, livros e informações, foi de fundamental importância e auxílio para a pesquisa.

Quero agradecer à Deus, por me dar saúde. À minha mãe, Eva Gularte Marques, e ao meu pai, Luiz Bastos Marques, *in memoriam*, que me colocaram no mundo. Agradecimento especial à minha mãe que mesmo não tendo estudado, sempre me incentivou. Lembro de sua participação em minha vida estudantil na primeira série do primeiro grau. Em uma ocasião, houve um acidente com meu material da escola. Meu pai, na sua falta de conhecimento,

achava que só os homens tinham que estudar, mulher tinha que ficar em casa. De tanto incomodar minha mãe e chorar, dizendo que queria ir para escola e não tinha material, ela dobrou um papel de pão que se encontrava em cima da mesa, me deu um lápis e disse: “vai para a escola minha filha que depois compro, arrumo seus cadernos”. Neste ato revolucionário de minha mãe contra meu pai, hoje vejo como o seu corpo e sua ação eram potentes.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar a atuação de um dos primeiros grupos do Movimento Negro institucionalizados de Porto Alegre. O grupo Palmares, conhecido majoritariamente por ser cultural e conformado por um ativismo masculino, apresentou conformações inusitadas com um ativismo de mulheres negras. Já na década de 1970, as ativistas disputavam para que o movimento fosse menos cultural e mais político. Com a saída dessas mulheres do grupo Palmares foram trabalhar em redes de organizações articuladas em torno de agendas de saúde, educação. É nessa conjuntura pós-abertura política que o tratamento das questões de gênero e raça passa se conformar de forma interseccional. Articulei os conceitos de trajetórias militantes e redes para inferir porque essas mulheres começam a politizar as relações de gênero de forma interseccional em lugar de consubstancializada. Com isso, sugiro a possibilidade de resolução de um problema teórico que impõe os conceitos de consubstancialidade e a interseccionalidade como excludentes. O estudo se deu através de revisão bibliográfica, análise de textos de jornais como a Revista Tição, Folha da Tarde, Zero Hora e Correio do Povo, nas décadas de 1970 a 1978, período de vigência do grupo. Nas entrevistas com os integrantes, observou-se em suas trajetórias o modo como respondiam aos desafios impostos pelo contexto da época. Analisei especialmente o relato de mulheres, a fim de ver os mecanismos de silenciamento de suas agências.

Palavras-chave: Movimento Negro. Grupo Palmares. Ativismo de Mulheres Negras. Consubstancialidade. Interseccionalidade. Política cultural.

ABSTRACT

This dissertation aims at studying one of the first institutionalized groups of the Black Movement of Porto Alegre. The Palmares group, known primarily as a cultural group and shaped by male-driven activism, took an unusual turn with the participation of black women activists. Already in the 1970s, women activists struggled for the movement to become less cultural and more political. With the departure of these women from the Palmares group, they went to work in networks of organizations articulated around the health and education agendas. It is at this post-opening political juncture that the treatment of gender and race issues emerges in an intersectional manner. I articulated the concepts of militant trajectories and networks to infer why these women begin to politicize gender relations in an intersectional rather than consubstantialized way. With this, I suggest the possibility of solving a theoretical problem that imposes the concepts of consubstantiality and intersectionality as exclusionary. The study was conducted through literature review, analysis of texts from newspapers such as *Tição Magazine*, *Folha da Tarde*, *Zero Hora* and *Correio do Povo*, between 1970 and 1978, the period of existence of the group. In the interviews with the members, their trajectories demonstrated how they responded to the challenges imposed by the context of the time. In particular, I reviewed the women's narratives in order to identify the silencing mechanisms of their voices.

Keywords: Black Movement. Palmares Group. Black Women Activism. Consubstantiality. Intersectionality. Cultural Politics.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 | CAMINHOS PERCORRIDOS | 8 |
| 1.2 | PERCURSO METODOLÓGICO | 11 |
| 1.3 | REFERENCIAL TEÓRICO | 14 |
| 1.3.1 | Localizando-me na fronteira de um Feminismo Negro | 15 |
| 1.4 | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 17 |
| 2 | LUTA ANTIRRACISTA EM PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1970-80 | 20 |
| 2.1 | PALMARES: MULHERES PARA-CHOQUE | 20 |
| 2.2 | MULHERES IMPONDO A VERSÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO NA RUA | 29 |
| 2.2.1 | Tensões entre o ativismo cultural e o político | 34 |
| 2.3 | RAÇA E GÊNERO NA POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA | 37 |
| 3 | O ATIVISMO DE MULHERES NEGRAS DO GRUPO PALMARES | 45 |
| 3.1 | ASPIRAÇÕES FEMININAS EM CONTEXTOS DIVERSIFICADOS | 45 |
| 3.1.1 | O feminismo negro de uma rede de ex-Palmares | 50 |
| 3.2 | O ENCERRAMENTO DE PALMARES COM A SAÍDA DAS MULHERES | 51 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| | REFERÊNCIAS | 61 |
| | ANEXO 1 | 66 |
| | ANEXO 2 | 67 |
| | ANEXO 3 | 68 |
| | ANEXO 4 | 75 |
| | ANEXO 5 | 85 |
| | ANEXO 6 | 88 |
| | ANEXO 7 | 94 |
| | ANEXO 8 | 122 |
| | ANEXO 9 | 127 |
| | ANEXO 10 | 137 |
| | ANEXO 11 | 145 |

1 INTRODUÇÃO

A África

Às vezes te sinto como avó, outras vezes te sinto como mãe. Quando te sinto como neto me sinto como sou. Quando te sinto como filho não estou me sentindo bem eu, estou me sentindo aquele que arrancaram de dentro de ti. (SILVEIRA, 1981, p. 71).

1.1 CAMINHOS PERCORRIDOS

O que me motivou a estudar o Grupo Palmares, a princípio, foi a curiosidade em saber como se deu o processo da Negritude em Porto Alegre no período em que os grupos de negros se organizavam influenciados pelos movimentos civis e movimento de música *soul*, época em que os jovens andavam com seus cabelos *black*, imitavam a moda americana ou africana, vivia-se uma onda inspirada em negritudes transnacionais na qual eu me incluía.

Já na universidade e por ocasião de uma pesquisa sobre pan-africanismo e negritude, vim a conhecer o professor e poeta Oliveira Silveira, um estudioso e conhecedor do tema, que me cativou por sua delicadeza e calma, deu as devidas orientações ao trabalho, emprestou material para que eu fizesse cópias e mais adiante ajudou na correção do texto. A partir dali, em contato com outras militantes mulheres, nos tornamos amigas do poeta.

Recentemente por ocasião de viagens e contato com outros negros de outros países, várias vezes fui questionada do porquê de levarmos a sério esta questão de se autoafirmar como negro, se somos todos seres humanos. E porque estamos sempre fazendo essa relação com uma África mítica e unitária, nos enfeitando com roupas e turbantes, a fim de seguir uma cultura africana ou norte-americana.

Os caminhos me levavam a estudar os integrantes do Grupo Palmares, dos quais até então só conhecia Oliveira Silveira, e sabia de seu discurso sobre negritude e suas poesias inspiradas em autores franceses. Pensei a princípio em ver a influência da negritude e do pan-africanismo no grupo. Segui esses passos até o momento em que o campo e as pesquisas em jornais e documentos me mostraram uma fotografia em que as mulheres eram maioria, e outras reportagens de jornais em que se repetia o número maior de mulheres. As pesquisas em teses e livros não mencionavam e não visibilizavam essas mulheres, pelo que resolvi seguir seus passos. A partir desta constatação comecei a mapear em que momento suas vozes eram audíveis neste sistema hegemônico e masculino e onde eclodia a potência de seu protagonismo feminino sem visibilidade.

Os indícios apontavam que as mulheres estavam silenciadas no Grupo Palmares. E como colocar esta questão, que se torna polêmica em vista de se tratar de um campo de lutas antirracistas. Correria o risco de concluir que o movimento negro invisibilizou as mulheres que enfileiraram sua militância nos anos 1970, e insistir nesta afirmativa envolve colocar-se contra a figura de Oliveira Silveira, falar de silenciamento das mulheres dentro do grupo significa o mesmo que “depor contra os seus”? Como produziam narrativas e qual o protagonismo feminino no movimento?

A resposta que mais se aproximou do que eu esperava ouvir veio quando uma das mulheres escreveu que iria falar não do feminismo, mas de *aspirações femininas em contextos diversificados*. Dei-me conta de que as categorias feministas que conhecemos atualmente não eram tratadas da mesma forma, mas isto não quer dizer que estas mulheres não tivessem uma posição e uma agenda própria ao contexto da época.

Senti-me desafiada e testada por essas mulheres o tempo todo, e só fui me dar conta no final desta dissertação de que a pergunta correta seria quais eram suas lutas e seu protagonismo. Este despertar ocorreu com debates e orientação dos grupos LUTA e SUPORTE. Neste sentido, mudei o rumo da prosa, a fim de ver o ativismo destas mulheres dentro do grupo, e as entrevistas me levaram a ver as trajetórias destas mulheres além do Grupo Palmares, quando vão atuar em outros grupos, ONGs, revistas, grupos culturais.

Neste sentido, esta dissertação visa analisar o Grupo Palmares em suas diversas conformações na década de 1970 em Porto Alegre e a importância do ativismo feminino nesse grupo do movimento negro. Busco perceber como se deram os processos de subjetivação das negritudes em pauta, num contexto em que a ideologia da democracia racial é hegemônica. Analiso como seus integrantes responderam ao desafio da reconstrução das suas identidades étnico-raciais sob um paradigma transnacional, com foco especial nas mulheres negras que atuaram e que fizeram parte do grupo.

O presente estudo se inscreve nas discussões sobre os processos de subjetivação¹ da negritude² do movimento social negro na década de 1970. A problemática a ser pesquisada

¹ Subjetivação na concepção de Foucault é uma expressão de nossas relações com as coisas, através da história, então o modo mais imediato que esta relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também pelo corpo construído pelas relações com as coisas que se encontram durante sua existência e esta relação nos remete ao que o autor denominou de “Estética da Existência”.

² O termo negritude vem adquirindo diversos “usos e sentidos”, com a maior visibilidade da “questão étnico-racial” no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil, tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana.

busca saber como a ideia de negritude era percebida e difundida pelos integrantes do Grupo Palmares na década de 1970, isto é, como os integrantes reagiam ao racismo criando territórios existenciais em torno de práticas da negritude, visualizando em especial o protagonismo feminino do grupo.

Conceituo como o processo de subjetivação da negritude as lutas antirracistas através de suas práticas múltiplas, em contraposição a um ambiente histórico marcado pela ideologia da mestiçagem e da democracia racial. Infere-se que a construção da ideia de si mesmos, através dessas práticas, decorre do processo de indignação e sofrimento causado pelo racismo.

Essa problemática foi motivada por estudos anteriores sobre Negritude e pela participação em grupos de trabalho que tratavam das questões negras, entre eles o GT NEGROS,³ que desenvolveu suas atividades no Memorial do Rio Grande do Sul, e pela participação no grupo MARIA MULHER – Organização de Mulheres Negras.⁴

Essas experiências me levaram a problematizar o quanto foi cara a luta no Brasil para os movimentos negros produzirem resistências que levaram à cristalização de identidades raciais. Fiquei motivada a estudar as práticas e ações em volta da consciência política das integrantes femininas do grupo Palmares.

A construção da problemática levou-me a estudar a atuação e a luta de um dos primeiros grupos institucionalizados de Porto Alegre, formado por homens num primeiro momento (1970-1971), e predominantemente por mulheres num segundo momento (1972-1978).

Nesta dissertação analiso as trajetórias militantes das mulheres negras a fim de ver suas práticas de negritude. Cabe investigar em que medida estas vozes ainda assim eclodem através da Revista *Tiçõ* e de jornais da época. Vozes de mulheres que fizeram parte do grupo intelectual e militante feminista da década de 1970. Uma perspectiva de feminismo decolonial conduz-me a analisar em que medida alguns dos textos de Oliveira Silveira são atravessados por um devir feminino, ou mais precisamente, como a as mulheres negras intervêm em sua

Negritude é um conceito que precisa ser compreendido à luz dos diversos contextos históricos. (DOMINGUES, 2005).

³ GT Negros: história, cultura e sociedade (ANPUH-RS), criado em 1999, integrante da Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul, é composto por pesquisadores acadêmicos e ligados ao Movimento Social Negro. Tinha como objetivo pesquisar a história da comunidade negra brasileira e gaúcha, constituir acervo temático, produzir textos e refletir interdisciplinarmente através do Projeto Seminários e Debates e das Jornadas de Estudos Afro-Brasileiros que organizava, em conjunto com o Memorial do Rio Grande do Sul, questões relacionadas aos afro-brasileiros no contexto geral da história do Brasil.

⁴ MARIA MULHER – Fundada em março de 1987, é uma organização feminista coordenada por mulheres negras, lutando na defesa dos direitos das mulheres vítimas de violência e pela melhoria das condições de vida da população afro-brasileira.

poesia. Trata-se de analisar em que medida a presença de figurações de mulheres na poesia de Silveira se dá como tradução ou silenciamento das experiências de suas companheiras de militância.

Trata-se de mulheres que, como as demais do terceiro mundo, tendem a estar emparedadas entre o patriarcado e o imperialismo, mas, conforme Spivak, podemos ler seus corpos como textos e ver o que eles escrevem enquanto vivem, e nesta perspectiva suas ações e seus corpos falam com potência e com luta. Nesse sentido, fazer o texto do Oliveira Silveira ir além do silêncio é uma intervenção ativa que só pode se efetivar com as mulheres negras que militaram ao lado do poeta.

O estudo se deu através de revisão bibliográfica sobre a Negritude, análise de textos de jornais e da Revista *Tição*, *Folha da Tarde*, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, os quais retrataram as questões negras de 1970 a 1978, período de vigência do grupo. Nas entrevistas com os integrantes, observou-se em suas trajetórias o modo como respondiam aos desafios impostos pelo contexto da época. Analisei especialmente o relato de mulheres, a fim de ver os mecanismos de silenciamento de suas agências.

A análise das entrevistas no programa NVIVO possibilitou visibilizar os objetivos e lutas do grupo, as militâncias múltiplas em conexão com outros grupos afins de combate ao racismo. E por essa razão houve entrevistas com outros ativistas que não eram de Palmares, mas que de uma forma ou de outra se ligavam ao grupo através de vínculos com o Oliveira Silveira.

A dissertação está dividida em três capítulos. Na Introdução, apresento caminhos que me levaram à pesquisa, a inserção no campo, com o referencial teórico e a revisão bibliográfica. O segundo capítulo disserta sobre subjetividades e a luta antirracista do Grupo Palmares em Porto Alegre, no qual abordo o tensionamento entre a tendência política das mulheres em oposição à tendência cultural dos homens. O terceiro capítulo versa sobre o ativismo negro feminino que vai além de Palmares em direção a uma maior politização das práticas militantes.

1.2 PERCURSO METODOLÓGICO

O processo de construção da pesquisa deu-se através de um estudo qualitativo, e os procedimentos de coleta de dados foram realizados por meio de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, a fim de identificar as dimensões subjetivas da realidade e assim

reconstruir as ideias de negritude que respondem aos desafios das lutas antirracista e antissexista, objetos desta pesquisa.

Segundo Flick (2009), pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo tornam-se dados em si mesmos, construindo parte da interpretação, e são documentados em diários de pesquisas.

Do ponto de vista metodológico, a proposta deste trabalho foi identificar através das falas dos integrantes do Grupo Palmares, ou de pessoas que participaram de alguma reunião, as categorias de análise que mais aparecem nas entrevistas dos integrantes que em suas redes de inter-relações conformam a especificidade dos significados no contexto da década de 1970. Nesta perspectiva, o intuito foi analisar as práticas e ações e mapear os ativismos das mulheres que atuaram no grupo no modo como modelaram a constituição dos territórios existenciais da negritude na luta contra o racismo.

A técnica utilizada neste trabalho, além de pesquisa bibliográfica, foi a análise de documentos constantes no arquivo pessoal de Oliveira Silveira cedido por sua filha, Nayara Silveira. Foram também realizadas pesquisas no arquivo José Hipólito da Costa, em jornais da época Correio do Povo e Folha da Manhã. Para a realização desta pesquisa, duas obras de Oliveira Silveira foram especialmente enfocadas. São poesias editadas na década de 1970 e 1980: “Banzo Saudade Negra” e “Poemas: antologia”. É importante dizer que não se almejou uma análise literária dos poemas, mas sim a observação da rede de articulação dos enunciados referentes à negritude e à mulher.

A reconstituição das bibliografias contou com as contribuições da jornalista Jeanice Dias Ramos,⁵ que auxiliou nas entrevistas. Sua vivência com os entrevistados possibilitou uma mediação com meus interlocutores, facilitando assim a pesquisa e possibilitando aprofundarem temas de suas trajetórias de vida, ou aspectos de sua vida após sua estada no Grupo Palmares. As entrevistas continham em torno de dez perguntas direcionadas a 16 pessoas, sendo que 10 responderam de forma gravada e seis enviaram os questionários preenchidos. Para fins de análise dos dados, criei uma súmula das respostas a fim de formar quadros com as principais ideias dos entrevistados frente às questões. Para fazer a análise temática busquei descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja

⁵ Jeanice Dias Ramos, jornalista, participou na década de 1970 da Revista Tição como redatora e teve contato com integrantes do Grupo Palmares da época estudada.

presença ou frequência de aparição significaram alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 2009, p. 105).

Minha entrada no campo foi bem difícil, tendo em vista que alguns integrantes desconheciam a existência de outros em vista de que suas participações foram em épocas diferentes. Já tinha conhecimento de alguns nomes pela mídia oficial e teses de mestrado que eram em sua maioria de homens. Iniciei minha jornada atrás das mulheres pela fotografia na qual se visualizava uma importante presença feminina. Com algumas foi tranquilo porque já as conhecia. As que não conhecia eram indicadas pela Jeanice, que entrou em contato com elas me apresentando. Confesso que com várias delas a escuta pessoal foi impossibilitada tendo em vista alegarem estar afastadas do movimento e por questões de saúde não quererem participar da pesquisa. Com muita insistência e explicando a importância de sua contribuição, já no final do campo, resolveram enviar seus depoimentos sobre sua participação em Palmares, pelos quais valeu a pena esperar.

O professor orientador desta pesquisa me incentivou a fazer uma dinâmica que consistia em, nos encontros com mulheres negras integrantes do Grupo Palmares, observar a possibilidade de uma reescrita das poesias de Oliveira no sentido de intensificar os devires das mulheres negras e desbloquear os silêncios. A proposta era produzir, em sessões de declamação de poesias do Oliveira Silveira por mulheres militantes da década de 1970, deslizamentos enunciativos em direção ao feminino. Mais além, tratar-se-ia de comentar em grupo os deslocamentos produzidos e os sentimentos provocados como parte do processo de reconstrução afetiva das memórias militantes da década 1970. Os trajetos corporais durante os processos de declamação seriam igualmente comentados em grupo e explorados como dimensões extraconscientes do processo de provocação de memória.

Essa proposta não se efetivou em vista de muitas não quererem dar entrevistas e muito menos se encontrar para uma dinâmica, a solução encontrada foi pedir para que algumas apenas declamassem a poesia de Oliveira ou indicassem uma poesia de sua preferência. As que enviaram depoimento já mencionavam a poesia ao se referir a Oliveira Silveira e as que declamaram em suas entrevistas, percebi que a reescrita se dava em seus corpos que, ao declamar uma poesia, choravam ou se reportavam à época.

Para observar como eclode a luta antirracista nos corpos femininos, entre as ações da pesquisa de campo, participei das rodas de poesias no Sopapo Poético⁶, a fim de identificar as

⁶ Sopapo Poético é um dos projetos da Associação Negra de Cultura, que é hoje uma ramificação do Grupo Palmares. É o grupo de roda de poesia sobre Oliveira Silveira. Rodas de poesias não só do poeta, mas de outros

expressões corporais das mulheres ao lerem as poesias do poeta Oliveira. Tive oportunidade de fazê-lo no Clube Satélite Prontidão,⁷ em um evento que foi um almoço de aniversário da morte do poeta, no qual se deu a roda de poesias. A dinâmica da roda consistiu na seguinte forma: ao comando de um apresentador as pessoas cantam um refrão e batem palmas. A partir de uma lista prévia, uma pessoa por vez é chamada e declama a poesia escolhida. Assim ocorreu sucessivamente até a última pessoa da lista. Ao ser chamada, a pessoa vem cantando, dançando e declama a poesia. Ao terminar, os demais continuam a música ao som do toque dos tambores. Nesta dinâmica toda, os corpos dançam, cantam a poesia rememorando as lutas contra a escravidão e o racismo.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo segue uma perspectiva teórico-metodológica a partir de teorias pós-coloniais⁸ e decoloniais com foco no tema da subjetivação da negritude no Grupo Palmares em Porto Alegre nas décadas de 1970 a 1980 e no ativismo de mulheres negras integrantes do grupo. Sob o enfoque das teorias da colonialidade, esforço-me para articular o cotidiano racista de Porto Alegre da década de 1970 às estruturas da divisão internacional do trabalho e da hierarquização étnico-racial do ser humano. Entendendo que o racismo é considerado estruturador das relações de poder econômicas e sociais na modernidade e cristalizador de certas disposições arcaizantes que parecem naturais para o discriminado e para o discriminador.

Para isso é necessário entendermos o que foi o pós-colonial e o decolonial e suas implicações. Alguns autores sinalizam que o pós-colonial é aquele que, ao identificar a relação antagônica entre o colonizador e o colonizado, busca denunciar as diferentes formas de dominação e opressão (FANON, 1983; CÉSAIRE, 2010; SAID, 2005; HALL, 2009).

O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como grande evento de muitas rupturas e não como etapa já superada pelo pós-colonial. Surge na América Latina e uma das premissas é o colonialismo como eixo histórico da modernidade ocidental e divisão

que compõem e trazem para roda, e neste espaço as pessoas aclamam o nome de Oliveira como uma ancestralidade.

⁷ A Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão provém da fusão das sociedades Satélite Porto-Alegrense, fundada em 1902, com a Sociedade Cultural Carnavalesca Prontidão, fundada em 1925. No ano de 1956, com a fusão das duas organizações, tornou-se a atual Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão. (PEREIRA, 2007, p. 132).

⁸ O pós-colonial como teoria tem seu início na década de 1950-60, marcado pelas independências dos países africanos e vinculado às lutas de libertação dos negros americanos.

internacional do trabalho. Aníbal Quijano conceitua colonialidade e capitalismo como sendo inseparáveis, uma vez marcados pela figura do homem branco heterossexual, que configura o colonizador. E América Latina é produto da trilogia colonialidade do ser, poder e saber, que determina qual é o conhecimento válido, o que é considerado humano e o que não é humano. Cabe acrescentar com Achy Curiel (2017) que o decolonial não é igual em todos os contextos e seguir questões fundamentais como: será que todas as mulheres são oprimidas? os homens são inimigos e as mulheres vítimas? os homens são vitimados? no sistema de dominação patriarcal há submulheres? todas as mulheres são oprimidas da mesma forma? o sistema tem controle sobre o corpo da mulher? os homens negros não são patriarcais porque não tem controle sobre a educação ou as instituições de dominação? Realizei a dissertação atenta a essas questões do feminismo decolonial, já que o feminismo negro, na década de 1970, aventou a possibilidade de que o separatismo que as feministas brancas propunham não valesse para as mulheres negras.

1.3.1 Localizando-me na fronteira de um Feminismo Negro

Tenho como suporte teórico e metodológico os movimentos decolonial e pós-colonial, partindo de Spivak (2010) e Hall (2009), que discutem as imbricações entre práticas imperialistas, racistas e sexistas. Sob esse enfoque, busco reconstituir e explicitar o meu local de enunciação, não apenas de teórica, mas também como mulher informada por uma corporalidade negra que fala além das minhas intenções manifestas. Num lugar de fala que parte dos rastros das memórias de todo o processo de opressão racial e sexista, constrói-se um regime de verdade que não tem a pretensão do absoluto, mas que aponta para possibilidades de conexões como subjetividades do movimento social da luta antirracista do Grupo Palmares, com foco no ativismo feminino negro. Situar-me nas vizinhanças dos processos de subjetivação da negritude da década de 1970 pode ser um processo de construção de um lugar de enunciação perpassado pelas demandas atuais de construção dos processos de subjetivação antirracista, mas a inserção na vida do movimento Palmares através de seus integrantes e de suas lutas antirracistas levou-me muito além da identidade soberana de mulher negra constituída previamente à pesquisa.

Segundo Spivak (2010), os subalternos falam em nossos textos acadêmicos, mas apenas na fronteira. Uma alteridade incontida estilhaça a unidade soberana do autor. Esse é o espaço de enunciação que alguns denominam como o terceiro espaço (BHABHA, 1998).

Localizar a fala do movimento negro e do movimento feminista negro no interior do Palmares para produzir um discurso crítico implica fazer explodir os processos de silenciamento hegemônicos que se impõem, por exemplo, na forma como a obra de Oliveira Silveira é celebrada, como se não estivesse volta e meio atravessada por devires femininos e como se em outros momentos esses devires não estivessem sendo silenciados.

Entrevistar mulheres negras foi um exercício de conexão entre nossos corpos femininos em dimensões mais do que apenas logocêntricas, de modo a fazer explodir o silenciamento inscrito em nossas corporalidades. Falas carregadas de afetos e conhecimentos demarcam um lugar de enunciação do “ser negro e mulher”, que sente no corpo a intersecção do sexismo e do racismo. Se o conhecimento emerge sempre de certo lugar epistêmico, cabe aqui produzir conhecimentos outros que possam emergir de nossas corporalidades femininas negras falando ali onde os discursos militantes masculinos pararam de denunciar. Da intercorporalidade, mais do que da intersubjetividade, emerge o lugar de onde falamos enquanto mulheres negras. A partir desse princípio é que deve se dar a ruptura epistêmica levando a uma descolonização de saberes. Nesta linha de pensamento, e dependendo do processo de subjetivação e afetação corporal ao longo da pesquisa, constrói-se o espaço de enunciação que pode se apresentar como o lado feminino da negritude do Grupo Palmares.

Sigo Spivak (2010), quando se refere ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a). Segundo Spivak, a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido diretamente (SPIVAK, 2010, p.14).

Nesta linha de raciocínio, infere-se que as feministas negras do grupo Palmares tenham se articulado e criado espaços de autorrepresentação através de mídias e jornais, subjetivando assim suas lutas como mulheres negras. Mas também pude constatar o modo como suas experiências foram se tornando menos audíveis e suas falas dentro do grupo e do contexto em que viviam ficaram excluídas da história literária do movimento negro gaúcho. Nesta perspectiva, pudemos inscrever nosso objeto de estudo pelo viés de um movimento de ativistas negras na luta contra o racismo e o sexismo.

Enquanto parte de uma rede, trataremos da inserção feminina como indo além do Grupo Palmares, sendo estendida numa teia de organizações do movimento social que, em

suas trajetórias de trânsito, relaciona-se com outros grupos, tais como congadas, clubes sociais, teatro e agremiações partidárias. A potência da inserção feminina residia justamente nesse trânsito.

Após décadas de decolonialidade, os países do Norte continuam dominando os países do Sul, e isto tem a ver com raça e gênero. Usar o conceito de raça sem ser essencialista é pensar raça como o conjunto dos efeitos corporais das redes de censura, vigilância policial em espaços públicos e demais formas de violência simbólica e física.

E o movimento de mulheres negras dentro do Grupo Palmares surge da possibilidade de lugares de enunciação decorrentes de múltiplas trajetórias de vida e militância, vozes caracterizadas pela emoção e devir de mulher negra resistente na luta antirracista.

1.4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Dos estudos que têm sido feitos a respeito do Grupo Palmares são poucos os com foco nas subjetividades das integrantes. A maioria centra a análise na figura de Oliveira Silveira (SILVA, 2014). Dentre esses trabalhos, destaca-se a dissertação de mestrado de Deivison Moacir Cesar Campos (2006), que demonstra as ligações entre o Grupo Palmares e os movimentos negros norte-americanos. O problema central da pesquisa foi discutir o papel do Grupo Palmares no processo de reelaboração de uma identidade étnica negra no Brasil nos anos de 1970, através da resignificação da memória dos movimentos de Palmares e da tradução das práticas e discursos oriundos da diáspora negra. Esse tipo de abordagem colabora de modo não intencional com o silenciamento da mulher negra.

A tese de Lúcia Brito (2007) sobre Organizações Negras em Porto Alegre trata da questão educacional do negro e o papel fundamental das organizações negras neste processo. O foco é o movimento negro de Porto Alegre, tratado pelas questões de raça e classe e, apesar de seu estudo abordar a grande participação das mulheres negras no papel educacional em irmandades, clubes negros, associação de bairros, o viés feminista não é seu foco de estudo.

A tese *O mundo negro*, de Amílcar Araújo Pereira (2010), trata da constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil da década 1970 a 1995, articulando as ideias de raça e da dupla personalidade tratada em Du Bois. Ao contextualizar o movimento negro brasileiro num espaço transnacional de circulação de conceitos a respeito das experiências do negro norte-americano, do negro na África e do africano brasileiro; Pereira inverte as percepções hegemônicas acerca da circulação de referências negras entre Brasil, Estados

Unidos e África, demonstrando a incisiva contribuição brasileira nesse espaço transnacional (PEREIRA, 2010, p. 106).

Suas análises sobre o movimento negro dividem-se em três fases. A primeira seria com a Frente Negra Brasileira (FNB) como uma força política em âmbito nacional, que se transforma em partido político e, após o Estado Novo de 1937, ocorre seu fechamento, assim como de outras organizações pelo país. Nesta fase, o movimento Social Negro tinha como característica a inclusão do negro na sociedade, com um caráter “assimilacionista”, sem a busca pela transformação da ordem social e com um nacionalismo declarado. Tinham uma forte aproximação com Angola e movimentos Marcus Garvey, mas devido ao forte nacionalismo não aspiravam o retorno a África, e sim se afirmavam como Brasileiros com a noção de seus antepassados terem trabalhado para o Brasil e sacrificado desde Zumbi dos Palmares aos abolicionistas negros. (BARBOSA, 1998, p. 46 apud PEREIRA, 2010).

A segunda fase do movimento negro no final do Estado Novo foi com o Teatro Experimental do Negro e a União dos Homens de Cor (UHC)⁹, está fundada em Porto Alegre em 1943 com ramificações em 11 estados da federação. O TEN buscava inspiração nos movimentos de negritude francófonos e teve importância nos debates contra o racismo e o colonialismo (PEREIRA, 2010, p. 8).

A União dos Homens de Cor (UHC) pautava sua atuação no campo do protesto cultural, possuía uma ação parecida com a Frente Negra no sentido de integração do negro na sociedade brasileira através de sua educação e sua inserção no mercado de trabalho. As mulheres eram colocadas em papéis filantrópicos e recreativos. Os homens ocupavam o papel público e as mulheres ficavam na condição periférica.

Podemos constatar diante da bibliografia consultada sobre o movimento negro que, após o período do TEN, os analistas tendem a focar o MNU em 1987, deixando de lado ativismos como o do Grupo Palmares e outros movimentos existentes em Porto Alegre entre este período de 1970 a 1978, e o protagonismo feminino é minimizado diante das lutas destacadas como viris contra o racismo.

Quando Oliveira liderou o Grupo Palmares foi com o intuito de luta contra o mito da democracia racial, contra o fato de não se poder falar em racismo. O subalterno prefigurado em suas poesias demandava falar em raça, mas não em gênero. Pode-se inferir que algumas

⁹ A UHC foi fundada por João Cabral Alves em Porto Alegre, em janeiro de 1943. Já no primeiro artigo do estatuto, a entidade declarava que sua finalidade central era “elevar o nível econômico e intelectual das pessoas de cor em todo território nacional, para torná-las aptas a ingresso na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”. (DOMINGUES, 2007, p. 108 apud PEREIRA, 2010).

falas de mulheres dentro do grupo ressoaram nessa poética da negritude, mas o feminismo negro experienciado por essas mulheres não se esgota nesses textos.

No momento, me proponho a verificar como estas mulheres lidavam com as questões de gênero, onde estão hoje estas mulheres que eram maioria no grupo, e o que faziam na época, quais suas lutas, verificar se eram as mesmas pautas dos homens e como eram vistas dentro do grupo. Sobretudo, impõe-se analisar como circulavam ideias femininas no interior do movimento transnacional da negritude.

A revista *Tição*, que foi constituída por maioria de integrantes mulheres, traz em suas narrativas sobre o racismo diferentes posicionamentos e entendimentos. Entrevistadas eram de diferentes posições que iam desde as empregadas domésticas, as bancárias, as que trabalham em escolas e funcionárias públicas. Podem-se notar múltiplas compreensões sobre a questão da negritude em suas vidas.

2 LUTA ANTIRRACISTA EM PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1970-80

O objetivo deste capítulo é reconstruir a história do Grupo Palmares levando em conta o papel das mulheres, visualizar suas trajetórias militantes em correlação com as trajetórias masculinas da luta antirracista de Porto Alegre. Está em jogo analisar as práticas de negritude das mulheres em relação à prática poética de Oliveira Silveira, mentor intelectual e um dos criadores do grupo, mais especificamente a prática política das mulheres com relação à prática cultural de Oliveira Silveira.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Primeiro, exponho o protagonismo de mulheres negras no papel de para-choque de seus companheiros. O período era de ditadura e os movimentos estavam imersos num contexto que não permitia manifestações políticas. O Grupo Palmares buscava referenciais e heróis negros a fim de se auto afirmar culturalmente e politicamente, sob a vigilância da Polícia. No segundo tópico, retomo a participação política das mulheres, impondo sua versão da política através de um Manifesto que reclama uma maior politização do movimento.

2.1 PALMARES: MULHERES PARA-CHOQUE

Figura 1 – Primeiro ato evocativo do 20 de novembro no Clube Náutico Marcílio Dias, Grupo Palmares em 1971.¹⁰



Fonte: Arquivo pessoal de Nayara Oliveira Silveira.

¹⁰ Integrantes da foto acima são Oliveira, Nara Soares, André Machado, Antônio Carlos Cortes, a folclorista Lilian Argentina Braga Marques, Salatiel Marques, Leni Souza, Marisa Carolino, Helena Vitoria Machado dos Santos, Décio Freitas e mais duas pessoas não identificadas. (CAMPOS, 2006).

A foto anterior, conforme entrevista de Helena Machado ao CPDOC,¹¹ foi tirada quando ela participou pela primeira vez do Grupo Palmares. Sua entrada no grupo foi através de convite para um evento no Clube Náutico Marcílio Dias em novembro de 1971, ocasião da primeira atividade pública do Palmares - “Evocativo ao 20 de novembro”. Conforme seu relato, nesta ocasião os integrantes passaram a conhecer as propostas centrais que eram de revisão de aspectos da história do negro no Brasil e a necessidade de se discutir e divulgar fatos trazidos à tona pela nova historiografia.

O Grupo Palmares, que se revezou entre duas coordenações, Oliveira Silveira e Helena Vitória Machado, teve duração de 1970 a 1978, conforme constatamos em reportagens de jornais e documentações do grupo. O grupo foi, num primeiro momento, formado por homens que se reuniam na Rua da Praia e em bares, mas a partir de 1972 já era formado por mulheres em sua maioria, conforme observamos em fotografias, e as reuniões a partir deste período ocorreram em clubes, universidades e casas dos militantes. Conforme seu estatuto, teve fundação em 20 de julho de 1971, com objetivos culturais e de estudos. Nas primeiras reuniões, participaram Luiz Paulo Assis dos Santos, Vilmar Nunes, Ilmo Silva, Antônio Carlos Cortes e Oliveira Silveira, conforme relato de um dos integrantes. Mais tarde entrou para o grupo Anita Leocádia Prates Abad e Nara Helena Medeiros Soares, já falecida.

Palmares, segundo entrevista de seu idealizador, Oliveira Silveira, surgiu da ideia de se criar um grupo cultural como espaço para estudos, artes, literatura e teatro. Estavam presentes influências do Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias do Nascimento e do poeta Solano Trindade. A finalidade do grupo era conhecer a história das relações raciais, inspirando-se nos debates socialistas, no Movimento de Negritude, nas independências africanas e nas lutas pelos direitos civis estadunidenses. As reuniões aconteciam desde 20 de julho de 1971 (SILVEIRA, 2003, p. 270), na esquina da Rua da Praia com a Rua Marechal Floriano, no centro de Porto Alegre, a chamada esquina da Massom.¹² Mais tarde as reuniões passaram a ocorrer nas casas dos integrantes, na universidade federal ou em clubes negros da cidade.

Em minhas entrevistas, há flutuações na definição da origem. Um dos entrevistados, Antônio Carlos Cortes, sugere que o Grupo Palmares teve seu início antes de 1970, quando se reuniam para resolver seus afazeres e para discutir suas questões políticas. Nesse ínterim, Oliveira sugeriu a criação de um grupo de estudo para resgatar a história dos heróis negros,

¹¹ CPDOC-FGV Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

¹² Antiga relojoaria de Porto Alegre.

que não eram retratados oficialmente. Então, o desafio foi aceito, a tarefa foi buscar bibliografias referentes ao tema. Nos relatos, Oliveira aparece como o mentor do grupo, aquele que “lia muito e sugeria autores e leituras ao grupo”.

A primeira reunião aconteceu na casa do sogro de Oliveira na Rua Tomás Flores, na qual estavam presentes Luiz Paulo Assis Santos, Vilmar Nunes, Ilmo Silva, Oliveira Silveira e Antônio Carlos Cortes. Conforme Cortes, por sugestão de seus pais, passaram a se reunir em sua casa na Rua da Praia.

Na versão masculina, a chegada ao nome “Quilombo Palmares” se dá por um conjunto de elos entre dimensões masculinas da história: foi descoberto na biblioteca pública o livro de Edson Carneiro, “Quilombo de Palmares”, então definiram o nome de Palmares para o grupo, assim se encontraram com a história de Zumbi. Sob essa versão da história do movimento, os fatos recortados tendem a atestar quase sempre um protagonismo masculino, mesmo que seja branco, em detrimento do protagonismo feminino. Normalmente, essa memória exalta que na sequência, as reuniões passaram a acontecer no clube Náutico Marcílio Dias. Em uma delas se fez presente o historiador Décio Freitas¹³. Os integrantes de Palmares estranharam sua presença, por ser um homem branco que ficou sentado escutando a reunião. Como era um período de ditadura o grupo ficou meio desconfiado, mas logo ele se identificou passando as informações que tinha sobre o Quilombo dos Palmares registradas em seu livro. Esta foi a sua colaboração ao grupo. Também, em função do seu trabalho sobre o Quilombo dos Palmares, Décio Freitas foi convidado pelo Grupo a dar uma palestra.

A maioria dos integrantes homens, ao serem questionados sobre as mulheres que fizeram parte do grupo, muito pouco falaram sobre estas, e quanto à pergunta sobre o protagonismo e as lutas das mulheres, as descreveram como colaboradoras nas festas, nos clubes e na arrecadação de fundos para alguma atividade. Alguns se referem a algumas mulheres do grupo como sendo as mais barulhentas e causadoras de polêmicas. Visualizo essas leituras pejorativas sobre as mulheres negras como mecanismos de esvaziamento de suas práticas e lutas segundo esquemas estereotipados. Outra forma de invisibilizar a questão feminina é esquecer de mencionar sua história e seus nomes. Ocorria quando muitas vezes os jornais mostravam as fotos de mulheres na luta junto aos homens e mencionam os nomes de homens “esquecendo o nome das mulheres”. Alguns homens do grupo na maioria das vezes descrevem as relações entre mulheres e homens nas reuniões como sendo relações

¹³ Décio Freitas foi jornalista e historiador brasileiro. À parte de suas publicações em livros, escrevia no jornal Zero Hora de Porto Alegre, de cujo corpo editorial fazia parte. Nasceu em 6 set. 1922 em Encantado/RS e morreu em 9 mar. 2004.

harmoniosas, ou que tratavam as mulheres de forma respeitosa como tratam suas mães, posição esta que silencia e invisibiliza o protagonismo destas mulheres.

Antônio Carlos Cortes cita Anita Abad como sendo uma das primeiras integrantes mulheres no grupo, mais tarde Marisa Silva, Vera Dayse, Maria Conceição Lopes da Fontoura e Helena Machado. Nenhum dos entrevistados homens mencionou que houve uma coordenadora mulher, eu soube através de documentos e entrevistas do grupo a jornais locais. Os homens negros repetem e reproduzem as práticas do patriarcalismo que não admitem lideranças femininas a grupos de homens como no caso de Helena Vitoria cuja coordenação foi esquecida pela maioria dos integrantes do grupo.

Os documentos nos mostram que desde o início de sua institucionalização o grupo teve uma coordenação feminina, Helena Vitoria Machado, que aparece lendo um Manifesto na reportagem da Zero Hora de 1972. A reportagem da Zero Hora menciona seu nome como coordenadora do grupo junto com Oliveira, um ano depois da institucionalização do grupo. E mais tarde em 1975 um documento da Receita Federal mostra sua assinatura como coordenadora do grupo, isto me induz a pensar que sua participação na coordenação do grupo foi por um período de quatro anos.

Nas entrevistas, alguns integrantes mencionam o nome de outras militantes que muitos não sabiam que tivessem feito parte do grupo, como foi o caso de Maria Conceição Lopes da Fontoura. Uma das características do grupo: as pessoas participavam de uma ou duas reuniões e não permaneciam. Esse deve ser o caso de Maria Conceição, que foi mais tarde presidente de Maria Mulher, Organização de Mulheres Negras em Porto Alegre.

Maria Conceição, fundadora e ex-coordenadora de Maria Mulher, não quis dar entrevistas, insisti em seu depoimento e ela acabou declarando “fui do Grupo Palmares e não tenho nada a acrescentar”. Ao ler sua tese de doutorado (FONTOURA, 2017), ela mesma declara ter participação no Grupo Palmares, inclusive chegou a ter o protagonismo fundamental na aprovação das reuniões do grupo. Quando o grupo adotou como estratégia buscar a aprovação da Polícia Federal, eram as mulheres quem se apresentavam para protegerem os homens de um confronto desigual, conforme seu relato abaixo,

Minha primeira atuação como integrante do movimento social negro, fazendo parte do Grupo Palmares, ocorreu por ocasião da celebração do Vinte de Novembro de 1973. Viviam-se em plena ditadura civil militar. Para a construção daquele Vinte de Novembro, foi preciso muita articulação. Lembro bem de duas atividades ocorridas naquele ano. Uma exposição com os artistas plásticos J. Altair, Maria Lídia Magliani e Paulo Ximenes e a apresentação da peça Do Carnaval ao Quilombo, criação do Grupo Palmares. O espetáculo visitou a História do Brasil, trouxe para o palco informação sobre a história negra brasileira que não se aprendia na escola

naquele período. Músicas identificadas com o tema embalavam a encenação. Como se vivia no período ditatorial, para a apresentação de atividade artística eram necessárias a aprovação e a liberação do evento pela censura federal. Como batismo de fogo, fui encarregada de levar o texto até a Delegacia da Polícia Federal, para a devida aprovação. O prédio da delegacia naquele período ficava na Avenida Paraná. Cumpri a tarefa. Minha mãe e meu pai morreram sem saber que realizei aquela tarefa. Se soubessem, talvez me desaconselhassem, pois, o pavor de possíveis represálias por parte de pessoas identificadas/representantes do regime de exceção era grande. Tudo correu bem. Lembro de o show ter sido apresentado antes a uma pessoa da censura, que autorizou sua exibição. O espetáculo foi apresentado no Teatro de Câmara (...), Carlos Alberto Roxo de Barcellos e Banda Café Som e Leite e Lucia Helena eram artistas locais daquele período. (FONTOURA, 2017, p. 46-55).

Conceição foi incumbida de levar o texto do grupo para a Polícia Federal aprovar. Uma mulher negra levar um documento à Polícia na época da ditadura me faz pensar na importância que ela dava à luta racial e o significado desta na época que não é o mesmo atual. O que estava em jogo na época de Palmares era a luta racial; mais tarde ela abraçou a causa da luta das mulheres negras o que minimiza a memória da participação do movimento mais geral.

Para reconhecer dois acontecimentos de épocas diferentes como sendo parte da história de um único indivíduo, temos que dispor de um critério de identidade do indivíduo em cada uma dessas épocas, independente de sua participação nos dois acontecimentos da mesma forma (APPIAH, p. 58, 1997).

Isto implica dizer que na época de Palmares ela se identificava com a luta racial e hoje com a luta das feministas negras. No entanto isso não quer dizer que na época não se pensasse como mulher e negra e não soubesse dos perigos que corria em ir à Polícia Federal. Discutirei no último capítulo como a questão de gênero ficou nessa fase subsumida à questão racial.

Antônio Carlos Cortes afirma que no início do grupo não havia atas nem registros, era tudo informal, o objetivo era não chamar a atenção da Polícia Federal, que vigiava qualquer grupo. E conforme relato de Jeanice Ramos, reuniões ou grupos com mais de três pessoas em casa ou na rua eram consideradas suspeitas. Inclusive os porteiros de prédios se encarregavam de informar qualquer reunião que considerassem clandestinas.

Um dos eventos do Grupo Tição no Clube Marcílio Dias,¹⁴ conforme entrevista à Jorge Freitas (2018), foi liderado pelas mulheres com objetivo de arrecadar fundos para o pagamento da gráfica da revista Tição. Na ocasião, tocava no conjunto “Café, Som e Leite” o radialista, cantor e ativista Roxo,¹⁵ e havia policiais negros infiltrados, vigiando o recinto. No

¹⁴ Clube Náutico Marcílio Dias, fundado em Porto Alegre em 4 de julho de 1949.

¹⁵ Carlos Alberto Barcellos Roxo trabalhou como jornalista da Zero Hora, tocava no conjunto “Café, Som e Leite”, muito conhecido como ativista do movimento negro na época. (Entrevista concedida por Vera Dayse, 18 de março de 2018).

final do evento, apareceu um agente da Polícia Federal fazendo perguntas sobre quem eram os integrantes da revista *Tição*. Quem foi à frente para negociar a situação foram duas mulheres, Jeanice Ramos e Vera Dayse, que, conforme relatam, “tiraram de letra”, sem comprometer ninguém. Note-se que para os homens não se complicarem, foi acordado pelo grupo que fossem mulheres a dar explicação.

Nós éramos jovens e, numa das reuniões do grupo da revista *Tição*, tiveram uma visita do policial federal. A época era conturbada, não podia ficar mais do que três, quatro pessoas juntas que eles mandavam circular¹⁶, havia muitos policiais vigiando os atos e ações dos negros na época. Então, tudo que era zelador de edifício era dedo-duro, informava aos agentes da polícia onde tinha reunião, onde que não tinha. Eles que sabiam, diziam pra polícia onde que tinha apartamento que estavam se reunindo mais de duas, três pessoas. Os zeladores que tinham essa função, vamos dizer. Era época da ditadura e não havia abertura suficiente, mas a gente era jovem. Então, isso a gente tirou de letra. A gente tremeu sim, mas tiramos de letra. Então, eu e a Dayse conduzimos bem a história. Mas o *Tição* foi importante sim, deixou marcas positivas, e eu acho que não só no jornalismo, mas na sociedade porto-alegrense e gaúcha (RAMOS, 2018).

Sob a perspectiva dos ativistas negros, com a ditadura militar no país havia um apagamento de conceitos de liberdade, professores de humanidades e líderes políticos foram interditados e expulsos do país e as ideias que vinham sendo debatidas sofreram censuras. O grupo se reunia periodicamente, em universidades, nas residências dos militantes, e em órgãos públicos ligados à cultura, para discutir a importância e a participação do negro no processo histórico do Brasil, promovendo encontros culturais, conferências, shows e exposições. Assim buscava-se “preencher a falta de informações da comunidade negra sobre sua própria história”. Foi um dos grupos responsáveis pelo novo enfoque dado às raízes culturais do negro brasileiro. Em 1974 o movimento propõe a data de 20 de novembro, passagem que marca a morte do último rei da República de Palmares, como alternativa ao 13 de maio. Essa iniciativa veio a ser seguida por outros grupos no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, vindo a se constituir, através do Movimento Negro Unificado, o “Dia Nacional da Consciência Negra”, conforme relato Helena Machado.

As reuniões eram tanto no Marcílio como no Floresta Aurora, e apareciam para o debate de cinco a cinquenta pessoas. A princípio, era constituído por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O grupo era transitório em sua definição e estruturação, alguns integrantes participavam de algumas reuniões, mas não permaneciam no grupo. Sr. Eloy Dias dos Anjos, que foi integrante do Grupo de Teatro

¹⁶ Circular, ir andando. Não podiam ficar mais de três negros numa esquina ou em reuniões em apartamentos, que caracterizava terrorismo.

Razão Negra¹⁷ de Porto Alegre, fez parte de uma reunião, mas não permaneceu no grupo. A transitoriedade de integrantes no grupo foi uma característica marcante, e podemos observar pelo quadro dos integrantes fixos que mesmo esses muitas vezes não conheciam ou desconhecem o quadro de todos que participaram na época.

Liam os textos e debatiam, o objetivo era realçar e visibilizar autores “nossos a fim de criar a nossa própria história, a história do negro brasileiro” (CORTES, 2018). Mesmo tendo de início referências e conhecimento de autores americanos como os Panteras Negras e movimentos dos direitos civis, queriam construir sua história com olhar da realidade brasileira:

A gente tinha sim uma leve noção do que estava acontecendo lá. E aí a gente buscou uma certa inspiração, mas com o nosso olhar. Buscar não os heróis estrangeiros que a gente sabia que existiam. Mas, realçar para nós não interessava, alguém chegar e dizer: mas que, Zumbi não existia. Mas pra nós existe, é uma referência (CORTES, 2018).

Serviu de referência nas reuniões do grupo, além do Teatro Experimental do Negro, o livro de Abdias do Nascimento “Drama para negros e prólogo para brancos” e “Palmares” de Décio Freitas. Antônio Carlos Cortes reforça a ideia da necessidade de ler e saber quem foram os autores negros que marcaram a História do Brasil, e ter uma posição a partir desses. “Não importa o que os autores estrangeiros pensam, pois estão pensando a partir de suas realidades, e nós temos que pensar por nós” (CORTES, 2018). Isto nos faz refletir sobre um pensar de Palmares subjetivando sua negritude a partir de heróis nacionais ou referências negras locais.

Cortes foi chamado com Oliveira a depor na Polícia Federal a fim de explicar o que eles estavam fazendo, e relata Cortes que:

Fomos sem advogados, sem nada. Explicar o que nós estávamos fazendo, que era realçar o que nós entendíamos que era a verdadeira história do negro. Era isso. Enaltecer a nossa etnia. Aí na visão deles, nós éramos uns neguinhos inocentes, uns neguinhos burros, que nem sabiam o que estavam fazendo. Embora a gente sabia o que estava fazendo. Mas deixamos passar isso pra eles. E eles nos liberaram. Não, não incomodaram mais. Apenas, alguns eventos que nós realizamos... Nós precisávamos carimbar, fazer o roteiro e levar para carimbar (CORTES, 2018)¹⁸.

O Grupo Palmares era cultural e tinha que levar todo o roteiro de suas atividades à Delegacia de Polícia Federal conforme relato de seus integrantes. O contexto era de ditadura,

¹⁷ Razão Negra foi um grupo teatral existente em Porto Alegre que se inspirava no Teatro Experimental do Negro criado por Abdias do Nascimento. Era composto por Jaime da Silva, Isamara Dias, Eloy Dias dos Ângelos, Leriane Barbosa e Osvaldo dos Reis.

¹⁸ Dr. Antônio Carlos Cortes, entrevista concedida em 9 mar. 2018 em seu escritório no centro de Porto Alegre.

as pessoas não podiam se manifestar politicamente e nem falar de racismo. Parte das mulheres o processo de politização do movimento, reclamando que o negro deveria assumir sua negritude, já no primeiro Manifesto em 1972. Num primeiro momento denunciam o aculturamento sofrido pelos negros e no segundo Manifesto em 1974, no Jornal do Brasil, direcionam todas as discussões para ações que poderiam ser tidas como eminentemente políticas.

Essas mulheres contribuíram para a forma cultural do grupo, mas também sabiam usar a cultura para partir para ações mais efetivas para além da politização da cultura através da poesia, da música, dança, capoeira e religião e tudo que envolvesse a educação para o ativismo antirracista. Ao finalizar suas atividades em 1978, alguns integrantes migraram para a Revista Tição¹⁹, que teve duas edições, uma em 1978 e outra em 1979.

Pode-se inserir o Grupo Palmares na esteira de um movimento amplo que foi se consolidando ao longo do século XX nos segmentos mais escolarizados da população negra. Nesta linha desenvolveu percepções da negritude como forma de luta e resistência. Luta essa que se conformou em experiências tais como irmandades religiosas, clubes negros, terreiros religiosos, grupos de estudos, movimento soul²⁰, grupos de afoxé, teatro e poesia.

¹⁹ O grupo Tição nasceu quando Vera Dayse saiu de Palmares. Seus integrantes fundadores foram Vera Dayse, Jeanice Dias Ramos, Jones Lopes, Jorge Freitas e Emilio Chagas. Tratava-se de um grupo de jornalistas universitários que escreviam pautas direcionadas para a população negra. O primeiro número da revista só foi editado em 1978, e o segundo em 1979, e a publicação única do jornal Tição em 1980. (Entrevista com Vera Dayse Barcellos em 18 de março de 2018).

²⁰ Movimento que surgiu nos anos 1960, período que o mundo conheceu a palavra consciência negra, nascido na América com o movimento Black Power, chegando ao Brasil nos anos 70. Na política, o carisma de Martin Luther King e Malcon X. Os cabelos Black Power eram moda como maneira de demonstrar o orgulho e a união da raça. Na música brasileira, surge um ritmo da música americana que influenciou no início da década de 1970. As reuniões dançantes aconteciam nos clubes negros, tais como o Floresta Aurora, com músicas de James Brown, Jackson 5 e outros. No Brasil, surgiu a *soul music* influenciada pelo balanço negro americano. A Som Livre apresenta hits de Tim Maia, Wilson Simonal, Jorge Ben, Black Rio e Sandra de Sá.

Figura 2 – Grupo Palmares – Manifesto

GRUPO PALMARES DE P. ALEGRE

(esta é a posição de seus integrantes)

Entendendo que está em Palmares - e não em 13 de Maio - o momento mais significativo da história negra no Brasil, alguns elementos negros resolveram reunir-se em julho/agosto do ano passado e formar aqui em Porto Alegre o **Grupo Palmares**. A intenção, ao escolherem o nome, era de homenagem aquilo que é a maior afirmação da dignidade humana, da capacidade do homem negro e sua valorização da liberdade.

Evocar Palmares hoje, três séculos depois, significa motivar-se para uma perspectiva frente à realidade atual do negro. Esse o sentido da inclusão, nesta revista, do presente depoimento, redigido por **Helena Vitória Machado**, coordenadora atual, discutido e aprovado pelo grupo.



Reunião do grupo Palmares: uma posição negra

A integração do negro é assunto que está se convertendo num dos temas de maior impacto para a consciência política do mundo de hoje. Nele se envolvem professores, eruditos, intelectuais negros e brancos, políticos e agitadores. Suas raízes e implicações, sua explicação e justificação são um longo processo, que nasce no antigo, com uma continuidade permanente mas que foi superada pelos desvios e confusões da historiografia oficial. Nós criamos sob mitos históricos certas reservas quanto a vultros situados na oposição, a ponto de ignorarmos totalmente nossas raízes culturais.

A existência, por quase um século, de uma república negra livre, no litoral nordeste, por exemplo, é fato pouco divulgado e bastante deformado no próprio Brasil.

Medido na escala histórica do século XVII, isto é, considerando o fato de que Portugal era das primeiras nações colonialistas do mundo e Pernambuco a Região mais rica da colônia brasileira, a revolta de Palmares assume importância muito superior à atribuída pela historiografia brasileira. Essa rebelião, por si, só sobressai como o acontecimento mais importante na história de Pernambuco (segunda metade do século XVII) e como um dos mais sérios problemas que a administração lusitana enfrentou no Brasil - a própria Metrópole reconhecia francamente que a extinção da rebelião tinha importância comparável à expulsão dos holandeses do Nordeste.

Ainda assim, o movimento de Palmares, na história oficial, foi tratado antes como fenômeno de repressão tribal ("ação civilizadora") do que como protesto social, como busca de afirmação dos direitos humanos de honra e dignidade.

A escravidão e suas consequências deixaram o negro em um estado de inferioridade econômica e cultural, debilitando também seus vínculos familiares.

Além disso, ficou uma forte tradição de adaptação à autoridade paternalista, daí o protótipo de negro servil e ingênuo. Na realidade, o resultado mais direto foi que os negros tiveram muito poucas oportunidades para auto-afirmar-se e mil razões para aprender e depreciar-se.

O SENTIDO DE UMA AÇÃO GRUPAL

Partindo desses aspectos e tendo como pacífico.

—Que o ponto fraco mais grave é a falta de uma base teórica realmente firme e o reconhecimento da tradição histórica dará rumo à busca de uma ideologia negra; - que reafirmando e reconquistando sua cultura ele será negro, e visto como tal, irá se impor como ser humano completo.

Foi estruturado o Grupo.

Se considerarmos que o negro é herdeiro de uma cultura diferente temos que convir que ele precisa ter consciência disso e certamente, uma volta às origens, trará como proveito um enriquecimento cultural.

Esses conceitos envolvem implicações de toda a ordem, provocando o surgimento das mais diversas correntes de atuação e ataque no problema negro. Assim, quando se alimenta a formação de uma cultura afro/americana, corre-se o risco de vê-la demasiadamente submetida aos conflitos provocados pela discriminação e então deturpa-se sua orientação. Talvez o processo ideal para a busca de um passado negro seja desenvolver paralelamente o ajuste da cultura ocidental aos propósitos da raça.

Na sua atuação, o Grupo tem sempre procurado um enfoque de integração no sentido de conscientização, isto é não se trata só de encontrar meios para denunciar o racismo, mas fazer um negro descobrir sua missão: cumpri-la ou traí-la.

Não mais convence a badalada integração racial, comumente pensada em termos de alienação de si mesmo, de adoção dos padrões estéticos brancos. (o negro é um branco incompleto?)

Por outro lado, a oposição à ideia de desenvolver o trabalho aliado a elementos brancos, se apoia num conjunto de motivos complexos:

—Primeiramente, um impedimento de ordem psicológica, na possibilidade de criar uma consciência coletiva negra com ajuda branca;

—Já que se trata de desmascarar a mentira mais importante da questão: "os negros, é inerente à raça, só podem fazer o mesmo que os brancos se ajudados por eles" (mito da superioridade branca), só os negros poderão transmitir a ideia revolucionária da capacidade negra de realizar por si mesmos.

No entanto, afirmar que o branco não pode captar totalmente o impacto do racismo e suas manifestações na consciência negra, não significa excluir totalmente qualquer possibilidade de trabalho em conjunto. Uma posição tão radical só terá um efeito: acentuar mais ainda o sentido de desigualdade do

mundo branco contra ele. Restringimos a aliança quanto às faixas em que o negro precisa se superar, adquirir responsabilidade coletiva, dignidade como indivíduo.

Temos bem presente que a adoção de táticas estrangeiras segundo os moldes norte-americanos - como o retorno à África, são simplesmente formas de integração radicais, ditadas por circunstâncias muito diversas da nossa realidade nacional.

PERSPECTIVAS DE AÇÃO

O objetivo é criar uma força negra, que fale das necessidades de uma raça oprimida, usando as palavras que se impuserem, sem temer as pressões que a taxem separatista ou racista. A experiência negra transcende ao nacionalismo. Negro ou branco que adquirir uma mentalidade científica não dará chances a odiosos "raciais" e a melhor maneira de revelar a consciência política-social do negro é estender suas perspectivas além das fronteiras da nação, para que enxergue o problema em escala mundial.

Isso não quer dizer que se procure um plano geral infalível, uma fórmula exclusiva, pois as táticas são sempre ditadas pelas circunstâncias históricas. Se o grupo tem métodos próprios, são resultados da discussão dessas circunstâncias. Se inicia um programa, parte sempre da dupla realidade: carência de educação e apatia do homem negro. Logo, não pode realizar uma lógica total de autodeterminação negra, mas pode, isso sim, ajudar a comunidade a:

- Definir suas necessidades
- Ter consciência de sua força.
- Preparar para que a ação se realize por meios que ela irá eleger.

É difícil assumir o encargo de enfrentar o problema do negro com uma solução global. Ainda assim, cabe-nos um certo número de abordagens, principalmente aquelas que forem decorrentes de nosso conhecimento cada vez mais pormenorizado ou mais claro, do papel do negro nesta sociedade, suas responsabilidades. Os limites do seu campo de ação, o grau de agressividade que lhe cabe empenhar (omissos por modestia ou por incúria?)

Por isso, nossa entrada no problema precisa ser consciente, com posições claramente assumidas de quem quer contribuir e por isso compreender para melhor realizar.

2.2 MULHERES IMPONDO A VERSÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO NA RUA

Este subcapítulo se destina a analisar o ativismo feminino procurando ver como essas percebem o que é cultural e o que seria político nas práticas do Grupo. O manifesto publicado na Zero Hora de Porto Alegre no qual aparece, da esquerda para direita da fotografia acima, Helena Vitoria Machado, Anita Abad, Antônia Carolino, Marli Carolino e Oliveira da Silveira, sob o título “Grupo Palmares de Porto Alegre, esta é a posição de seus integrantes”, versa sobre “o sentido de uma ação grupal e a perspectiva de ação”. Este documento e outros com visibilidade das mulheres foram publicados em jornais locais e internacionais²¹, são momentos de visibilidade das integrantes mulheres do grupo Palmares. O manifesto de 1972 na Zero Hora e em 1974 no Jornal do Brasil são momentos em que mulheres colocam em ação uma proposta mais política de movimento em lugar do viés mais cultural da liderança de Oliveira Silveira.

O Manifesto mostra o protagonismo das mulheres do grupo Palmares na perspectiva de se opor teoricamente a ideologias da democracia racial, e propondo “se assumir como negros e agir como tal, não se deixando levar pelas ideologias de branqueamento e alienação”. As mulheres estão propondo uma forma de agir e pensar, sob um novo enfoque para época e em que o se assumir como negro significava integração do negro na sociedade de classe com consciência de seu papel, de sua contribuição na constituição do país e pela luta por inclusão no mercado de trabalho, educação, saúde e territorialização no meio urbano.

Gerou-se no grupo uma especial sensibilidade para com a exclusão racial e econômica em que vivia o negro, o modo como nesta época estavam sendo expulsas dos centros urbanos, empurradas para bairros mais longe da cidade, que hoje chamamos favelas e vilas, sem as mínimas condições de sobrevivência, longe de seus locais de trabalho e muitas vezes sem as mínimas condições de saneamento básico (MACHADO, 2017).

No contexto da ditadura em que eram precárias as condições de vida da maioria da população negra, lembrando que não tinham acesso a universidades, poucos ocupavam cargos nas funções públicas, a maioria das mulheres eram domésticas, os integrantes do grupo Palmares podiam se considerar privilegiados. Se propunham em agir politicamente para a melhoria de vida para essa população, queriam “criar uma força negra que falasse das necessidades de uma raça oprimida [...] usando as palavras que se impuserem, sem temer as pressões que o taxem de separatista ou racista” (ZERO HORA, 1972, p. 5).

²¹ Conforme depoimento de Marli Carolino, a reportagem saiu no Jornal francês Le Monde.

A posição de Oliveira Silveira e demais componentes masculinos tendia a afirmação Cultural mais do que Política do grupo. Num contexto de repressão exclusão dos negros do mercado de trabalho, para as mulheres se impunha uma formatação mais política para o grupo, até porque eram elas quem estavam na frente das negociações mais tensas com as autoridades repressivas. Percebi através dos depoimentos que as posições femininas eram heterogêneas, algumas estavam ali para aprender, outras atribuíam o “ser político” ao homem, mas uma parte substantiva do grupo foi incorporando disposições mais radicais para a contestação política.

Na tese de Sandra Maria do Nascimento (2007), em seus estudos sobre mulheres no Maranhão e por ocasião de um encontro com essas mulheres, ouviu a seguinte fala, “a gente fazia a feijoada e eles o discurso, a gente preparava o palco e eles subiam, a gente arrumava o microfone e eles falavam”. Começamos a ver que “a gente teria que ter outro olhar, que a gente teria que se politizar mais e ter o poder de decisão”, esta visão de mulheres politizando seus engajamentos é o mesmo movimento que analiso no caso do grupo Palmares.

Lélia Gonzales (1991, p. 9), em seus estudos sobre opressão de raça, classe e gênero, escreve que, no Brasil, a participação das mulheres no movimento negro é que despertou a consciência da discriminação racial por parte de movimento feministas e da reprodução de práticas sexistas pelos companheiros negros do ativismo antirracista. As mulheres não tinham oportunidades para se colocarem politicamente nos espaços de decisão e se deram conta de seu papel político na militância dos dois movimentos. No caso em pauta, cabe acrescentar que não apenas elas rompem com o paradigma de que só os homens negros ou as mulheres brancas podiam ser plenamente políticos, mas ela se apresenta como a possibilidade da radicalização política, rompendo como uma lógica de culturalização da política. Por culturalização da política, entende-se aqui o ativismo sob o princípio de o negro não pode ignorar sua cultura sob o risco da alienação e da perda de seus referenciais culturais negros. As mulheres negras, ao transitarem por diversos grupos e militâncias no movimento negro, levam sua luta para o espaço público e na rua impõem uma versão mais radical da política do movimento em que o que está em jogo a utilização instrumental dos espaços culturais negros para se fazer política de reparação racial. As mulheres negras do grupo Palmares trabalharam ativamente para a abertura da agenda cultural do movimento para outros temas como territórios negros, a inclusão no mercado de trabalho, a estética negra como posicionamento político, a violência contra jovens negros.

Os entrevistados homens informam que quando o grupo se envolveu em política se esgotou, e que o partido dos negros é o partido alto e autônomo²². As evidências produzidas pelas entrevistas com as mulheres do movimento, indicam que foi quando as mulheres saíram do grupo e foram atuar em outras frentes e grupos que o Grupo Palmares se esvaziou. Na saída destas, por ocasião da formação do MNUCDR, as mulheres ao lado de Oliveira levaram para o centro do país a proposta de troca do 13 de maio pelo 20 de novembro, como data a ser associada à emancipação negra.

Para a facção masculina do movimento, o horizonte político é a ruptura com o imaginário da assimilação. Zilá Bern, em seu livro *A Questão da Negritude* (1984), sugere que o fenômeno de “assimilação” tal como captado por Fanon (1983), ao criar a metáfora das “mascaras brancas”, refere-se a homens de “pele negra” que acreditam que para ascender socialmente devem identificar-se com o branco, alisando o cabelo, assumindo sua música, sua religião, seus costumes e sua cultura. É possível que pela circulação da literatura transnacional negra, esse debate fizesse parte do movimento Palmares e deixa rastros no primeiro Manifesto.

²² Houve na época a tentativa de se criar um partido negro relatado pelo entrevistado Jaime Silva.

Figura 3 – Manifesto



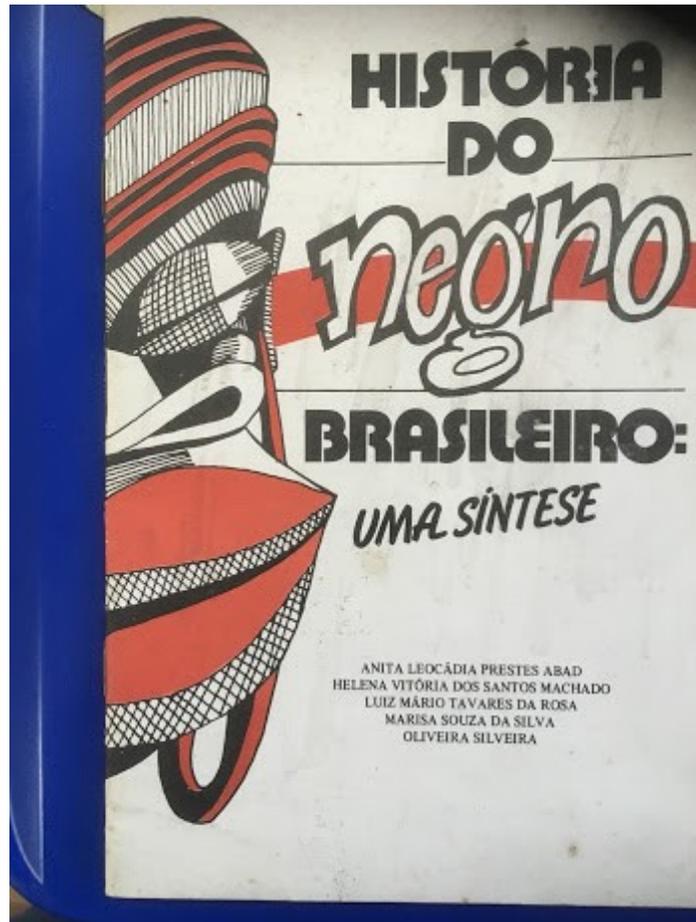
Fonte: Jornal do Brasil (1974, p. 5).

O segundo Manifesto²³ no Jornal do Brasil, já vinha com uma proposta política de ações junto às comunidades negras no sentido do reavivar das verdadeiras raízes culturais do negro no Brasil. Instigam historiadores e professores próximos a se fazerem autores de livros que façam a revisão historiográfica, visando especialmente a inclusão da história de Palmares nos livros didáticos. Uma das publicações do Grupo em que as mulheres foram a maioria a escrever foi a “Mini História do Negro Brasileiro”. Em 1976, o Grupo Palmares editou e distribuiu um pequeno ensaio, difundindo dados que situavam a população negra, suas origens e seus problemas atuais enquanto grupo social. Mais tarde, com a reformulação do Palmares, militantes realizaram uma análise crítica da Mini História do Negro Brasileiro e, com uma nova perspectiva, elaboraram a “História do Negro Brasileiro – Uma Síntese”, com pesquisa e redação de Anita Leocádia Prestes Abad, Helena Vitória dos Santos Machado, Luiz Mário Tavares da Rosa, Marisa Souza da Silva e Oliveira Silveira. Essa publicação foi editada e lançada em 1985 pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) da Prefeitura de

²³ Zumbi dos Palmares: Manifesto reafirma a busca da Integração (Jornal do Brasil, 1974).

Porto Alegre, por iniciativa da comissão responsável pela coordenação da “Primeira Semana do Negro”. Ao mesmo tempo que denunciavam a lei áurea no sentido de que não significou uma mudança de vida para os negros, buscavam um modo de popularizar as pesquisas, com vista a uma maior resposta no terreno social.

Figura 4 – “História do negro brasileiro”



Fonte: Arquivo pessoal Nayara Silveira.

Para a perspectiva feminina, no que explicita, Helena Vitória, o que estava em jogo não era criar heróis, porque a história de criação de heróis é do sistema, porque “os nossos heróis existem e continuarão existindo, são coletivos”; está em pauta trabalhar os coletivos, os trabalhos desses heróis são coletivos e não aparecem. A partir do Manifesto, as mulheres propõem novas formas de pensar o negro e uma agenda de denúncia do racismo. Como descreve Helena Machado, o Grupo Palmares, em ser apenas de um ativismo culturalista, não estabelecia uma agenda política para uma ação militante e não favorecia a afirmação da

identidade racial. De início, não se limitava à contextualização conjuntural do racismo, propondo-se apenas um papel informativo.

2.2.1 Tensões entre o ativismo cultural e o político

O Grupo Palmares se inspirava e mantinha contato com militantes e estudiosos do centro do país como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Oswaldo de Camargo, que recebiam informações do que estava ocorrendo fora do país em termos de negritudes e movimento civis americanos. Os homens do grupo tinham uma maior tendência a um tipo de ativismo cultural e algumas mulheres queriam que o grupo fosse mais político, a fim de atender às demandas da população negra de uma forma mais efetiva. O contexto exigia que o grupo desse respostas à altura e sincronizadas com as forças sindicais. Através do segundo manifesto, as mulheres propunham “criar uma força negra que falasse das necessidades de uma raça oprimida usando a palavra que se impusesse, sem temer as pressões que a taxam de separatista ou racista”. (ZERO HORA, 1974).

Para a ala masculina, ao se buscar na história símbolos e valores de uma cultura negra coloca-se em xeque a cultura nacional vigente, propondo-lhe novas histórias, em contraposição à história oficial. Oliveira Silveira encabeçava essa tendência culturalista que evitava termos e agendas de confronto explícito. Em contraposição, no manifesto fica explícito que as integrantes mulheres almejavam seguir uma linha mais política de contestação²⁴.

Essa tensão entre o ativismo cultura e um ativismo explicitamente político já foi alvo de um número significativo de análises e inclusive gerou um intenso debate sociológico, opondo renomados sociólogos como Luiza Bairros (1996), Hanchard (1994), Bourdieu e Wacquant (2002), entre outros. Para o teórico afro-americano que veio ao Brasil fazer estudos sobre as relações raciais, o insucesso do movimento negro brasileiro se devia entre outras razões ao fato de seguir uma linha culturalista e não política de ativismo, ao tempo em que persegue símbolos africanos, desprovendo-os de seu conteúdo político e ideológico.

²⁴ O que estou analisando sobre cultura e política vem antes dos estudos do MNU, que é bem explicado na dissertação de Kelly Moraes (2012), sobre o que é Cultura Política e Política cultural no Movimento Negro. Estou analisando um período anterior a este conceito que é novo, foi definido a partir de ações, desenvolvida por adm. públicas, ong com objetivo de promover a intervenção na sociedade através da cultura. E que se diferencia de Cultura Política (práticas culturais x políticas negras), exemplo desfile de blocos, comemoração da semana da consciência negra. Os Estudos da Cultura Política e Política Culturais no movimento negro são tratados na dissertação de Kelly Moraes (2012), seus estudos são após o que estou tratando.

Segundo Hanchard (1994) o movimento negro brasileiro se apropriou do discurso radical da Negritude, do Pan-Africanismo e do Black Power, manifestações da diáspora, sem enraizá-los numa prática política capaz de criar o que o autor chama de “movimento histórico”. Aqui, o movimento negro não teria buscado o confronto, a disputa aberta pelo poder tal como aconteceu na África e nos Estados Unidos nos anos 60-70. Segundo suas análises, os movimentos negros brasileiros deveriam romper com a ideologia da democracia racial propondo o problema numa perspectiva similar a dos movimentos civis americanos.

Luiza Bairros (1996) responde a esses questionamentos em seus artigos o “Orfeu e o Poder: uma perspectiva Afro-americana sobre a política racial no Brasil”. Para Luiza, os estudos do autor afro-americano se baseiam em um recorte temporal anterior a 1970, no qual os movimentos negros se definiam de fato como movimentos culturais. A partir de 1970 o Brasil viu ocorrer os movimentos Soul em que uma juventude favelada era considerada uma ameaça pela ditadura militar. O movimento teve um papel político explícito, já em 1978 com surgimento do MNU, Movimento Negro Unificado, e com uma agenda voltada para a politização da questão racial.

O culturalismo que Hanchard (1994), atribui ao movimento negro o leva à analogia com a lenda na qual Orfeu perde a sua Eurídice por perder contato com a realidade ao olhar para trás. De modo análogo o movimento negro brasileiro ao se fixar no passado e na cultura do candomblé, teria perdido pertinência política para corrigir a realidade racial brasileira. Olhando para uma África monolítica e unitária, como base de sua identidade coletiva, o movimento tende a ser demasiado diaspórico e pouco efetivo. Para centrar-se numa visão de mudança social radical precisaria ser menos diaspórico e mais nacional, em sua orientação política.

Essas críticas ao movimento negro foram rebatidas pela ativista e socióloga Luiza Bairros, e considero seu argumento de relevância e que cabe aqui ressaltar, a especificidade da busca afro-brasileira de uma identidade como negro. Concordo com Bairros ao dizer que o “processo de recuperação de nossa historicidade envolve múltiplas contribuições para o que significa “ser negro”, uma vez que ser negro neste país envolve não ser humano e não ter direitos”. Desde esse ponto de vista a busca pela identidade negra é plenamente política e não apenas um movimento culturalista.

Contudo, mesmo se algumas teses vêm apontando para o caráter político do resgate cultural do movimento negro, é importante se atentar para os limites deste resgate. Daí o insistente sentido da análise de Hanchard de que o movimento negro transformou a afirmação

das práticas culturais, religião, música e dança no eixo da contestação à ordem racial vigente, em detrimento da luta na esfera política. Isto é, a cultura foi utilizada como um fim em si mesmo e não como meio de mobilização e ação política na reivindicação dos direitos civis (HANCHARD, 2001, p. 39). Essa pode ser uma caracterização válida para a primeira fase do movimento Palmares dominada por um ativismo masculino.

Análises recentes sobre o movimento negro contemporâneo observam que as práticas culturais de suas organizações constituíram o principal mecanismo de mobilização política. As atividades ligadas à cultura negra desenvolvem um papel importante de conscientização racial. No entanto, apenas pela política culturalista, não se chega a conjuntos mais abrangentes e heterogêneos de atividades étnico-políticas. Os símbolos e os artefatos afro-brasileiros e afro-diaspóricos são reificados e transformados em mercadorias, a cultura se transforma em coisa, não em processo político. (HANCHARD, 2001, p. 38).

Hanchard (2001), apesar de apontar a tensão entre política e cultura no interior do Movimento Negro, percebe a cultura enquanto uma estratégia política, ou seja, a cultura é um meio para que se obtenha avanços políticos.

Conforme a tese de Moraes (2012), é tradição no movimento negro contemporâneo que haja mobilização política e cultural em conjunção na forma de sua organização. Suas análises partem da pergunta de como as práticas culturais têm influenciado a maneira de agir e pensar dos integrantes do movimento negro. A tensão entre práticas culturais versus políticas negras são a base em que se apoia a própria cultura política do movimento negro.

Moraes (2012) tem como objetivo analisar como são construídas as políticas culturais do movimento negro em Porto Alegre e examinar as estratégias de ação no interior das organizações do movimento. Conclui que nas últimas décadas os movimentos sociais têm reivindicado ações culturais que têm redefinido conceitos e práticas em suas formas de participação política. Na esteira de Bairros, seus estudos demonstram que a tendência cultural e política do movimento tem um recorte temporal. Até a década 70 o movimento tem um ativismo que se define como sendo mais cultural, e após a fundação do MNU, o ativismo político passa a prevalecer. Contudo, acrescenta que as fronteiras entre o político e cultural sempre foram fluídas, e que é parte da atividade política transformar o entendimento de determinadas práticas como próprias da cultura negra. Por outro lado, toda a agência política ocorre no interior de práticas e orientações culturais específicas (MORAES, 2012).

O que minha análise traz de novo ao debate é que não apenas há um recorte temporal para as tendências mais culturalistas ou politizantes do ativismo negro. As mulheres negras do grupo Palmares, já na década de 1970, disputavam para que o movimento fosse menos

cultural e mais político. Essas militantes usavam práticas culturais, não só para fins de conscientização racial e cultural, trazendo ao de cima a contestação política ao racismo e à exclusão da população negra.

No contexto histórico em pauta, as divisões de gênero pesam em favor de uma ou de outra vertente militante. Para as mulheres negras do Grupo Palmares o grupo deveria ser menos cultural e mais político, usar suas práticas culturais, não só para fins de conscientização racial e cultural, trazendo ao de cima a contestação política ao racismo e à exclusão da população negra. Embora não fizessem uma militância feminista estrita, no período em que militaram no Grupo Palmares, lutavam para que o grupo seguisse uma linha política de combate ao racismo, mas incisiva do que aquela que a liderança de masculina propunha. Nos termos daquela que coordenou o movimento em sua segunda etapa:

A nosso ver, poderíamos ter trabalhado com mais profundidade a necessidade de afirmação da identidade negra, mas ficava em aberto a contextualização conjuntural, ferramenta indispensável para despertar a consciência da questão negra no Brasil como questão estrutural (MACHADO, 2018).

2.3 RAÇA E GÊNERO NA POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

O viés poético de Oliveira Silveira antecede a conformação de Palmares. Em 1970, foi publicado o livro “Banzo Saudade Negra”. Já em 1969, eclodiu a poesia Treze de Maio, quando o grupo só veio a ser criado em 1971, sendo que Palmares teve como principal protagonismo a proposta do dia 20 de novembro como o dia oficial a ser comemorado como dia da Consciência Negra.

TREZE DE MAIO

Treze de maio traição
 liberdade sem asas
 e fome sem pão.
 Liberdade de asas quebradas
 como este verso.
 Liberdade asa sem corpo
 que se sufoca no ar
 se afoga no mar. (SILVEIRA, 1970, p. 9-12).

O que está em questão neste subcapítulo é analisar as dimensões de raça, gênero e cultura nas poesias de Oliveira Silveira. Tento responder a uma das questões iniciais desta pesquisa, a ambição de analisar o como as questões de raça e gênero se entrecruzam na

poesia. Desenvolvo a hipótese de que raça e gênero se consubstancializam aqui na forma de uma política cultural da negritude.

O campo me mostrou o tempo todo a figura de Oliveira como sendo central no grupo. Era ele quem trazia sugestão de pesquisas e poesias, escrevia e sugeria leituras. As mulheres ao falarem de suas lutas, se referiam a Oliveira Silveira como aglutinador e amenizador nos momentos de conflito. Na programação anual do grupo sempre havia algum evento envolvendo recital de poesias do autor e de outros que viessem a fazer parte do evento, geralmente poetas de outros estados do Brasil. A maioria se referiu a ele como o poeta, professor e o que definia as diretrizes de funcionamento do grupo. Referiam-se a sua poesia como bandeira de luta e autoafirmação do grupo. Como sugere Marisa Silva ao mencionar explicitamente o poema “batuque tuque tuque todo muque no tambor”, as poesias se constituíam num dos mais importantes vetores de subjetivação política do grupo. Infere-se que as questões de raça e identidade cultural presentes na obra do poeta podem ter se constituído também como vetores de uma intensidade feminina assim como racial.

BATUQUE

Batuque
 tuque
 tuque
 todo o muque
 no tambor.

Puxaram o corpo cá pra longe
 Mas a alma espichou
 E as raízes crisparam-se-lá
 E o caule é este tambor
 E a seiva, este som de cratera
 Que a gente vai fundo buscar.

Batuque
 tuque
 tuque
 todo o muque
 no tambor.

Esses negros loucos batendo
 já com a cor de Exu-Bará nos dedos,
 couro contra couro,
 mas o couro do inhã é mais forte,
 lá vai seu ronco de trovoada
 e a terra vai rachar em fendas

– toque de Xangô.

Batuque
Tuque
Tuque
todo o muque
no tambor. (SILVEIRA, 2009, p. 75).

O tambor representa o sagrado, a ancestralidade africana que se faz representar nos corpos femininos quando dançam, cantam ou declamam uma poesia. Em vista de que os negros chegaram aqui apenas com a roupa do corpo e sua memória, recriaram as condições de vida a fim de sobreviverem, o tambor e as batidas dão a ligação com o sagrado e com seu passado em África. Assim como o tambor que nos liga as raízes africanas através de seu batuque, pode se inferir que a poesia de Oliveira Silveira convida o leitor a percorrer a África como intensidades que se fazem compassos de uma luta antirracista.

Embora as mulheres não declamassem e nem fizessem poesias, essa tarefa era uma função exclusiva de Oliveira Silveira, algumas poesias carregavam uma particular intensidade feminina que resultava do espaço de intersubjetividade constituído no processo político ao mesmo tempo as poesias davam forma ao modo de se constituir como políticos. Vera Lopes atriz e estudante de teatro na época foi uma das poucas que declamavam poesia de Oliveira Silveira, não era de Palmares e conheceu Oliveira quando estava no grupo Tição. Ela e outros integrantes que gostavam de poesia organizavam rodas de poesia no Mercado Público de Porto Alegre, e todos que gostavam ou recitavam faziam parte desta roda de poesia aos sábados. E através de Oliveira conheceu uma gama de outros poetas daqui e do centro do País, teve uma aproximação muito grande com o poeta e sua poesia. Mas há limites no modo como as poesias masculinas se deixam atravessar por intensidades femininas.

Eu lembro que uma vez, dentro destas questões feministas, teve um poema do Oliveira que ele usava o termo homem como significado de ser humano. E aí, eu comecei a ler o poema e eu colocava homem e mulher. E o Oliveira pegou e disse que quando eu usava esse termo homem e mulher eu fugia da métrica do poema. Porque o poema tem uma métrica e ele não tinha escrito daquela forma. Eu estava fugindo da métrica. Aí eu falei, mas eu não vou mais falar esse poema só falando homem. Aí, ele disse também desta forma não dá pra falar. Então esta, o poema é teu eu não vou mais falar o teu poema. Fica com o teu poema, que eu não falo mais. Aí passou um tempo. Aí o Oliveira vem, depois de um longo tempo, e me entrega o poema refeito. Ele muda aquela frase, coloca dentro da métrica. E escreve embaixo: Por sugestão da atriz Vera Lopes o poema foi alterado em tal e tal dado. Muito depois, muito depois é que eu fui entender o tamanho da minha arrogância. Quando a gente é jovem a gente é muito arrogante. E o Oliveira era extremamente generoso. (Vera Lopes, 2019, entrevista).

Além da injunção a atravessar as potências da subjetivação feminina da política negra, Oliveira se colocava sob uma agenda de culturalização da política. No modo como disputa o regionalismo na poesia, Oliveira Silveira faz de cada símbolo da cultura gaudéria um termo da disputa racial. Aqui, menos do que uma análise literária da poesia, me interessa analisar os processos sociológicos de disputa política sobre símbolos.

SOU

Sou a palavra cacimba
pra sede de todo mundo
e tenho assim minha alma
água limpa e céu no fundo
Já fui remo, fui enxada
e pedra de construção;
trilho de estrada- de-ferro,
lavoura, semente grão.

Já fui a palavra canga,
Sou hoje a palavra basta.
E vou refugando a maga
Num atropelo de aspa.

Meu canto é faca de charque
voltada contra o feitor,
dizendo que minha carne
não é de nenhum senhor.

Sou o samba das escolas
em todos os carnavais.
Sou o samba da cidade
e lá dos confins rurais.

Sou quicumbi e Moçambique
no compasso do tambor.
Sou um toque de batuque
em casa de jeje-nagô

Sou a bombacha de santo,
sou o churrasco de Ogum.
Entre os filhos desta terra
naturalmente sou um.

Sou o trabalho e a luta,
suor e sangue de quem
nas entranhas desta terra
nutre raízes também. (SILVEIRA, 2009, p. 65).

Ao perguntar a Vera Lopes (2019), sobre esse tradicionalismo do poeta que culturaliza a política negra de reivindicação de igualdade racial ela explica: faz parte da vida de Oliveira, ele nasceu no campo, viveu com cavalos e vacas, vestiu bombacha, e sendo assim ele não abriu mão de sua negritude e de seu tradicionalismo.

Obrigado minha terra. Obrigado rios de São Pedro. Pelo peso da água em meu remo. Feitorias de linho cânhamo. Obrigado pelos lanhos. Obrigado loiro trigo pelo contraste comigo. Obrigado lavoura pelas vergas no meu couro. Obrigada charqueadas pelas minhas feridas salgadas. Te agradeço Rio Grande. O doce e o amargo pelos quais te fiz meu pago. E as fronteiras fraternas por onde encontrei outras terras. Agradeço teu peso em meus ombros, músculos, braços e lombo. Por ser linha de frente no perigo. Lanceando teus inimigos. Muito obrigado pelo ditado. Negro em posição, é encrenca no galpão. Obrigado pelo preconceito com que até hoje me aceitas. Muito obrigado pela cor do emprego e não me dás por ser negro. E pelo torto direito de te nomear pelos defeitos. Tens o lado bom também. Terra natal sempre tem. Agradeço de todo coração e sem nenhum perdão. (SILVEIRA, 2009, p. 66).

E quando lhe perguntei se a poesia provocava intensidades femininas, ela declamou numa sequência de quatro ou cinco poesias do poeta, entre elas “Encontrei minhas raízes em velhos arquivos e livros”, “Às vezes sinto que sou uma criança sem mãe”, “Pelo Escuro”. Ainda em trabalho de campo, pude acompanhar Vera Lopes, entre outras mulheres negras, declamando poesias do Oliveira Silveira no Sopapo poético. No modo como ainda hoje mulheres negras, nos sopapos de poesia negra, declamam essa poesia pressenti o convite a ler esses corpos no modo como enunciam os afetos que provocam os espaços de negritudes. A eclosão das poesias de Oliveira Silveira nos corpos femininos, fazem eclodir uma ancestralidade africana como intensidade de afetos. O poema abaixo foi declamado por Margarida Maria Martiniano Ramos e Vera Lopes.

VAI, VAI PARA O MAR

Vai, vai para o mar, e olha para leste:
 África em frente África puseste, meu continente negro.
 Eu te quero em minha casa, em meus braços
 a selva toda em teus cabelos
 toda a noite em tua pele
 e todas as montanhas no teu busto
 e todos os acidentes
 geográficos no teu corpo
 todas as feras nas tuas unhas
 e o rio Congo nos teus olhos líquidos
 todo o marfim dos elefantes
 em teu sorriso branco
 e todas as línguas nativas

nas palavras de tua boca.
 Vai, e contempla o Leste além do mar...
 Eu te quero em minha casa, em meus braços,
 minha África particular. (SILVEIRA, 1970, p. 29).

O poema abaixo foi declamado por Vera Lopes e Antônia Carolino. Para elas, mais do que um significado histórico, declamar carrega as intensidades de um percurso intensivo de retorno às origens, de reconhecimento da negritude e da ancestralidade.

ENCONTREI MINHAS ORIGENS

Encontrei minhas origens
 em velhos arquivos
 livros
 encontrei
 em malditos objetos
 troncos e grilhetas
 encontrei minhas origens
 no Leste
 no mar em imundos tumbeiros
 encontrei
 em doces palavras
 cantos
 em furiosos tambores
 ritos
 encontrei minhas origens
 na cor de minha pele
 nos lanhos de minha alma
 em mim
 em minha gente escura
 em meus heróis altivos
 encontrei
 encontrei-as enfim
 me encontrei. (SILVEIRA, 1970, p. 70).

Essa poesia que quando agenciada sob um ativismo literário pode dar forma a um devir feminino dos corpos negros, tem sido declamada por mulheres do movimento negro com muita frequência e em uma multiplicidade de palcos. Em um evento recente de mulheres em Salvador no qual Vera Lopes se encontrava, ativistas negras voltaram a fazer ressoar o “Salve a Mulher Negra” sem mencionar o autor. Coube a Vera lembrá-las que a poesia é de autoria de Oliveira Silveira.

LUIZA MAHIN

Luiza Mahin
 Chefa de negros livres
 E a preta Zeferina
 Exemplo de heroína
 Aqualtune de Palmares
 Soberana quilombola
 E Felipa do Pará
 Negra Ginga de Angola
 África liberta
 Em tuas trincheiras
 Quantas anônimas
 Guerreiras brasileiras. (CULTNE, 2011, online).

O que notamos é que a poesia de Oliveira Silveira continua viva como um fio condutor de todos os períodos de lutas e de transformação da conjunção das problemáticas de gênero e raça. Chamei de processo de subjetivação da negritude ao modo como essas poesias eclodem nos corpos militantes provocando devires que tornam prementes o engajamento de vidas inteiras em processos de luta antirracista. No próximo capítulo exploro especificamente as trajetórias das mulheres negras do Grupo visando expor a especificidade de sua agência para além dos limites do registro masculino.

Poema sobre Palmares

[...]

Quilombo de lavadeira,
 Mucama, cozinheira
 prostituta como querem
 que seja toda mulher
 preta, mulata, crioula
 negra, mãe, trabalhadora,
 companheira, lutadora.
 Quilombo do casal preto
 (fundamental negritude)
 preto,
 preto,
 guardião da continuidade,
 detentor da natureza
 de raça, cor e beleza
 Preto e preta
 teimando pra ficar juntos,
 bem escuros e bonitos
 com molequinhos retintos.

Quilombo de negro negro,
quem quiser que se negue
e se entregue.
Quilombo de negro pobre
e quem quiser que se acomode.
Quilombo de negro hoje
sem mato pra refúgio
Quilombo com outro nome,
Outra forma e mesma voz
libertária do ser:
mulher, homem.
Quilombo de quilombola
Renascendo na seiva
Sangrenta
Da história. (SILVEIRA, 2009 p. 102)

3 O ATIVISMO DE MULHERES NEGRAS DO GRUPO PALMARES

QUAL É O MEU PAPEL? Entra novo no mundo e pergunta: QUAL É O MEU PAPEL? e saberás então que não estás apenas em um palco como te pode representar e então perguntarás: QUAL É O MEU PAPEL? e saberás então que não estás apenas num salão com drink e high-Society e então perguntarás: QUAL É O MEU PAPEL? e saberás então que não estás num picadeiro apenas onde cabriolar e então perguntarás: QUAL É O MEU PAPEL? e saberás então que não estás apenas numa arena em que não és o touro e então perguntarás: QUAL É O MEU PAPEL? (OLIVEIRA SILVEIRA, “Praça da Palavra”). (HELENA MACHADO, 2019, entrevista).

Quando questionei minhas entrevistadas sobre as relações de gênero no Grupo Palmares, se havia hierarquias entre homens e mulheres e se as questões feministas já eram discutidas, observei um estranhamento da parte das entrevistadas quanto a esta questão. De um modo geral, as respostas apontavam para a não existência destas discussões dentro do grupo. Anita Abad, uma das primeiras integrantes do grupo Palmares, afirma não se lembrar de ter havido esse tipo de problematização: “[...] priorizamos a luta pela afirmação do negro e o reconhecimento de seu papel na reconstrução da história de nosso país”.

Helena Machado informa que temáticas feministas não chegaram a se constituir como proposição política, e só mais tarde a questão feminina negra foi preocupação da equipe do jornal “Tição”.

Não me atrevo a falar das aspirações feministas. Escolhi dizer das aspirações femininas em contextos diversificados...para as mulheres negras que lutam para obter “visibilidade” e “representatividade”. Mesmos marcados pela incerteza e pela decepção, nossas aspirações, muito informadas por atividades profissionais, transpunham o âmbito do Palmares e até do Movimento Negro (MARISA SILVA, 2018, entrevista).

Na concepção de Marisa Silva as mulheres negras do movimento eram mais femininas do que feministas, no sentido de que a problemática delas era muito mais ampla do que a atual agenda feminista. Como transparece em várias entrevistas, a luta maior era a racial e junto aos homens negros no embate contra a exclusão. Enquanto mulheres negras sentiam-se distantes das feministas brancas, que não levam em consideração a componente racial da luta por igualdades. Analisarei neste capítulo como as questões de gênero e raça que não eram tratadas separadamente pelas mulheres negras do grupo Palmares ganharam conformações inusitadas.

3.1 ASPIRAÇÕES FEMININAS EM CONTEXTOS DIVERSIFICADOS

Faz-se importante ressaltar o pensamento de Vera Dayse, integrante do Grupo Palmares, que militou no grupo por um ano e meio, e quando saiu foi criar junto com Jeanice

Ramos, Jorge Freitas e Jones Lopes o grupo Tição. Em sua análise hoje sobre o grupo Palmares, as mulheres não se definiam como feministas, e os homens eram “machistas por natureza e isto deve ser contextualizado, na sociedade como um todo, os homens são machistas”. Por outro lado, as mulheres do Grupo Palmares se colocavam em posição de igualdade, e mesmo havendo alguns que se atreviam a ser machistas, elas logo colocavam-no em seu lugar. Conforme Marisa Silva,

Em vários momentos da história do Grupo Palmares predominaram as mulheres. Mas, no grupo o sexismo não rolava. No contexto mais amplo do Movimento Negro, inúmeros companheiros eram solidários. Os espaços de fala eram, então, também espaços de ouvir. Mas, como costuma acontecer em tudo que se move, volta e meia apareceram posicionamentos extremados, dispostos a “caçar” (procedimento muito em voga naquela época) a palavra de quem quer que fosse. [...]. Ainda que o machismo, tal como nos dias que ocorressem, encontrasse meio de refugiar-se em atitudes de alguns companheiros à época, no Grupo Palmares, temáticas feministas não chegavam a construir proposições. (MARISA SILVA, 2018, entrevista).

Nesse momento do movimento, as mulheres parecem não sentir a necessidade de politizar as diferenças de gênero na medida em que nas dinâmicas das reuniões conseguiam neutralizar os processos de hierarquização que podiam, por exemplo, pretender “cassar” a palavra das mulheres. O depoimento de Marisa Silva vem reforçar a ideia de uma resistência não politizada ao machismo naturalizado de uma sociedade patriarcal. Marisa Silva em vez de feminismo prefere falar de “aspirações femininas em contexto diversificado”. Descreve as mulheres que atuaram em Palmares como participantes em todas as frentes e em todas etapas de ação do grupo.

Atuavam na construção de pressupostos teóricos, no caso do estabelecimento da relação capitalismo, escravidão e racismo, na formulação de diretrizes e na produção de documentos e publicações. Constituíram-se como negociadoras junto as instituições e poderes públicos sem a interferência de gênero. (MARISA SILVA, 2018, entrevista).

Aqui temos uma agenda das mulheres do grupo Palmares, uma agenda além do grupo, uma agenda política mais abrangente envolvendo as questões de lutas raciais e de classe, e não especificamente questões femininas. Pode-se inferir que esta agenda feminina negra com centralidade nas questões de políticas de identidade racial transcendia a agenda das feministas brancas que lutavam por liberação do espaço doméstico e igualdade de direitos.²⁵

²⁵ Como gênero é conceituado e visto em diferentes contextos, ver RAUGLAUDRE, Timothée de. On a discuté féminisme décolonial avec Françoise Vergès. *Vice*, 15 fev. 2019. Trad. Rebecca Bernard. Rev. Pâmela M. Marques. Disponível em: <https://www.vice.com/fr/article/j57gix/on-a-discute-feminisme-decolonial-avec-francoise-verges>. Acesso em: 6 ago. 2019.

Compreendo que a utilização da expressão “aspirações femininas em contexto diversificado” significa dizer que não se deixavam pautar por uma identidade única de “mulher”. A problemática de gênero ganha forma social e historicamente determinada, e neste caso, as mulheres negras não compartilham da mesma opressão que as mulheres brancas e se constroem como ativistas em lutas diferentemente conformadas. As mulheres do movimento Palmares entendem que a luta das mulheres negras é mais abrangente que o feminismo manifesto no país, sustentado por teorias que tomam como princípio as experiências de mulheres brancas para interpretar experiências universais de mulheres.

Para Marisa Silva, a “questão feminina em si mesma, ficava restrita aos problemas da mulher negra no mercado de trabalho, seu acesso à educação e inserção nas classes sociais e ocupação de espaços decisórios”. Estas questões foram agendas que serviram de pautas tratadas mais tarde no grupo do Jornal e Revista *Tição*²⁶.

Em relação à violência contra a mulher negra não se chegou a constituir uma agenda política, tão pouco o aborto e temáticas relacionadas à liberação sexual que eram agendas do Movimento feminista mais amplo. Marisa Silva relata que raramente alguns companheiros se referiam a violência contra a mulher, e quando isto ocorria eram narrativas direcionadas a denunciar a violência do escravagismo, referiam-se ao estupro pelo senhor branco contra a mulher negra escravizada. Em sua concepção abordar este fato sem maior contextualização implicaria representar a mulher negra de forma fragilizada e submissa. Segundo ela, a forma correta de abordar o tema seria contrapor a realidade das mulheres negras que participaram das fugas e das revoltas dos escravos, mas também as que lideraram e se constituíram em chefes de quilombos. Marisa Silva acrescenta que além destas, houve as que por conta própria atacaram e puniram seus algozes, chegando a recorrer a formas drásticas de resistência como o suicídio e o filicídio. Mais do que privar o senhor de seus “bens”, esses eram atos de libertação. Resistências de naturezas diversas constituíram o protagonismo de femininas negras nas medidas associativas tais como alocação de recursos financeiros, formação de pecúlios para a libertação de escravizados.

Quanto ao feminismo e sua configuração na época de Palmares, Marisa Silva lembra que,

O feminismo como se configurou naqueles dias, parecia ser uma etapa incorporadora na longa trajetória da luta feminina por seus direitos. Tendo surgido principalmente em países dominantes e hegemônicos, causaram inquietações e questionamentos. No Brasil como no resto nos EUA, países extremamente racistas,

²⁶ Pautas sobre a estética negra e cabelos crespos foi tema tratado na *Revista Tição* de março de 1978, n. 1, ano I.

custou a incorporar a luta de mulheres de diferentes classe e raças. Suspeitava-se que setores do feminismo, tolerantes e condescendentes, ocultassem tendências excludentes e racistas. De todo modo, já engajadas na luta contra o racismo, coube as militantes negras abrir espaço para suas reivindicações “reinventando o feminismo” e “redefinindo o que é ser feminista”. (MARISA SILVA, 2018, entrevista).

Percebo na citação que mesmo que, não fosse explicitado, havia uma suspeita entre as mulheres negras de que o movimento feminista mais amplo era por demais exclusivista e racista. Marisa Silva veio a ser, mais tarde, representante do Conselho Estadual de Direitos da Mulher, SEDAC- RS, e conforme seu depoimento foi a única mulher negra naquela época, e expressou sua opinião da seguinte forma,

[...] no Conselho não foram da minha opinião, abordados com a necessária profundidade e abrangência as nossas questões quanto mulheres negras. Não se cogitou de proceder a uma crítica ao autoritarismo das mulheres que, já a algum tempo, vinham ocupando as mais altas instancias do poder em seus países. (MARISA SILVA, 2018, entrevista).

O não acolhimento de suas demandas e agendas no movimento feminista hegemônico, fez com que essas mulheres se reinventassem num feminismo negro, conceituados por Suely Carneiro como um “Enegrecer o feminismo:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO, online).²⁷

Em cada contexto a situação de opressão toma contornos diferentes e problematizado sob diferentes registros. As mulheres negras hoje tentam instituir e demarcar na agenda de mulheres brancas, o peso da questão racial, tanto na questão de violência, quanto nas questões de saúde e inserção no mercado de trabalho.

Já Helena Machado insiste que as divergências no grupo Palmares não eram sobre questões gênero, mas sim de expressões ideológicas relacionadas a forma de organização do movimento. Observa-se que as lutas destas mulheres foram levadas a jornais como Zero Hora

²⁷ Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf.

e o Jornal do Brasil da década de 1970. O Manifesto contestando a historiografia oficial, que não incluía a História do negro e dos Quilombos no livro didático, e que propõe o 20 de novembro como data a ser comemorada pelos negros em vez do treze de maio, é uma agenda que carrega uma agência feminina sem precisar explorar uma agenda feminista.

Essas aspirações femininas se davam como luta por visibilidade e representatividade da mulher negra no campo profissional e social. As questões de gênero e de raça estavam imbricadas uma vez que a luta maior era pela inserção do “povo negro” na sociedade de classe com consciência de sua história e seu papel. Eram mulheres intelectuais suas aspirações se relacionavam a projeções neste campo. Atuavam no campo teórico e visualizavam trabalhar na prática com as comunidades e propor mudanças sociais.

Só ao fim da década de 70 é que temas especificamente referentes a mulher negra foram tratados. O palco foi o grupo Tição, em que se articulou as agendas centradas no mercado de trabalho e na estética negra. A mobilização pelas lutas das mulheres negras em Porto Alegre conforme relato de Helena Machado vai aparecer mais claramente em 1981, quando o MNURS leva ao Congresso Nacional a nota de denúncia sobre a situação de desigualdade e submissão da mulher negra, pela garantia de leis trabalhistas às empregadas domésticas e por maior amparo e orientação à mãe solteira, entre outras demandas. Cabe agora tentar analisar as agendas articuladas pelas integrantes do Grupo Palmares em suas trajetórias dentro e fora do grupo, em vista que “suas lutas por visibilidade, representatividade e aspirações iam além do Grupo Palmares em direção a um Movimento Negro feminino mais abrangente a nível nacional e internacional”, conforme menciona Marisa Silva.

Entrevistas como a que realizei junto à ativista Vera Dayse permitem evidenciar que o movimento feminista negro que surgiu em Porto Alegre na década 1980 com a criação das ONGs como Maria Mulher eclodiu a partir da dissolução das organizações anteriores do movimento negro como o Grupo Palmares. “O grupo Maria Mulher já vem com uma discussão mais aprofundada, questionando o papel da mulher negra nos grupos formados majoritariamente por homens, e o movimento feminista branco que de uma forma geral não permitia demandas das mulheres negras”. Com esses relatos consigo perceber no início da década de 80 uma rede interpessoal de relações entre mulheres negras em direção a um feminismo negro que foi amadurecendo no decorrer dos ativismos no Palmares, Tição e MNURS.

3.1.1 O feminismo negro de uma rede de ex-Palmarenses

Figura 5 – Cartaz em homenagem aos 25 anos do 20.



Fonte: Nayara Silveira.

Os ex-integrantes de Palmares, voltavam a se reunir ou fazer palestras por ocasião do “Vinte de Novembro”, que já havia se instituído no país como o dia nacional da consciência negra. A Associação Negra de Cultura comemorou os “vinte cinco anos do vinte”, com uma mesa de palestrantes incluindo Vera Dayse, Marisa Silva, Helena Machado e Oliveira Silveira, em comemoração à Semana de Consciência Negra de Porto Alegre. O Objetivo da Associação Negra de Cultura era o reconhecimento da história do negro, resgatada desde o projeto inicial do Grupo Palmares. Helena Machado se referindo a esse evento relata que

[...] vinte anos depois, o Grupo Palmares passou por rearticulação nos seus estatutos que houve um pequeno avanço. Além de realizar palestras, conferências, apresentação musical, seminários e outras formas de apresentação cultural, promover a troca de experiências entre produtores de arte e cultura latente das classes populares, difundir para sociedade em geral, independente de origem étnica ou classe social, ideias sobre a possibilidade de expressão de indivíduos a partir de suas experiências de vida. Promover maior participação do negro no processo político e social brasileiro, realizar intercambio com outros grupos e entidades. (HELENA MACHADO, 2018, entrevista).

Houve uma tentativa de Oliveira Silveira de rearticular Palmares através da Associação Negra de Cultura. Mas a experiência militante das mulheres fora de Palmares foi mais do que uma simples dispersão. Os agenciamentos de subjetivação militante tinham sofrido modulações que não cabiam mais na consubstancialidade das agendas de raça, gênero e classe. Ao atuarem sob agendas da educação, gênero ou cultura despoletaram modos de subjetivação da política de não mais cabiam apenas ao lado de homens negros. Era possível se reunir por ocasião da semana da consciência negra, provando existência de uma rede de pessoas e de organizações motivados por uma história de lutas antirracistas.

Conforme Sawicki (2013), uma das caracterizações das redes é que ela se configura como um conjunto de relações pessoais, amizade, religião, família, profissão, que atravessa as fronteiras institucionais possibilitando mobilizações impossíveis no interior de estruturas conformadas por contratos explícitos. Menos do que uma nova estrutura institucional, Oliveira Silveira e Helena Machado puderam mobilizar os ex-integrantes do grupo Palmares como uma rede baseada em relações de reciprocidade fundada na luta comum. As redes intersetoriais facultam a mobilização de recursos na medida em que os integrantes possuem posições políticas idênticas a partir de posições institucionais diversas.

O conceito de rede pode remeter a um sistema estabilizado (e até mesmo institucionalizado) de interdependência entre organizações que intervêm em diferentes setores, mas cujos atores são multiposicionados, ou cujos membros dividem a mesmas crenças ou ideais. (SAWICKI, 2013, p. 11-29)

Essas relações interpessoais podem ser visualizadas no trânsito das mulheres do Grupo que passam por diversos espaços e continuam ligadas numa forma de ativismo que articula raça, classe e gênero. Os eventos relacionados ao “vinte de novembro”, além de fortalecer os laços, faculta novas oportunidade de atuação em diversos espaços, como comunidades periféricas urbanas, ongs, associações culturais negras, Quilombos.

3.2 O ENCERRAMENTO DE PALMARES COM A SAÍDA DAS MULHERES

Neste tópico pretendo usar o conceito de rede, de modo próximo da conceituação do cientista político francês, Sawicki (2013), para tratar do contínuo entre as diferentes organizações do movimento negro pós- Palmares e também nas trajetórias das ativistas. Essas organizações não estão soltas no espaço, estão num conjunto de relações sociais que podem ser compreendidas como uma rede.

Analisando a trajetória dos integrantes do Grupo Palmares, posterior a sua vinculação ao mesmo, é possível constatar a persistência de articulações entre eles. Seguindo-os pelos espaços e temas que foram sendo acessados em suas trajetórias pretende-se, no presente tópico, mapear a emergência de questões diretamente vinculadas a mulher negra. Para tanto, se utiliza a noção de redes, o que me permite explorar as articulações interpessoais, organizacionais e temáticas.

Conforme anteriormente abordado, demonstrei que no âmbito do Grupo Palmares, as questões de gênero não eram tema focal. Das narrativas dos antigos membros do grupo, observei que as mulheres ficavam invisibilizadas nas falas masculinas, ou mesmo, quando eram mencionadas, isso se fazia em referências generalizadas como “colaborativas”, “respeitadas” e, em alguns casos, em analogias com a figura materna. Quando instigadas a refletirem sobre as mulheres negras, muitas das narrativas femininas consideraram que essa não era uma questão focal na época. Mesmo não sendo questão focal, Vera Daisy e Marisa Silva me apresentaram relatos que permitem explorar dois interessantes aspectos. Vera Daisy considera que os “homens eram machistas” no Grupo, mas que isso deve ser contextualizado frente a configuração de uma “sociedade patriarcal”. Já Marisa Silva, em relação ao tema da mulher negra escrava, se contrapunha à abordagem nas quais as mulheres eram tratadas como fragilizadas e vitimizadas e demandava que essas fossem consideradas em suas agências (como, já mencionado, através das lutas e papéis assumidos na época). Assim, sinaliza-se que a abordagem do “machismo” passava prioritariamente pela contextualização de uma sociedade patriarcal e que era já possível enunciar uma demanda por maior visibilidade da agência das mulheres negras. Agência essa que, como demonstrei, era permanente no Grupo Palmares. Seguir essas mulheres em suas trajetórias me permitirá aprofundar essa potência.

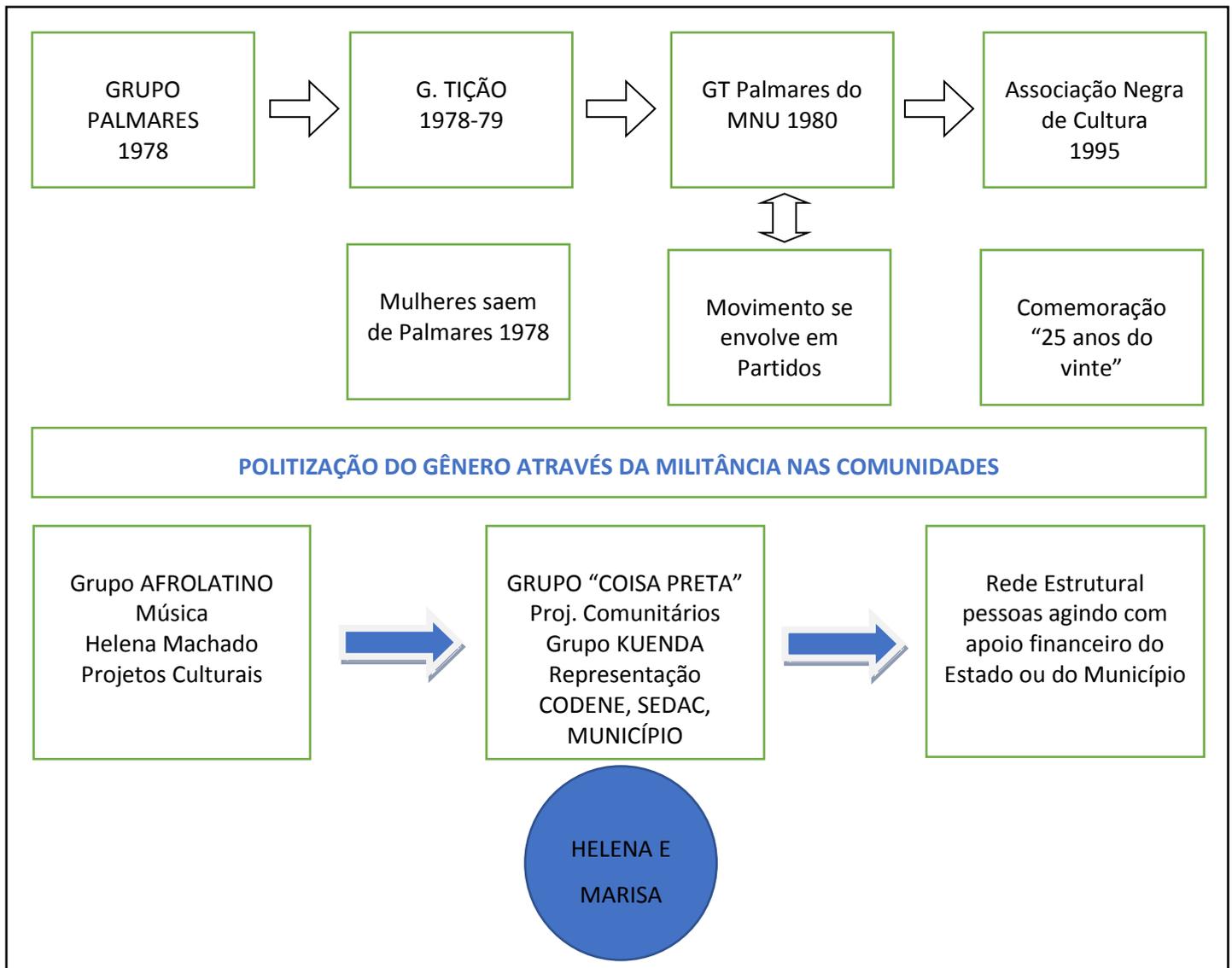


Figura 6 – Trajetória do Grupo Palmares²⁸

Fonte: Elaborado pela autora.

Em 1978, o Grupo Palmares interrompe suas atividades. Nessa ocasião, mantinham-se como membros do Grupo, Oliveira Silveira, Marisa Silva, Helena Machado e Antônia Carolino e Maria Margarida Martilhano. Deste grupo, quatro integrantes passaram a compor o Jornal e Revista Tição. Ainda no ano de 1972, quando deixou de participar do Grupo Palmares, Vera Daisy juntamente com outros jornalistas negros formaram o Grupo Tição que deu origem a Revista e ao Jornal. Dessa forma, em 1978 quando conseguiram publicar a primeira edição da Revista, estavam articulados através do Tição, quatro ex-integrantes do

²⁸ Vera Dayse saiu em 1972, Anita Abad em 1975 e Margarida em 1977.

Grupo Palmares. A análise documental da produção do *Tiçã* permite destacar a abordagem de questões relativas às mulheres negras em uma das duas edições da revista. Nessa eram abordados aspectos relativos às mulheres no mercado de trabalho, estética da mulher negra, cuja reportagem assinada por Vera Dayse Barcellos.

Figura 7 – Revista *Tiçã*



Fonte. Acervo pessoal da autora

Helena Machado analisa que alguns participaram na proposta de criação e da equipe de redação do “*Tiçã*”, dois números editados como revista 1978 e 1979 e o último em forma de jornal em 1980. E acrescenta que é no jornal *Tiçã*, que vai se iniciar a Organização do Movimento Negro Unificado MNURS. Percebo uma interação entre o grupo Palmares, o Grupo da Revista e o Jornal *Tiçã* e GT Palmares, uma vez que ex integrantes de Palmares se integram a esses grupos, e nesses que eclodem os espaços no quais as questões relativas a mulher negra passam a ganhar expressão especializada.

Em 1981 através do “Manifesto de Adesão do Rio Grande do Sul ao Movimento Negro Unificado”, o Rio Grande do Sul se fazia representar no Congresso Nacional de Entidades de Belo Horizonte, e em vinte de novembro de 1981 foi lançado o primeiro boletim

do MNURS contendo nota de denúncia contra o apartheid na África do Sul e conclamando a luta antirracistas contra as estruturas de dominação racial no Brasil.

Nos depoimentos de Oliveira Silveira fica subentendido que existe uma continuidade do grupo em outros seguimentos. Em seu relato, o ano de 1978 finaliza a primeira fase de Palmares, em 1980 Palmares volta como GT Palmares, grupo de trabalho do MNU. O GT Palmares surgiu um ano antes do GT Lima Barreto, um grupo que surgiu em Marau RS. Devido às divergências de ideias do Grupão e do GT Lima Barreto, o Grupão se desvincula do MNU e se torna independente iniciando a terceira fase do grupo Palmares. A terceira fase (nos anos 1980-90)²⁹ é a fase derradeira que é seguida por ramificações na forma da Associação negra de cultura, grupo Kuenda, Coisapreta e grupo Semba Arte Negra.

Em 1978 a ala masculina já havia abandonado o grupo, apenas Oliveira Silveira continuou. Cortes e Gilberto saíram em meados de 1975 e Rui Morais não informou; ambos mencionaram que quando o grupo começou a se envolver em política partidária eles se afastaram para não serem cooptados. A fora isso existia o medo da repressão, no momento que o grupo se identificasse como político poderiam se prejudicar em suas profissões ou vida pessoal.

Das mulheres, a primeira a sair foi Vera Dayse em 1972, que acabou integrando o grupo Tição, mais tarde foi trabalhar com o Jornal do Comercio, Zero Hora e continuou o ativismo no carnaval, escolas de samba e na rua do perdão³⁰.

Anita Abad saiu do grupo por ocasião de sua viagem à Angola, chegou ao país pouco antes da independência em agosto de 1975, trabalhou no IESSA – Instituto de Educação de Angola, na formação de educadores sociais que iriam participar nos programas de alfabetização iniciados em todo país pelo MPLA³¹. – Movimento Popular pela Libertação de Angola. Mais tarde trabalhou em Gotemburgo-Suécia no projeto de alfabetização de imigrantes de língua portuguesa. De volta ao Brasil exerceu atividades no Abrigo Rainha Silvia em Itaboraí- RJ. Uma casa para acolhimento de mulheres grávidas, mantidas por

²⁹ Lembrando que nesta fase o MNU já estava se fazendo presente na constituição de 1988, já havia sido reconhecido a nível nacional em um ato em 1978, São Paulo, na praça da Sé, denunciando as desigualdades raciais e violência policial. Fez parte da convenção nacional do negro e a constituinte de Brasília, 26 e 27 de agosto de 1986. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/21/o-movimento-negro-e-a-constituicao-de-1988-uma-revolucao-em-andamento/>.

³⁰ Rua do Perdão se localizava na Rua da República, bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, onde desfilavam os blocos de carnaval daquela época, chamado carnaval de rua e Waldemar de Lima conhecido hoje como Pernambuco, foi um dos fundadores e coordenadores da Rua do Perdão e da Banda DK, que atraía muitas pessoas para o carnaval da Rua da República de Porto Alegre.

³¹ Movimento Popular de Libertação de Angola é um partido político angolano, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi inicialmente um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se em partido, tendo como fundadores Agostinho Neto e Viriato Clemente da Cruz.

organizações Suecas. O fator determinante parece ser a oportunidade de encaixe profissional fora das estruturas do movimento negro, mas ainda em ocupações associadas a gestão de problemas sociais.

Anita Abad atribui sua negritude e sua tomada de decisão a ir para um país africano ao que aprendeu e leu sobre África em sua militância no Grupo Palmares. O que está em questão é perceber que enquanto algumas mulheres continuaram trabalhando sob uma agenda prioritária de igualdade racial, outras vão trabalhar prioritariamente sob um horizonte de igualdade gênero. Quando voltou para o Brasil, Anita Abad foi trabalhar com mulheres em casa de acolhimento e Antônia Carolino foi fazer parte do SINDISPREV-RS,³² na secretaria de gênero, e acabou abandonando essa estrutura porque os projetos referentes a mulher negra não eram contemplados com verbas.

O importante aqui é perceber para onde vão essas mulheres após Palmares e em quais agendas vão rearticular seus ativismos. Geralmente se deslocam para espaços mais abertos que lhes facultam a oportunidade de implementar projetos de relacionados à instrumentalização política da “cultura negra”. É na esteira dessas reconversões militantes que explode a questão de gênero como base da contestação ao racismo. Algumas trajetórias são exemplares dessa dinâmica:

Maria Margarida, após Palmares, foi para o PDT e no setor de Ação da Mulher Trabalhista articula raça, classe e gênero a partir das técnicas militantes incorporadas no grupo Palmares. Marisa Silva saiu de Palmares objetivando práticas articuladas a linguagem negra das classes populares. Atuou na Associação Negra de Cultura em 1995, e promoveu o ato alusivo aos 25 anos do Vinte de Novembro. Antônia Carolino e Anita Abad se destacaram em agendas de valorização da mulher negra. Mesmo aquelas que se engajaram, em projetos sociais comunitários e educacionais, em escolas e comunidades, como no caso de Vera Dayse, Marisa e Helena, que se ligaram a uma rede institucional através dos grupos Kuenda e “coisa preta” e em parceria com os governos do Município e Federal, acabaram destacando a questão de gênero da questão racial.

Se a abertura política possibilitou a paulatina incorporação da agenda antirracista com ela também se facultou a multiplicação de cargos, ocupações e projetos que demandavam as competências e tecnologias políticas desenvolvidas em grupos como o GT Palmares. Se para as trajetórias femininas essa extensão das oportunidades de ocupar novas posições próximas das estruturas do Estado implicou em mais e novos ativismos políticos, para os homens do

³² SINDISPREV-RS – Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde.

grupo significou a oportunidade de carreiras profissionais. Para a principal ativista política do grupo, “a estrutura do Estado proporcionava que integrantes do movimento negro se integrasse aos Partidos Políticos, e isto acarretou individualismo, e promoção individual”, descaracterizando os objetivos de ativismos como os do Grupo Palmares.

As posições ocupadas tanto nos governos de Estado como no Município e as outras posicionalidades em ONGs e no movimento negro é o que possibilita a ativistas como Marisa Silva e Helena Machado atuarem em múltiplos planos de Projetos para comunidades quilombolas do interior do estado e também do município em vilas de Porto Alegre. Sugiro aqui, portanto, que a multiposicionalidade, enquanto reconfiguração das esferas de atuação política favorece a especialização em uma multiplicidade de temas dentre as quais aquelas relacionadas à problemática da igualdade de gênero. A dissolução do grupo Palmares de algum modo foi condição de possibilidade da reconfiguração militante que possibilita a desagregação dos vetores de raça e gênero e sua recombinação interseccional. Enquanto uma atua na Associação Cultural Kuenda e como representante da SEDAC no CODENE – Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra de POA – Helena Machado se viabiliza para atuar também da Secretaria das Mulheres do Estado.

Marisa Silva atua no Conselho de Participação da Comunidade Negra – CODENE,³³ enquanto membro do grupo Kuenda e como representante da SEDAC-RS. É de se notar que a atuação em entidades do movimento negro é simultânea ao ativismo feminista no interior da estrutura estatal. Chamada ao Conselho Estadual de Direitos da Mulher, representando a SEDAC-RS, Marisa Silva tem um braço ativo nas agendas feministas, enquanto o ativismo no Kuenda configura uma prática política essencialmente antirracista.

Efetivamente, Marisa Silva foi uma das fundadoras do Grupo Kuenda – ACK, junto com Manoela Silva Tavares da Rosa, Olga Silva de Souza, Carla Machado, Helena Vitoria dos Santos Machado, Daltro Caxias de Souza, Rui Leandro da Silva Santos. O grupo se propunha a incentivar e difundir a produção cultural negra, resgatando o patrimônio material e imaterial construído pelos afrodescendentes no Rio Grande do Sul sob o projeto: “Reconciliação do Negro com a Sua História”. Foi desenvolvido primeiramente no Quilombo do Rincão dos Negros em Rio Pardo e teve como protagonistas quilombolas. A transnacionalização do ativismo em prol da igualdade racial é favorecida na medida em que a

³³ O Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CODENE). Conforme Marisa Silva, foi constituído pelo governo do Estado, em atendimento às reivindicações da sociedade civil encabeçado pela população negra. Dele faziam parte representações de secretarias de Estado e de associações e grupos comprometidos com a luta contra o racismo. O primeiro presidente foi Nilo Feijó, oriundo do Satélite Prontidão.

politização de temas culturais se faz em consonância com as grandes agendas da UNESCO. Em razão da identidade de sua proposta com o projeto da UNESCO, de âmbito internacional, “A Rota do Escravo”, o Kuenda obteve o apoio da instituição. Tecnologias políticas edificadas no âmbito do grupo Palmares são nessa fase elevadas à nível transnacional graças a extensão das redes do ativismo político e ao acúmulo de capital político, o que permite a intensificação dos processos de politização tanto dos temas da cultura negra como das diferenças de gênero.

O processo de politização dos temas da cultura negra é correlato ao processo de sua nacionalização e constituição de uma dinâmica de resgate. O grupo Kuenda realizou um trabalho de resgate do “Quicumbi” (canto, dança e percussão), tomado como “manifestação histórica em processo de perda”. A edificação das dimensões tradicionais das práticas quilombolas se apresenta como um novo palco e um conjunto de recursos para a reconfiguração das técnicas do Grupo Palmares de politização da cultura. Na rearticulação das festividades em homenagem a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no Município de Rio Pardo, não se trata mais de apenas demarcar e exibir a especificidade da cultura negra, mas sim de se constituir plataformas de reivindicação de direitos, dentre os quais, direitos culturais. Uma dessas plataformas se configura como o “Centro de Referências Afro-Brasileiro” – CRAB e a consolidação da Semana da Consciência Negra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto inicial dessa pesquisa era analisar a influência das correntes do pan-africanismo e da negritude sobre o grupo Palmares. No entanto as entrevistas e documentos sobre o grupo me levaram ao papel das mulheres negras em sua atuação dentro do grupo Palmares, seu protagonismo e sua potência. A princípio notei que, ao mesmo tempo que as ações das mulheres não cabiam nas narrativas masculinas, essas serviram de linha de frente em múltiplas dimensões do ativismo do Grupo Palmares. Discuti a tensão entre um ativismo que politiza a cultura e uma política de instrumentalização da cultura para processos de emancipação mais amplos e menos calcados na demanda por reconhecimento. Articulei essa discussão sobre a relação entre política e cultura às dimensões de gênero do ativismo do Grupo Palmares. A maioria das mulheres queria que o grupo fosse mais político e efetivo em direção à emancipação política das comunidades negras, enquanto a ala masculina, encabeçada por Oliveira Silveira tendia à uma concepção cultural do ativismo. Analiso essa tensão nos manifestos de 1972 e 1974 a quando da disputa pela substituição da comemoração do treze de maio como data da Abolição da escravidão. Essas mulheres que se posicionaram através desses manifestos podem ter contribuído para a guinada do movimento negro em direção a um ativismo mais político do que cultural.

Sob essa narrativa, busquei demonstrar a centralidade das divisões de gênero no ativismo do movimento, mesmo quando não há uma agenda particularizada. No terceiro capítulo da dissertação, aprofundi essa discussão demonstrando como raça e gênero foram, pelas ativistas negras, tratadas como dimensões consubstancializadas, ao longo da década de 1970, no modo como emergiam as pautas do trabalho doméstico e da estética negra. Discuti no subcapítulo, a hipótese de que a configuração interseccional de gênero e raça começa a ocorrer com a dissolução do grupo Palmares e no reposicionamento das ativistas nos congressos do MNU e dentro da revista *Tição*.

Articulei os conceitos de trajetórias militantes e redes (SAWICKI, 2013) para inferir porque essas mulheres começam a politizar as relações de gênero de forma interseccional em lugar de consubstancializada. Com isso, sugiro a possibilidade de resolução de um problema teórico que impõe os conceitos de consubstancialidade e a interseccionalidade como excludentes (HIRATA, 2014). Mostro que podem ser tomados como tendências a serem empiricamente constatadas no modo como os próprios agentes perspectivam as relações em pauta. Gênero e raça que eram tratadas como dimensões indiscerníveis de um processo global

de opressão colonial, a partir da década de 1980, passam a ser tomados como eixos separados de opressão que podem colidir num ponto - o lugar ocupado pela mulher negra – um ponto singular um processo de subjetivação política. Os eixos de opressão seguem subjetivando outros corpos em posições próximas como os da mulher branca e do homem negro.

Através da ativista Vera Lopes em suas relações com Oliveira, tematizei as mesmas relações de raça e gênero através da poesia. Como ativista da revista *Tição*, Vera fazia recital de poesias no Mercado Público de Porto Alegre na época de Palmares e pude inferir um percurso intensivo pela poesia que se fez feminilidade consubstanciada na luta racial. Um importante ativismo feminismo, na esteira de Vera Lopes, continua declamando as poesias de Oliveira Silveira em recitais como os do *Sopapo Poético*.

Indo além de Palmares em direção a uma rede de entidades do movimento negro mais e perseguindo as questões de gênero em direção a um feminismo negro, as entrevistas me mostraram que não existe uma linha de progresso no ativismo negro, mas um processo de transmutação de uma problemática provocada pela abertura de novas oportunidades militantes. Pude captar, a partir das entrevistas, que as mulheres ao atuarem nos campos educacional, cultural e de gênero se abriram para uma politização das dimensões de gênero que confluíram para a criação de organizações exclusivamente de mulheres negras. A conjuntura da abertura política, a proliferação de agremiações de ativismo social e inserção em partidos políticos foram dimensões que confluíram com a emergência dos temas específicos de mulheres racializadas.

Tanto no que concerne às discussões sobre as relações entre raça e gênero como naquelas concernentes à politização da cultura negra, a análise sob o recorte específico da constituição e dissolução do Grupo Palmares permite contribuições significativas às discussões conceituais mais gerais, contribuições essas que foram apenas parcialmente exploradas aqui. Novos estudos sob esse recorte podem ainda aprofundar o que apenas esbocei.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baun. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Ângela. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. São Paulo: Lua Nova, 2009, p. 49-86.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. **Estudos Afro Asiáticos**, ano 25, n. 3, p. 579-596, 2003.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.
- BAIROS, Luiza. Uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. **Revista Afro-Ásia**, n. 17, p. 173-186, 1996.
- BARBOSA, Márcio (Org.). **Frente negra brasileira**: depoimentos. São Paulo: Quilombohoje, 1998.
- BARDIN, Lauren. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal Edições Ltda., 2009.
- BASTOS, Sara Talice Santos. **Movimento-Partido-Estado**: os repertórios de ação de militantes do movimento negro do Rio Grande do Sul. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BERN, ZILÁ. **A questão da negritude**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. (Coleção QUALÉ).
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BORNE, Cláudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, p. 240-265, jan./jun. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as artimanhas da razão imperialista. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, n. 1, p. 15-33, 2002.
- CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978)**: um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

- CANDE MONTEIRO, Artemisa Odila. **África e Brasil: diálogos possíveis**. Estetização e mistificação de África nas estratégias identitárias e inserção política do movimento negro. 1. ed. Curitiba: Apris, 2013. (Coleção Africanidades).
- CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras Falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Salvador: [s.n.], 2012.
- CARNEIRO, Suely. **Escritos de Uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- COLLINS, Patrícia Hill. Dossiê Se Perdeu na Tradução? Feminismo Negro, interseccionalidade e política emancipatória. Trad. Bianca Santana. **Revista Parágrafo**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2017.
- COMBE, Dominique. “**O negro e a linguagem**” – Fanon e Césaire. Tradução de Osmar Soares da Silva. [S.l.: s.n.], 2015. (Ensaio Filosófico, v. 12).
- CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2018.
- CULTNE ACERVO. **Luiza Mahim - Guerreiras brasileiras**. 1 abr. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xqvqh_vam2g.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: Uma Breve Reconstrução Histórica. 2005. **Mediações**, Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2005.
- DU BOIS, W.E.B. 1868-1963. **As almas da gente negra**. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. “**Por que Fanon? Por que agora?**”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Arned, 2009.
- FONTOURA, Maria Conceição Lopes. **Invasão / Ocupação da UFRGS: diálogo com docentes de cursos de licenciaturas sobre Programa de Ações Afirmativas e Educação das Relações Étnico-Raciais – ERE**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

- FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. **O novo negro na diáspora: modernidade afro-americana e as representações sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)**. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2016.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. **Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado**, Salvador, n. 19, p. 9, mai./jul. 1991.
- GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 pontos).
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 43, p. 26-44, nov. 1995,
- HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidade e mediações culturais**. Tradução de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HANCHARD, Michael George. **Orpheu and power: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil, 1945-1988**. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, Revista de Sociologia**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.
- HOOKS, Bell. Mujeres negras. Dar forma a la teoria feminista. *In*: HOOKS, Bell et al. **Otras inapropiables**. Madri: Traficantes de sueños, 2004.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- KERGOAT, Daniele. Division sexuelle. *In*: HIRATA, Helena. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais do sexo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- MACHADO, Daniele Vieira. **Territórios negros em Porto Alegre (1800-1970)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MARQUES, Pamela Marconatto. “**Nou led, nou la!**” “**Estamos feios, mas estamos aqui!**” Assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Seguido de Sobre El Gobierno Privado Indirecto**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.

MOORE, Carlos. **O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão**. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenefro, 2010.

MORAES, Kelly da Silva. **Política cultural: uma análise sobre a cultura política do movimento negro em Porto Alegre**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **Movimento negro brasileiro: escritos sobre o sentido de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

PEREIRA, Amílcar Araújo. “**O mundo negro**”: a constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PEREIRA, Amílcar Araújo; ALBERT, Verena. **História do movimento negro no Brasil**. Depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC- FGV, 2007.

PEREIRA, André Luiz. **O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. **Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)**. 2007. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAUGLAUDRE, Timothée de. On a discuté féminisme décolonial avec Françoise Vergès. **Vice**, 15 fev. 2019. Trad. Rebecca Bernard. Rev. Pâmela M. Marques. Disponível em: <https://www.vice.com/fr/article/j57gix/on-a-discute-feminisme-decolonial-avec-francoise-verges>. Acesso em: 6 ago. 2019.

REVISTA TIÇÃO. Porto Alegre, n. 1, ano I, mar. 1978.

- REVISTA TIÇÃO. Porto Alegre, n. 2, ano II, ago. 1979.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ROCHA, Lilian Rose Marques (Org.). **Sopapo poético**: pretência. Porto Alegre: Libretos, 2016.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Portugal: Edições 70, 2011.
- SANTOS, Irene (org.). **Negro em preto e branco**: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: edição da autora, 2005.
- SAWICKI, Frédéric. Por uma sociologia dos meios e das redes partidárias: In: MARENCO, André (org.). **Os eleitos**: representação e carreira políticas em democracias. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- SILVA, Joselina da (Org.). **O Pensamento de por mulheres negras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- SILVA, Santa Julia da. **“Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”**: reconhecimento e narrativas sobre a trajetória de Oliveira Silveira. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- SILVEIRA, Oliveira. **Banzo saudade negra. Poemas**. Porto Alegre: edição do autor, 1970.
- SILVEIRA, Oliveira. **Poemas: antologia**. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.
- SILVEIRA, Oliveira. **Vinte de novembro**: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). Educação e Ações Afirmativas. Brasília: MEC/Inep, 2003.
- SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento**: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro de Entrevistas:

- 1 - Como vieste a participar do Grupo Palmares?
- 2 - Qual o período que permaneceu no Grupo Palmares?
- 3 - O que levou a sair do Grupo?
- 4 - Existiam diferenças internas, mas o que os unia?
- 5 - Como era o relacionamento entre homens e mulheres dentro do Grupo Palmares?
- 6 - Que tipo de experiência tivestes através da vivência do Grupo Palmares?
- 7- Fazendo uma análise, qual a importância do Grupo Palmares para a sociedade porto-alegrense e gaúcha?
- 8- Qual a literatura que os militantes negros utilizavam?
- 9- Como tu vê a luta no contexto de repressão político-militar?
- 10- Como constituiu o Razão Negra, Grupo Tição e o papel das mulheres nesses grupos? *

* Perguntas feitas ao Jaime, Jeanice, Jorge Freitas a fim de ver o papel das mulheres em outros grupos que existiam na época, um do jornalismo e outro do teatro.

ANEXO 2

Quadro das/os entrevistadas/os

| NOME | GRUPOS | PERÍODO | PROFISSÃO | LOCAL |
|-----------------------------------|---|--|---|---|
| ANITA LEOCADIA PRESTES ABAD | Palmares | 1971-1975 | Sociologia UFRGS | E-mail 2018 |
| ANTÔNIA MARISA CAROLINO | Palmares, MNUCDR | 1971- 1978 | Ciências Sociais UFRGS | Residência no Bairro Santana, 2018 |
| HELENA VITÓRIA MACHADO | Palmares, Tição, GT MNU, PT, Kuenda, Coisapreta | 1971- 1978 | Arquiteta da SMOV Formada UFRGS | E-mail 2018 |
| JEANICE DIAS RAMOS | Revista Tição | 1978-1979 | Jornalista e Museóloga UFRGS | E-mail 2018 |
| MARGARIDA MARTILHANO RAMOS | Palmares PDT | 1974-1977 | Engenharia PUC | Café Cup Rua República, 2018 |
| MARISA SOUZA SILVA | Palmares, Kuenda, CODENE, SMED | 1972-1976 | Jornalismo UFRGS Pós Educação, Movimento Popular anos 60 | E-mail 2018 |
| MARLI CAROLINO | Palmares | 1972 - 1973 | Letras UFRGS | Residência na Santana, 2018 |
| VERA DAYSE BARCELLOS | Palmares, Tição, Maria Mulher Presidente do Sindicato dos Jornalistas | 1971- 1972, 1972 – 1979 2019 | Jornalista UFRGS | Café Cup República 2018 |
| NAYARA RODRIGUES SILVEIRA | Palmares Semba | 1979 | Professora da Escola Municipal Canoas | Abril de 2018 |
| SANDRA SILVEIRA | Grupo Lima Barreto- GT MNU | Após 1978 | Dra. Educação, profª Ciências Sociais no IFC Campus Gravataí | UFRGS bar Antonio |
| VERA LOPES | Grupo Tição, Yadudu, Maria Mulher | 1978- 1979 | Direito, IPA Atriz | Residência no Bairro Independência, 2018 |
| ANTONIO CARLOS CORTES | Palmares Pres. Clube Floresta Aurora | 1971- 1975 | Advogado UFRGS | Escritório Centro POA, março 2018 |
| ELOY DOS ANJOS | Pres. Prontidão, Grupo Teatro Razão Negra | Participou uma reunião e não permaneceu | Advogado | Residência Passo da Areia IAPI, Março 2018 |
| GILBERTO ALVES RAMOS | Palmares, PT e Movimento Estudantil | 1976 - 1978 | Prof. Química | Residência, 2018 |
| JAIME DA SILVA | Grupo Cultural Razão Negra | 1971-1972 Amizade Oliveira via Biblioteca Pública | Seminarista Artesão | Bistrô do Solar, abril 2018 |
| JORGE FREITAS | Grupo Tição | 1978 | Jornalista | E-mail enviado a Jeanice 2018 |
| RUI MORAIS | Palmares | 1972- 1976 | Sociologia UFRGS | Escritório, 2018 |

ANEXO 3

Marisa Souza da Silva

Formação: Graduada em jornalismo (Faculdade de Filosofia/UFRGS); Pós-graduada em Educação (Faculdade de Educação/UFRGS)

Depoimento para o Projeto “Subjetividades da Luta Antirracista em Porto Alegre. Negritudes do Grupo Palmares das Década de 1970 e 1980”, de Elenir Gularte Marques – Mestranda em Sociologia UFRGS.

Relatos de memórias quase extintas

1) Conheci o Palmares através de reportagens publicadas em jornais. Também ouvi falar do grupo nos espaços do Satélite Prontidão e do Clube Náutico Marcílio Dias, entidades das quais era sócia. Contatos com participantes do Palmares (Rui Moraes, Anita Abad e, especialmente, Helena Machado,) permitiram que aprofundasse meus conhecimentos sobre a Questão Racial. Nos anais do GP consta que meu ingresso ocorreu em 1976. Entretanto, outros registros fazem supor que cheguei já em 1972, possivelmente de modo informal. Permaneci no Palmares até 1988, considerando suas diferentes formações. As reuniões eram realizadas nas casas dos participantes, em entidades negras e espaços públicos ou institucionais. Creio que aconteciam de uma a duas vezes por semana, depois do trabalho, e nos finais de semana.

2) O ajuste dos pressupostos do trabalho do GP ao contexto das custas sociais (contra a supressão de direitos humanos, a concentração de poder político, econômico e do uso e posse da terra) era essencial para alguns participantes. Porém, o processo de discussão destes problemas foi conduzido de maneira equivocada, dando origem a divergência. Mas, de uma certa forma, não se “saía” do Palmares. Mesmo que se buscasse novos paradigmas para a análise da Questão Racial, mesmo que se desejasse uma prática diferente de intervenção na realidade, o GP, sua mensagem, permaneceu como referência para os grupos que vieram depois dele.

Porém, as formas de atuação e de comunicação das mensagens (a massa de documentos extensos e complexos dificultavam a meu ver, a integração dos militantes. Na medida em que reproduzia esquemas de organização próprio da cultura dominante (estatuto, programa de ação, hierarquias, estrutura dos congressos), impedia a concretização de uma prática que compreendesse e falasse a linguagem negra das classes populares. Quando o Palmares voltava ser um grupo autônomo, atuei na Associação Negra de Cultura em 1995

promoveu ato alusivo aos 25 anos do Vinte de Novembro. No início das atividades, chegou-se a cogitar da construção de um espaço para a ANC, em terreno cedido pela PMPA em regime de comodato. Mais tarde, tive algumas participações em atividades promovidas pela PMPA, como foi o caso do Seminário Memória e Identidade – Afirmarções da Cidadania do Povo Negro, trabalhando como oficinaira e palestrante. Particpei também das atividades de construção do Centro de Referência Afro-Brasileiro (CRAB), das ações preliminares de estruturação do Museu de Percurso e das atividades da 7ª (1998) e da X (2001) Semana da Consciência Negra. Acompanhei momentos do trabalho do “Coisapreta”, seu projeto “Cantando Nossa História”, destinado a professores e alunos da rede municipal de ensino em Porto Alegre com o objetivo de divulgar e valorizar o papel do negro na formação do Brasil. O projeto era constituído por apresentações municipais e diálogos com participantes. As músicas eram da autoria do próprio Coisapreta.

No Departamento de Ação Cultural – DAC da Secretaria de Estado da Cultura - SEDAC, incluímos, dentre outros grupos vinculados ao Movimento Negro, o trabalho do Coisapreta nos projetos Pé no Chão, em vilas populares como a Vila Pinto e a Vila Maria da Conceição, e Verão Cultural, na Capital e em outros municípios do RS. No Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra – CODENE, particpei enquanto membro do Kuenda e como representante da SEDAC/RS. O CODENE foi formalmente constituído pelo Governo do Estado, em atendimento, as reivindicações da sociedade civil, encabeçado pela população negra. Dele faziam parte representações de secretarias de Estado. A maior parte de seus integrantes vinha de associações, entidades e grupos comprometidos com a luta contra o racismo, tendo havido também, participações singulares. Se não me engano, seu primeiro presidente foi Nilo Feijó, militante histórico, oriundo do Satélite Prontidão, que atuava em diversas frentes.

No Conselho Estadual de Direitos da Mulher, representando a SEDAC/RS, é possível que tenham sido a única mulher negra, naquela época, a integrar o seu núcleo central. No Conselho, não foram, na minha opinião, abordadas com a necessária profundidade e abrangência as nossas questões quanto mulheres negras. Não se cogitou de proceder a uma crítica ao autoritarismo das mulheres que, já a algum tempo, vinham ocupando as mais altas instâncias do poder em seus países. Finalmente, vim fazer parte do grupo fundador da Ação Cultural Kuenda – ACK, que se propunha a incentivar e difundir a produção cultural negra, resgatando o patrimônio material e imaterial construído pelos afrodescendentes no Rio Grande do Sul. Constitui, assim o projeto “Etnia E Território no Rio Grande do Sul –

Reconciliação do Negro com Sua História”. Desenvolvido primeiramente no Quilombo do Rincão dos Negros, em Rio Pardo, teve como protagonistas quilombolas e remanescentes deslocados para outros lugares. Em razão da identidade da sua proposta com o projeto da UNESCO, de âmbito internacional, “A Rota do Escravo”, a ACK obteve o apoio da instituição. O grupo fundador da ACK foi constituído por Manoela Silva Tavares da Rosa, Olga Silva de Sousa, Carla Machado, Helena Vitória dos Santos Machado, Daltro Caxias de Sousa, Rui Leandro da Silva Santos e Marisa Souza da Silva. O Kuenda realiza um trabalho de resgate do “Quicumbi” (Canto, dança e percussão), manifestação histórica em processo de perda, tradicionalmente apresentado por ocasião das festividades em homenagem a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no município de Rio Pardo. Conquista significativa foi o trabalho de mobilização que deu origem a fundação da Associação da Capela da Bela Cruz no Rincão dos Negros, local onde se desenvolve à festa. A ACK também desenvolveu atividades de resgate nos quilombos de Pederneiras em Rio Pardo, e Areal da Baronesa, em Porto Alegre. O Kuenda foi uma das entidades construtoras do “Centro de Referências Afro-Brasileiro – CRAB, e da Semana da Consciência Negra.

Mas o GP já em suas origens já trazia em si mesmo a marca da contestação. Garimpando na história das inúmeras rebeliões escravas aquela que representasse oposição drástica ao conteúdo real da Abolição de 13 de Mai, configurada como verdadeira farsa, seus iniciadores assumiram uma ação política deliberada e competente, a ponto de repercutir nacionalmente, ultrapassando os limites nas esferas do próprio MN. A República/Estado dos Palmares logo despontam entre as lutas libertárias: suas estratégias de guerra, sua estrutura político-social, integrando vários quilombos, as formas sincopadas de conviver, sua permanência insólita – mais de um século de liberdade conquistada. E mais: o significado do Vinte de Novembro recusa o que é oficial, o que é canônico. Assinala o momento maior do negro brasileiro e Zumbi incorpora todos os negros sequestrados e escravizados que, desde a travessia, de um modo ou de outro, não se deixavam subjugar.

Na fala de Oliveira, o Estado Negro “foi criação coletiva da negrada.” Contudo a essência contestadora da proposta do GP, “identidade racial negra e poder político”, exigiam ampliar e qualificar com maior clareza a interação dos militantes e com as comunidades negras, rompendo coma verticalidade da comunicação, dando origem a uma igualitária troca de saberes. A legitimidade de tal processo implicava em se abrir mão das ações espúrias de glorificação das periferias”, ações que em si mesmas se eximem de qualquer compromisso comas reais necessidades dos excluídos. Mesmo assim, seus integrantes construíram trajetos

“os tortos e opostos” que os levaram, até onde, desde o início, queriam ir. Feito, para os desavisados “surpreendente”, o Vinte de Novembro, dia da morte de Zumbi, bandeira de luta do Grupo Palmares, é hoje o Dia Nacional da Consciência Negra.

A respeito do GT Palmares/MNU, diz um registro de Oliveira Silveira: “Cumprida a primeira fase encerrada em 1978, o Grupo Palmares volta nos anos 80 como grupo de trabalho do MNU. ... O fato é que em 1981 formou-se o MARAU-RS. Nele um novo grupo de trabalho, divergente, surge em 1983: o GT Lima Barreto, que chamava o grupo inicial de Grupão. Percebendo-se que no Grupão a maioria havia sido integrante do Palmares, foi adotado o nome GT Palmares. Mais adiante ocorre a desvinculação do GT Palmares em relação ao MNU e começa a terceira fase como Grupo Palmares novamente autônomo.

No Palmares as mulheres participavam em todas as frentes e em todas as etapas de ação do grupo. Atuavam na construção de pressupostos teóricos (como foi o caso do estabelecimento da relação capitalismo – escravidão – racismo, na formulação de diretrizes, na produção de documentos e publicações. Constituíam-se como negociadores junto a instituições governamentais e privadas, sem interferência da questão de gênero. Mas o que diz respeito à Questão Feminina em si mesma, parece que ficava restrito à discussão dos problemas da mulher negra no mercado de trabalho, seu acesso à educação e inserção nas classes sociais e ocupação de espaços decisórios. Não me ocorre que tenha havido uma atividade estruturada e coletiva para uma análise crítica, encaminhada a uma tomada de posição claramente posta, quanto à crescente violência física e simbólica praticada contra a mulher negra. Da mesma forma, não lembro se, no coletivo, o problema da descriminalização do aborto foi examinado (aborto ilegal: extermínio de mulheres negras e pobres). Indo além, do Palmares e do próprio Movimento Negro, caberia indagar mulheres negras se estariam “dispostas a expressar sentimentos pró-aborto”. Possivelmente muitas fossem a favor do direito ao aborto”, o que não significa que fossem defensoras do aborto”. Também não tenho conhecimento de que tenha sido formalmente abordada a temática da liberação sexual, naqueles tempos em curso uma das principais bandeiras do Movimento Feminista no mundo. Em ocasiões isoladas, alguns companheiros, para denunciar a violência do escravagismo, referiam o estupro pelo senhor branco contra a mulher negra escravizada. Sem maior aprofundamento ou contextualização adequada, acabaram por representá-la como fragilizada e submissa. Impunha-se, então contrapor a realidade das mulheres negras que não só participaram das fugas e das revoltas dos escravos, mas também as lideraram as que se constituíram em chefes de quilombos. Além destas, houve as que por conta própria, atacaram

e puniram seus algozes, chegando a recorrer a formas drásticas de resistência, o suicídio e o filicídio. Mais do que privar o senhor de seus “bens”, eram atos de libertação. Resistências importantes, de naturezas diversas, foram as atuações femininas negras nas medidas associativas (alocação de recursos financeiros, formação de pecúlios) para a libertação de escravizados.

O Movimento Feminista, tal como se configurou naqueles dias, parecia ser uma etapa incorporadora na longa trajetória da luta feminina por seus direitos. Tendo surgido, principalmente em países dominantes e hegemônicos, causaram inquietação e questionamentos. No Brasil, como de resto nos EUA, países extremamente racistas, custou a incorporar as preocupações e lutas de mulheres de diferentes classes (as de baixa renda, as operárias) e raças (as negras, as indígenas). Suspeitava-se que setores do feminismo, tolerantes e condescendentes, ocultassem tendências excludentes e racistas. De todo o modo, já engajadas na luta contra o racismo, coube às militantes negras abrir espaço para suas reivindicações, “reinventando o feminismo” e “redefinindo o que é ser feminista”. No Palmares (todos nós éramos negros) as mulheres não formavam um grupo homogêneo, mas o que realmente importava a consciência construída dos significados do patriarcado e do racismo. Não me atrevo a falar das aspirações feministas. Escolhi dizer das aspirações femininas em contextos diversificados. Também acredito que não é importante referir aspirações singulares enquanto desejos, ambições ou seus sonhos de desenvolvimento e bem-estar pessoais, que são verdadeiros desafios (ou seriam armadilhas?) para as mulheres negras que lutam, para obter “visibilidade” e “representatividade”. Mesmos marcados pela incerteza e pela decepção, nossas aspirações, muito informadas por atividades profissionais, transpunham o âmbito do Palmares e até do Movimento Negro. Assim, elas foram construídas no complexo e contraditório panorama das lutas sociais, esperando-se que pudessem corresponder a aspirações de mulheres negras e de outros grupos excluídos. Contemplando anseios, interesses e necessidades urgentes manifestadas pelos desassistidos, tinham em mente: – a busca de uma educação como forma de resistência (subversão de currículos de metodologias e a normatização dos modos de ser), tendo como protagonistas crianças e adolescentes e adultos; – atenção especial à Educação Infantil, de 0 a 6 anos, grupo estratégico e de risco; – o acesso a serviços de saúde com ênfase no atendimento materno-infantil (mulheres e crianças negras são mais vulneráveis); – desenvolvimento da economia familiar, centrada na ação feminina; – explicitação no sistema jurídico de leis punitivas para o crime e a injúria raciais e para violência física e simbólica perpetrada contra a mulher; – a

“real e concreta” atualização da CLT, com base nos interesses e necessidades de trabalhadoras: equalização/equiparação do trabalho feminino; redimensionamento do tempo para trabalhar, dormir e para viver.

Essas aspirações estavam entre nós “desde tempos imemoriais” e aqui permanecerão por séculos... Tomando apenas o período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980 até os dias atuais, organizações da sociedade civil e movimentos sociais obstinam-se em realizar trabalho efetivamente inclusivo. Mas dá para ver que sua trajetória estava sujeita aos ataques determinados pela “crise da democracia”.

Em vários momentos da história do GP predominaram as mulheres. Mas, no grupo o sexismo não rolava. No contexto mais amplo do Movimento Negro, inúmeros companheiros eram solidários. Os espaços de fala eram, então, também espaços de ouvir. Mas, como costuma acontecer em tudo que se move, volta e meia apareceram posicionamentos extremados, dispostos a “caçar” (procedimento muito em voga naquela época) a palavra de quem quer que fosse. Para que as reivindicações das mulheres negras fossem contempladas é possível, que, em algumas situações, tenha sido necessário adotar estratégias radicais. Processos de resistência podem ter dado origem a grupos exclusivamente femininos.

Tudo o que referia à destacada participação negra, lutando por sua própria liberdade interessava ao Palmares. Quanto ao Oliveira Silveira “vou fazer a louvação... do que deve ser louvado... louvando o que bem merece, deixando o ruim de lado”. Muitas e muitas vezes discordei de Oliveira, mas era difícil chamá-lo para uma briga. Sempre foi comedido e firme em suas convicções. Sua poesia pairava acima de qualquer “afoto”. Imagem – síntese do poeta negro engajado, seus poemas chamam à luta: “Batuque, tuque, tuque/ Todo muque no tambor”.

Em nível internacional, Gregoria Alegria; Silvéria Rodrigues e Eulália Mancilla (artesãs negras de Guapi, Colombia, engajadas em projetos de resgate do fazer artesanal, meio de superação dos malefícios do tráfico); Angela Davies; Nina Simone (voz de luta dos Direitos Civis/EUA, ao lado de Malcom X).

Frantz Fanon: Os Condenados da Terra; Carlos Vaz: Para um Conhecimento do Teatro Africano (República de Guiné – Bissau); Milton Santos: Território e Sociedade; Maria Amélia Azevedo: Mulheres Espancadas – Violência Denunciada; Josué de Castro: A Geografia da Fome; Francisco Alencar e outros: História da Sociedade Brasileira; Margaret Meade e James Baldwin: O Racismo ao Vivo; Kabengele Munanga: Negritude – Usos e Sentidos (Zaire); Cadernos Movimento: O Poder Negro; Stokely Carmichael, Malcolm X e

outros: Black Power/Poder Negro; Michel Foucault: Vigiar e Punir; Octávio Ianni: Metamorfoses do Escravo: apogeu e crises da escravatura no Brasil Meridional; Vanilda Pereira Paiva: Educação Popular e Educação de Adultos; Paulo Freire: A Pedagogia do Oprimido; Moacir Gadotti: A Educação contra a Educação; Maud Manoni: A Educação Impossível; Décio Freitas: Palmares: a guerra dos escravos ; Insurreições escravas; Alfredo Margarido: Revoluções.

Literatura Ficcional:

Poesia Solano Trindade: Tem Gente com fome, Outros Poemas; Oliveira Silveira (Poemas) e Pedro Homero (arte): Orixás; Aimé Cesaire: Cadernos de um Retorno ao País Natal (Caribe); Eduard Glissant: As Índias (Caribe); Langston Hughes: Eu Também (EUA); Lara de Lemos: Anit-Canção para O Negrinho do Pastoreio;

Teatro:

Vinícius de Moraes: Orfeu da Conceição Instituto de Artes/Curso de Arte Dermática – UFRGS; Agamêmnon (Sófocles) – personagens da tragédia gregas transmutadas em orixás africanos (Agamêmnon/ Xangô, Clitemnestra/Iansã...) Guarnieri e Edu Lobo: Arena Conta Zumbi; Rui Guerra e Chico Buarque: Calabar – O Elogio da Traição; Guarnieri: Eles Não Usam Black-Tie.

Outras publicações:

Alice Walker: A Cor Púrpura; Oswaldo de Camargo: A Descoberta do Frio; O Carro do Êxito; Joel Rufino dos Santos: Dudu Calunga; A Botija de Ouro; Josué Montelo: Os Tambores de São Luiz; José Lins do Rêgo: Moleque Ricardo; James Baldwin: Numa Terra Estranha; José Luandino Vieira: Luanda – estórias; Manuel Lopes: Os Flagelados do Vento Leste (Cabo Verde); Euclides da Cunha: Os Sertões – Campanha de Canudos (a denúncia de um crime – o caráter de luta pela liberdade, de extermínio racista costuma ser omitido pela história oficial).

ANEXO 4

Helena Vitória dos Santos Machado

Formação: Arquiteta UFRGS, entrevista abril/2018

Texto resposta às questões formuladas por Elenir Goulart marques, mestranda em Sociologia, para o projeto: “Subjetividades da luta anti-racista em porto alegre: negritudes do Grupo Palmares das décadas de 1970 e 1980”

Cabe, primeiramente, lembrarmos dos iniciadores do Grupo Palmares, no período em que ainda se concretizava a ideia de constituir um contraponto ao 13 de maio: Antonio Carlos Cortes, Ilmo da Silva, Oliveira Silveira e Vilmar Nunes.

Com o Grupo Palmares iniciamos nossa militância organizada no Movimento Negro. Sem conhecer nenhum dos integrantes nem ter tido atuação anterior na luta, recebemos convite para evento no Clube Náutico Marcílio Dias, de saudosa memória. Entramos no Grupo em novembro de 1971, ocasião da primeira atividade pública do Palmares - “Evocativo ao 20 de Novembro”. Ocasão em que passamos então a conhecer as propostas centrais do grupo que eram de revisão de aspectos da história do negro no Brasil e a necessidade de se discutir e divulgar fatos trazidos à tona pela nova historiografia.

O Grupo se reunia periodicamente, em universidades, nas residências dos militantes, e em órgãos públicos ligados à cultura, para discutir a importância e a participação do negro no processo histórico do Brasil, promovendo encontros culturais, conferências, shows e exposições. Buscava preencher a falta de informações da comunidade negra sobre sua própria história. Fundado em 20 julho de 1971, foi um dos grupos responsáveis pelo novo enfoque dado às raízes culturais do negro brasileiro. Em 1974 propõe a data de 20 de novembro como alternativa ao treze de maio, passagem que marca a morte do último rei da República de Palmares. Essa iniciativa veio a ser seguida por outros grupos no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, vindo a constituir, através do Movimento Negro Unificado, o “Dia Nacional da Consciência Negra”.

CARACTERIZAÇÃO

A caracterização do Grupo Palmares, pelos próprios integrantes, como um grupo de discussões, estabelecia um limite para a ação militante e não favorecia o desenvolvimento de atividades sócio-políticas mais engajadas, tais como contestações coletivas de protesto, críticas ao caráter racista do sistema, etc. A proximidade do Grupo Palmares com a população através de exposições, palestras e encontros, cumpria um papel informativo. A nosso ver,

poderíamos ter trabalhado com mais profundidade a necessidade de afirmação da identidade negra, mas ficava em aberto a contextualização conjuntural, ferramenta indispensável para despertar a consciência da questão negra no Brasil como questão estrutural.

Mulheres participavam do Grupo Palmares levando na prática sua luta, ainda que não fossem militantes do Movimento Feminista. Entre outras militantes defendíamos que a luta visasse conquistas sociopolíticas e não só as feministas. As mulheres negras tiveram experiência histórica diferenciada e o discurso tradicional sobre a opressão da mulher tem dificuldade em reconhecer. Também não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida ainda causa na identidade feminina negra. Luisa Barrios, emérita e saudosa militante do MNU, depois Titular da SEPIR, usava a imagem da empregada doméstica como paradigma para analisar as condições de marginalização da mulher negra, referindo a existência de uma “marginalidade peculiar” que confere um ponto de vista especial à mulher negra e nos leva a uma visão diferente daquela encaminhada pelo grupo feminista hegemônico. As práticas do Movimento Feminista no processo de luta não conseguiam abranger a totalidade do gênero e sua permanente construção, o que resultava em desigualdades recorrentes. Nas palavras de Sueli Carneiro, filósofa, escritora e ativista do MN, havia que “... enegrecer o feminismo...”

Ainda que o machismo, tal como nos dias que correm, encontrasse meio de refugiar-se em atitudes de alguns companheiros, à época, no G. Palmares, temáticas feministas não chegavam a constituir proposições. Mais adiante, a questão feminina negra foi preocupação da equipe do jornal “Tição”, traduzida em matéria de outubro de 1980, centrando no aspecto mercado de trabalho:

“... Existe um ditado correndo de boca em boca dos racistas e machistas, afirmando que as mulheres negras têm um lugar garantido “no palco, na cama e na cozinha, sem fazer concurso público e com estabilidade assegurada”. E é uma realidade imposta pelas diferenças de classe e pelas ideologias particulares de opressão da mulher e do negro...”

A Mobilização pelas lutas das mulheres negras em Porto Alegre vai aparecer mais claramente em 1981, quando o MNURS leva ao Congresso Nacional do Movimento nota de denúncia sobre a situação de desigualdade e submissão da mulher negra, pela garantia de leis trabalhistas às empregadas domésticas e por maior amparo e orientação à mãe solteira, entre outras demandas.

CONCEITOS E PRÁTICAS

A Evocação e a celebração do 20 de novembro e de Zumbi promovidos pelo Grupo Palmares, conseguiam aglutinar e motivar. No entanto esse perfil viria a se esgotar, em razão de não estar vinculado a uma prática de estudos críticos da história social do país e de não contemplar a necessidade de uma mudança social. Na realidade não trabalhávamos com a mesma força outros heróis tais como Felipa do Pará ou João Cândido entre muitos outros. Para cada Zumbi existia um sem número de escravos, figuras incógnitas que pressionavam por mudanças de aspectos institucionais daquela sociedade. Mitificávamos um deles em detrimento de centenas que, em pleno período colonial, construíam a resistência negra.

Nosso entendimento era de que a criação de heróis é uma característica do sistema, que é quem precisa de heróis. O trabalho dos líderes negros teve um enorme suporte coletivo que quase nunca aparece. Na divulgação histórica dos valores humanos da República de Palmares o protagonismo de milhares de quilombolas tem que ser resgatado. Até hoje, em vários estados do país, o 20 de novembro recebe significativas programações. Por vezes Palmares ou mesmo Zumbi são utilizados de maneira oportunista, chegando a levar ao esvaziamento do real significado do que, possivelmente, foi a única tentativa, no Brasil colônia, de ser estabelecida uma sociedade democrática.

Atos comemorativos, shows, debates e outras atividades marcavam “datas heróicas”, por si só significativas. Mas nos perguntávamos como essas práticas iriam realimentar os conteúdos ligados à memória, à consciência e à mudança da situação de submetimento social em que se encontra a maioria negra. Eram ações pontuais sem um marco de ação continuada. Perdiam-se, a nosso ver, por estarem sendo geradas conforme os procedimentos da cultura dominante.

Falar sobre discordâncias internas do Grupo Palmares não significa, como alguns supõem, centrar na oposição feminismo-machismo, mas sim atribuí-las à existência de posições conceituais divergentes, devido especialmente a propostas de apoio mais efetivo do grupo às lutas sociais na defesa de direitos que afligiam (afligem) a sociedade brasileira por trabalho, por terra, por condições dignas de vida. No final da década de 1970, a crise econômica abalou o poder aquisitivo dos trabalhadores, os empregos desapareciam, grandes movimentos sociais, manifestações em praças públicas, violência policial, greves... enquanto alguns integrantes do Palmares se posicionavam firmemente como “apolíticos”. Em resumo, o Grupo Palmares, evidenciava, na maior parte do tempo, um perfil essencialmente cultural, não

se propondo a ser identificado como movimento político de mobilização negra pela erradicação das disparidades sociais.

Boa parte dos integrantes trazia experiência da militância estudantil - o espaço para reivindicações no Palmares resultava aparentemente democrático e as decisões eram tomadas no coletivo. Contudo o Grupo Palmares, sem elaborar crítica à sua proposta metodológica, não evoluía para ações de cunho mais transformador. Na ata de fundação do GP em 1971 lia-se: "... Associação Cultural destinada a desenvolver estudos e atividades relativas à cultura negra..." Vinte anos depois (1992), tendo passado por uma rearticulação, constava nos seus Estatutos: "... O Grupo Palmares tem por finalidade promover e realizar palestras, conferências, apresentações musicais, seminários e outras formas de atividades culturais, promover a troca de experiências entre produtores de arte e a cultura latente das classes populares; difundir para a sociedade geral, independente de origem étnica ou classe social, idéias sobre as possibilidades de expressão cultural de indivíduos e grupos a partir de suas experiências de vida; promover e incentivar maior participação do negro no processo político e social brasileiro; realizar intercâmbio com outros grupos e entidades."

Tal mudança evidenciou um avanço nos objetivos do Grupo, visando lutas mais amplas, chegando a ocorrer propostas de direcionar a luta sobre o problema racial brasileiro através de ação comunitária. Nessa fase, porém, a equipe originária havia esgotado as possibilidades de trabalho prático conjunto. A existência de profundas discordâncias conceituais além da presença de egos sintônicos (sig.: imagem do eu existe isenta de qualquer crítica) foram prejudicando sua trajetória e levaram a um desagregamento progressivo. Permanecemos no Palmares até 1978.

ACÇÕES DO GRUPO PALMARES A DESTACAR:

- "Mini História do Negro Brasileiro", em 1976 – O Grupo Palmares editou e distribuiu um pequeno ensaio, difundindo dados que situassem a população negra sobre suas origens, logo sobre seus problemas enquanto grupo social. Pesquisa e redação de Oliveira Silveira.

- Mais tarde, com a reformulação do Palmares, militantes realizaram uma análise crítica da Mini História do Negro Brasileiro e com uma nova perspectiva elaboraram a "História do Negro Brasileiro – Uma Síntese". Pesquisa e redação: Anita Leocádia Prestes Abad, Helena Vitória dos Santos Machado, Luis Mário Tavares da Rosa, Marisa Souza da Silva, Oliveira Silveira. Essa publicação foi editada e lançada em 1985 pela Prefeitura de Porto Alegre (SMEC), por iniciativa da comissão responsável pela coordenação da "Primeira

Semana do Negro”. É importante destacar que a diretriz básica para a elaboração da pesquisa foi: “... de que a posição ocupada pelo negro na estrutura de classes brasileira está intimamente vinculada ao desenvolvimento e às características do sistema capitalista.”

- “Congadas de Osório-RS” em 1973. Acompanhamento, Estudo e Divulgação.

- “Exposição da Mini Biblioteca do Grupo Palmares” na Associação Satélite-Prontidão, em 1977, com a presença do escritor paulista Oswaldo de Camargo como convidado especial.

QUAL É O MEU PAPEL?

Entra novo no mundo e pergunta:

QUAL É O MEU PAPEL?

e saberás então

que não estás apenas em um palco

como te pode representar

e então perguntarás:

QUAL É O MEU PAPEL?

e saberás então

que não estás apenas num salão

com drink e high-society

e então perguntarás:

QUAL É O MEU PAPEL?

e saberás então

que não estás num picadeiro apenas

onde cabriolar

e então perguntarás:

QUAL É O MEU PAPEL?

e saberás então

que não estás apenas numa arena

em que não és o touro

e então perguntarás:

QUAL É O MEU PAPEL?

Oliveira Silveira

em “Praça da Palavra”

Em nosso país as mobilizações iniciadas com os movimentos de massa contra torturas e prisões arbitrárias da ditadura militar, as greves operárias em importantes polos industriais e as paralizações de professores, impulsionaram o MN a uma ação mais agressiva junto à população negra. Em SP, várias entidades que vinham desenvolvendo trabalho antirracista, agravado pela morte de um operário negro torturado pela polícia, fato não isolado, decidem-se por um ato público contra o racismo. O Ato Público foi realizado pelo Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – MNUCDR em 07 julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de SP e veio a se tornar um marco referencial na luta negra nacional, em razão de sua avançada proposição de luta continuada por condições dignas de vida, dirigida a todos os oprimidos.

Nesse período o Grupo Palmares interrompera suas atividades. No entanto, alguns integrantes participaram na proposta de criação e da equipe de redação do “Tição” - dois números editados como revista 1978/ 1979 e o último em forma de jornal em 1980. É no jornal Tição que vai se iniciar a organização do Movimento Negro Unificado MNURS.

No Rio Grande do Sul o MNU se concretizou oficialmente em março de 1981 através do lançamento do “Manifesto de Adesão do Rio Grande do Sul ao Movimento Negro Unificado”. Em abril nosso estado se fazia representar no Congresso Nacional da entidade, em Belo Horizonte. Após vários encontros e reuniões, tanto comunitários, como de organização interna, foi lançado, em 20 novembro desse mesmo ano o 1º Boletim Informativo do MNURS, contendo nota denúncia contra o regime de apartheid da África do Sul e conclamando à luta antirracista contra as estruturas de dominação.

Sendo uma organização federativa, o MNU necessitava difundir aos núcleos estaduais instruções normativas. Os filiados, em todo o país, deveriam assumir os documentos básicos da organização, aprovados nas assembleias nacionais: Estatuto, Programa de Ação, Carta de

Princípios e Regimento Interno, cumprindo orientação advinda de decisão coletiva. Todavia nossas práticas e alternativas de organização aqui no sul não se encaixavam nessas normativas. A realidade concreta não encontrava espaço para se expressar nos encontros nacionais e, por vezes, nem havia condições objetivas de nos fazermos representar nas assembleias. Defendíamos uma estrutura baseada em nossas características locais. Observe-se que a partir de 1979, aumentou, no cenário político brasileiro, a expectativa de obtenção de poder pelos negros através dos partidos. O movimento negro organizado vislumbrava a chance real de conquista de poder. Aqui no sul, alianças, negociações e regulamentações passaram a fazer parte do jogo de acesso a esse poder, vindo a reforçar atitudes

individualistas, ascensionistas e competitivas, ocasionando desagregações nos núcleos do MNU.

Esse foi um período importante para a aglutinação de alguns ex-integrantes do Palmares e do MNU, que iniciaram uma trajetória de busca da expressão musical negra. A linha de trabalho procurava traduzir os problemas do racismo, mas também transmitir a possibilidade de indivíduos ou grupos, criarem a partir de suas experiências de vida.

O grupo referido acima integrou o “Afrolatino”, que chegou a participar do Primeiro Encontro Internacional de Música Negra em 1985, promovido pela prefeitura de São Paulo. Dessa equipe saem militantes para criar o “Muntu” – “ser inteligente” em língua africana, apresentando trabalho musical próprio, com destaque para “Negrice”, evento ocorrido no Museu do Trabalho de nossa cidade. Em 1988, alguns militantes egressos do Palmares passaram a desenvolver oficinas alternativas de música em vilas periféricas de Porto Alegre - projetos promovidos por instituições públicas. Nessa ocasião tomou o nome de grupo “Coisapreta”. As temáticas abordadas enfocavam a questão negra na sociedade brasileira a partir de uma perspectiva crítica de fatos e dados históricos sobre a contribuição do negro na formação socioeconômica e cultural. Com o projeto “Cantando nossa história” em 1992, o grupo Coisapreta aprofundou suas características de ação comunitária, onde fala e música ao vivo se integravam. Deve ser referida a Associação Negra de Cultura – ANC, fundada em dezembro de 1987 como entidade de caráter cultural. Essa agremiação pode ser considerada como um desdobramento das ações do Grupo Palmares, uma vez que na sua constituição houve participação efetiva de alguns de seus militantes. Sua continuidade se deveu ao interesse e à persistência de Oliveira Silveira. Grupo Palmares, Tição, Movimento Negro Unificado, Associação Negra de Cultura, Coisapreta e Ação Cultural Kuenda, como se pode constatar, vieram na esteira um dos outros, mantinham uma espécie de ligação e de certa forma estiveram, por períodos, imbricados. O Ação Cultural Kuenda, definiu esse nome em 2002 mas seu surgimento aconteceu na continuidade de uma participação intensa em projetos comunitários, ainda no decorrer das ações do Coisapreta. Kuenda, em língua africana significa caminhando, andando. Foi uma das entidades construtoras do Centro de Referência Afro-Brasileiro. Participou, desde 1998, da Semana de Consciência Negra de Porto alegre, sendo uma de suas entidades fundadoras. Constituiu o projeto “Etnia e Território no Rio Grande do sul – Reconciliação do Negro com sua História”, com a população quilombola da região do Rio Pardo - Quilombo de Pederneiras e Quilombo Rincão dos Negros. Nesse último, uma das conquistas significativas foi o trabalho de mobilização que deu origem à Associação da

Capela da Bela Cruz. O Kuenda recebeu apoio da UNESCO para esse projeto, em virtude do seu propósito de desvendar a participação do negro no processo de ocupação do Rio Grande do Sul. O Ação Cultural Kuenda também realizou, no Quilombo do Areal, em Porto Alegre, projeto de ação comunitária, visando criar condições para o desenvolvimento sustentável daquela comunidade (trabalho e renda).

NOSSA ATUAÇÃO NA TEMÁTICA NEGRA - PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE:

“Arquipélago - As Ilhas de Porto Alegre” – Publicação integrante da coleção “Memória dos Bairros” utilizando técnica de história oral. Inclui capítulo sobre provável existência de quilombos no Bairro Arquipélago. Autores: José Juvenal Gomes, Marise Antunes Ventimiglia e Helena Vitória dos Santos Machado. Assessoria Especial para Políticas Públicas do Negro – GP e Secretaria Municipal de Cultura - SMC; 1º Semana do Negro – Integrantes da Coordenação, em parceria com representantes do MN da sociedade civil. Lei Municipal nº5567/85 atendendo solicitação do Movimento Negro da Cidade de Porto Alegre. Palestras, filmes, atividades desportivas, exposições, oficinas. (SMC). Fundamento e diretriz propostos pela comissão responsável pela promoção da 1º Semana: “...promover atividades culturais não como objeto de eventos discursivos ou estáticos encastelados, mas sim como busca de conhecimento das atuais e reais condições de expressão da cultura negra.”; Subsequentes Semanas do Negro (Lei nº5567/85). Coordenação de Direitos Humanos Assessoria de Políticas Públicas para o Povo Negro; Grupo de Trabalho Antirracismo – GTA - Integrantes da Coordenação. Grupo responsável pela definição de temáticas e atividades que desvendavam a sociedade racista brasileira, com ações exclusivamente voltadas aos servidores da PMPA. Entre diversas trabalhos realizados destacamos: “Curso de formação Continuada em Raça e Etnia” - visava à formação e sensibilização dos servidores que trabalhavam diretamente no preenchimento dos cadastros municipais ou interessados nos temas, para que fossem agentes promotores de direitos humanos na perspectiva de raça e etnia; edição do “Tambor”, boletim da 8º Semana de Consciência Negra; Projeto e ação comunitária na área do patrimônio, através de pesquisa participante, desenvolvidos com e no Quilombo do Areal através de equipe multidisciplinar, objetivando afirmação da identidade sociocultural dos quilombolas. Museu de Porto Alegre – SMC

Sobre o tema Bará do Mercado Público de Porto Alegre, participamos das discussões sobre o Assentamento existente no Mercado Público desde sua origem, na Equipe Técnica de Restauro

- prédio tombado como Patrimônio Histórico Municipal. Mais tarde, como integrante da equipe técnica do Museu de Porto Alegre, acompanhamos as ações para a realização de levantamento sócio- antropológico e histórico do assunto, bem como para a definição desse Patrimônio Imaterial do Município de Porto Alegre como 1º Marco do Museu de Percurso do Negro; Centro de Referência Afro-Brasileiro – CRAB: Participação no grupo construtor original, na difusão dos princípios, nos Seminários e Encontros. Coordenação de Direitos Humanos - Assessoria de Políticas Públicas para o Povo Negro; Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre. Projeto e ações derivados do Centro de Referência do Negro em Porto Alegre – CRAB. Coordenação de Direitos Humanos – Assessoria de Políticas públicas para o Povo Negro; Não tivemos atuação sistemática no CODENE – Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, órgão do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, tendo participado esporadicamente por ocasião de parcerias desse Conselho com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a exemplo das reuniões organizativas para ações do “3º Seminário do Centro de Referência Afro-Brasileiro”. Grupos do Movimento Negro que participavam do CODENE, até onde nos foi possível observar, prezavam e defendiam a independência do Movimento com relação a partidos políticos.

ALGUMAS INFLUÊNCIAS: ESCRITORES, ATIVISTAS, PRODUÇÃO POÉTICA, MUSICAL E ARTES VISUAIS

Florestan Fernandes - O Negro no Mundo dos Brancos

Décio Freitas - Palmares: a Guerra dos Escravos

Carlos Hasenbalg - Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil

Octavio Ianni: Raças e Classes Sociais no Brasil

Clovis Moura – Dialética Radical do Negro Brasileiro

Sonia Correa Eduardo Homem - Moçambique: Primeiras Machambas

Ernesto Ennes – As Guerras nos Palmares

Edison Carneiro – O Quilombo dos Palmares

Franklin de Oliveira - Morte da Memória Nacional

Caio Prado Júnior - História Econômica do Brasil

Joel Rufino dos Santos - O Movimento Negro e a Crise Brasileira

Eduardo Escorel – Paulo Moura: Alma Brasileira

Luis Silva - Cuti – Poemas da Carapinha

Stephen Bantu Biko – Escrevo o Que Eu Quero

Clementina de Jesus, Éle Semog, Marcos Antonio Cardoso, Lélia Gonzales, Carolina Maria de Jesus, Oswaldo de Camargo, Luiza Barrios, Itamar Assumpção, Milton Santos.

“Quando as palavras não são tão dignas quanto o silêncio, é melhor calar e esperar.”

Eduardo Galeano

ANEXO 5

Anita Abad

Formação: Sociologia/UFRGS

Título do Projeto: Subjetividades da Luta-Antirracista em Porto Alegre: Negritudes do Grupo Palmares das décadas de 1970 e 1980.

Nome: Anita Leocádia Prestes Abad

Onde Nasceu: Porto Alegre

Formação: Curso de Ciências Sociais da UFRGS

Em que circunstâncias vieste a participar do Grupo Palmares?

Qual o seu tempo de permanência no Grupo, onde aconteciam as reuniões e de quanto em quanto tempo?

Minha participação no Palmares iniciou quando comecei o curso de Ciências Sociais da UFRGS em 1971. Permaneci no Grupo até 1975, quando viajei para Angola.

Como foi seu contato no grupo e por que razão saiu do grupo?

Fui informada da existência do grupo através de uma colega de trabalho que tinha conhecimento do trabalho que estava sendo desenvolvido pelo prof. Oliveira Silveira.

A razão do meu afastamento do grupo foi a minha viagem a Angola, ocorrida em 1975.

Atuou em outros grupos além de Palmares, descreva sua atuação em outros grupos, de Porto Alegre, Brasil e a experiências a nível internacional.

Em Angola, onde cheguei pouco antes da independência, em agosto de 1975, trabalhei no IEISSA, Instituto de Educação de Angola, na formação de educadores sociais que iriam participar nos programas de alfabetização iniciados em todo o país pelo MPLA. Depois, em Gotemburgo/Suécia trabalhei no projeto de alfabetização de imigrantes de língua portuguesa. De volta ao Brasil, exerci atividades no Abrigo Rainha Silvia em Itaboraí/RJ. Uma casa para acolhimento de mulheres grávidas, mantido por organizações suecas.

Na época como era o relacionamento dos integrantes do Grupo Palmares?

Nas muitas idas e vindas dos integrantes do grupo, o relacionamento era de muitas discussões e do desejo de todos de conhecer a verdadeira participação do negro na construção da nossa história, mas contatada sob a perspectiva do negro.

Poderia descrever como via Oliveira Silveira e qual seu papel dentro do grupo, se ele era uma liderança ou caminhava na mesma linha que outros integrantes?

Lembro do Oliveira como um conciliador, sempre ansioso em engajar mais participantes ao grupo e procurando sempre conciliar e acalmar os ânimos, quando as discussões se acaloravam. O mais importante era a integração de um maior número possível de militantes e também a busca de uma maior visibilidade de nossa presença e de nossa luta, retratando as vivências dos negros em nosso estado. Os problemas vividos especificamente pela mulher negra não eram muito discutidos, embora, segundo lembro as mulheres fossem presenças mais constantes no grupo.

Existia alguma diferença na participação de homens e mulheres? Já se discutiam questões de gênero quais as práticas e ações das mulheres no grupo e fora?

Não lembro que houvesse esse tipo de problematização.

Como era a atuação das mulheres no grupo Palmares? Já eram discutidas as questões de gênero?

Em primeiro lugar priorizávamos a luta pela afirmação do negro e o reconhecimento do seu papel na construção da história do nosso país.

Que aspirações as feministas tinham e como era vista a militância feminina dentro do grupo?

Ver resposta 07.

Havia espaço para as falas e questões das feministas dentro do grupo, a mulher tinha seu espaço de fala e reivindicações ou eram os integrantes homens que decidiam os temas a serem tratadas?

Ver resposta 07.

Agora que se passaram décadas é possível avaliar a importância do Grupo Palmares para época e para os dias de hoje na luta antirracista?

Ver resposta 07.

Debatiam-se questões de raça e racismo na época, e qual o papel de Oliveira Silveira dentro do Grupo?

Sim, isto sempre e o papel do Oliveira era de estimular todos a buscar informação, a ler mais, diferentes autores e procurar sempre embasar os seus argumentos não apenas nas suas próprias vivências mas nas leituras que haviam sido feitas.

As questões da mulher negra eram tratadas na época, quais as mulheres negras a nível nacional e internacional influenciavam as mulheres negras do grupo?

Ver resposta 07.

Quais literaturas ou livros eram lidos com relação à raça ou gênero na época? Seguiam ou eram influenciados por líderes dos movimentos civis internacionais?

Livros: A revolta da Chibata; A revolução dos malês; Alma no Exílio; A integração do negro na sociedade de classes; Pele Negra, Máscaras Brancas; A integração do negro na sociedade de classes, etc.

Autores: Florestan Fernandes; Frantz Fanon; Décio Freitas; Edmar Morel; Richard Wright, etc.

ANEXO 6

Jeanice Dias Ramos

Formação: Jornalista e museóloga

Grupo Revista Tição

Bom, eu participei quase que desde o início. Foi questão de meses que me convidaram para participar do grupo Tição. Era grande insatisfação em relação a não termos um veículo próprio que defendesse os interesses dos negros de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Então a gente não se espelhava em nada. Não se via em nada. Tinha a revista Ebony, que era um exemplo americano, que a gente seguia. No Rio de Janeiro não tinha nada. Em São Paulo também não tinha nada. Então nós não tínhamos onde nos referenciar. Então esse convite que era do pequeno grupo do Emilio Chagas, Vera Dayse, Jones, Jorge Freitas. Eles me convidaram e eu passei a participar do grupo. Bom, o Tição deixou marcas incriveis na vida da gente. Até hoje as pessoas nos procuram em função do Tição e. É uma coisa muito bonita, revolucionária na sua essência porque transformou a gente. Nós éramos estudantes, um tanto deslumbrados pela possibilidade de escrevermos para a nossa comunidade. Comunidade negra. E aquilo se materializou. Então foi muito importante. Foi muito significativo à gente poder falar para o povo. Dizer algumas coisas que a gente tinha aprendido da academia, mas também fazer uma troca, de vivência da nossa comunidade com os nossos conhecimentos. Bom, o que me levou a sair do Tição? Não sei, o Tição estava impregnado da gente. A gente fazia os cartazes lá em casa. A goma de colar cartazes era feita lá em casa. A gente saía de noite para colocar os cartazes, as propagandas do Tição. Era uma coisa muito legal. Eram jovens enfrentando uma sociedade. A gente não queria que considerasse. A gente era uma coisa libertária. Uma sensação libertária. Coisas boas acontecendo. O grupo se reunindo, trocando ideias. E vendo que a gente não estava sozinho naquela batalha, naquela luta. Que a gente queria construir alguma coisa de bom, de concreto, significativo. Então, o Tição era isso. A gente passou muitos e muitos meses debatendo o que seria importante, o que não seria importante colocar. Que tipo de patrocínio a gente ia querer, aceitar, ou não. Assim, as várias formas de jornalismo. O que que a gente queria. Tanto é que se a gente pegar um exemplo pegar um jornal agora do Tição, ele está super atual. A gente tem o Alceu Collares, que foi um político super importante. Tem o depoimento das empregadas domésticas. Que até hoje, se tu fores ler, vigora na essência aquilo não se alterou. Tem também entrevista com o jogador de futebol Escurinho. Então são coisas que a gente selecionou a dedo, com muito critério para

fazer a matéria. Não esquecendo a religiosidade. A religiosidade africana que é tão importante, a matriz de religião africana é muito importante. Então, são referenciais, futebol, mulher, mulher negra, atitude, pensamento, desejos, anseios, a gente tinha uma vontade muito grande de fazer esses registros. A gente sentia aquilo passando pela gente e a gente pegando, dando ares às coisas mais importantes para o nosso Estado, nossa cidade. E nós éramos muito bem recebidos. A gente entrava nos clubes negros, Floresta Aurora, Nós os Democratas, no Prontidão e éramos recebidos como reis. As portas se abriam maravilhosamente. Na época, por exemplo, os homens não podiam entrar em bailes com calça de brim e tênis. Era só camisa de tecido, né e sapato. E os guris entravam de tênis e calça jeans com a maior naturalidade. Nós com as nossas roupas compridas, sandálias, roupas coloridas. Então a gente era. Éramos muito bem-vindos, muito bem aceitos. E não havia só negros. Por exemplo, o Jorge Freitas namorava a Tais Cornelly na época. Eu namorava o Marcos Celso na época. Eu não era casada com o Marcos Celso. Então era assim, multifacetado. A gente chegava num lugar chamava a atenção, tu entende? Era uma coisa muito bonita. Plasticamente bonita. Grupos de negros. Homens e mulheres levando jornal, a revista para que todo mundo soubesse das notícias. E lógico que tinha os reveses. Tinha gente que dizia, a isso aí eu posso gastar numa cerveja. Não vou deixar de tomar uma cerveja pra comprar uma revista. Mas a gente conseguia conversar e conciliar. O grande problema da Tição foi a distribuição. Nós não tínhamos uma distribuidora. Nós fazíamos a distribuição do Tição. Então fazíamos assim, nós pegávamos um magote de números e mapeávamos as bancas para nós levar. E é claro, como nós não pagávamos. Só pagávamos o valor da capa para a banca. Ela não ficava em destaque. Então a pessoa interessada tinha que perguntar pela Tição. Onde está Tição? A última Tição? Tu entendes, não é uma coisa de estar estampada como uma Veja, por exemplo. Então assim, nós sofremos alguns reveses. Porque nós não tínhamos isso aí de experiência de distribuição. Nós tínhamos experiência de jornalismo, mas praticamente estudantes de jornalismo. Tinha o Oliveira Silveira, que não era jornalista, o Edilson Nabarro, que era sociólogo. Tinha o Volnei, que era químico. Por isso que a gente fazia as reuniões tanto no Sindicato dos Jornalistas quanto na Química. Tinha o Volnei Antunes que conseguia a sala na Química pra gente poder se reunir. Ele foi bem importante no processo, tu entendes? Mas era um grupo muito, muito legal. E chegava gente aos magotes. Chegava gente aos montes. Querendo participar todo tipo de gente, com profissão, estudante. Todo mundo procurava. Era uma coisa assim incrível. Toda reunião. Reuniões que chegavam a ter 50, 70 pessoas, por exemplo, e a gente ficava naquela angústia de querer conduzir. E não era fácil. Ah, tinha a Helena

Machado também que participava do Tição. Então às vezes as pessoas botavam restrições. Isso aí não era legal. Eu achava que tinha que ser uma coisa mais democrática. Claro que a falta de experiência, a gente não sabia o real potencial e possibilidades de matéria. Por exemplo, uma menina chegou pra mim e disse que queria fazer uma matéria. Na outra reunião trouxe uma folha de papel almaço com cinco linhas, escritas a mão e a lápis. Então as pessoas não tinham noção o que era matéria, pauta, o que era jornalismo. Nós tínhamos e achávamos que conseguíamos disseminar muito bem. O que não era verdade. A gente não conseguia disseminar muito bem. Isso era uma coisa que acontecia. Mas todos eram bem-vindos. Todos traziam a sua colaboração por menor que fosse. Então eu acho que nós fomos muito felizes nas pautas escolhidas. E acredito que desde então, pouco surgiu de novidade. Teve o jornal do Cecune, teve o jornal, a revista das Pretas. Mas podes ver que o jornal do Cecune virou virtual. O jornal das Pretas não teve periodicidade. Então a gente vê que ainda estamos patinando nesse setor. Ainda não temos uma coisa consistente, que nos retrate, que nos revele. Bom, nós tínhamos mulheres. Muitas mulheres. Acho que tínhamos 50% de mulheres e a coisa se dava muito bem assim. Tinha pessoas reacionárias, como em todo lugar. Tinha pessoas machistas. Mas a gente sabia se impor. Eu e a Vera Dayse, por exemplo, nos chamavam de burguesas. Porque a Vera Dayse trabalhava na LBA, era funcionária pública e morava na Santa Teresinha, num bairro nobre. E eu porque trabalhava na Feplam, num cargo semipúblico, vamos dizer, e morava na Bastian, Menino Deus. Então, nós éramos chamadas de burguesas. E a gente divergia, tu entendes. A gente não esmorecia, continuava porque não era exatamente isso que ia nos impedir de progredir, trabalhar, contribuir. Então, tinha várias pessoas que eram bem pobres, inclusive. Tinham dificuldade para pagar as passagens pra ir às reuniões. Não tinham condições de se manter, muito pobres. Mas que iam as reuniões. Mas a cerne do Tição eram jornalistas, estudantes de jornalismo negros de classe média. O Emilio Chagas era publicitário. O Jones, Jones Lopes, naquela época já estava na Zero Hora. Nós tínhamos um grupo bem coeso. Partíamos da própria vivência para desdobrar assuntos de interesse da comunidade. Mas assim, não havia embate de gênero. Havia embate de classe, isso sim. A gente via claramente. E eu acho que o Tição fez história. Esses dias eu estava eu e a Vera Dayse em Brasília e foi muito interessante, uma das meninas levantou. Uma palestrante levantou o assunto das revistas e falou no Tição. E dizia assim: e vocês sabem que ainda tem gente viva que trabalhou no Tição. Eu e a Vera Dayse nos olhamos, né. Foi muito divertido. Porque, lógico, a nova geração, de 25, 30 anos acha que a gente não sobreviveu, não passou esse período. Teria morrido, teria desaparecido como jornalista. Nós estamos

todos na ativa ainda. Então foi bem interessante disso esse encontro lá em Brasília. E eu acho que o Tição foi bem importante porque ele mostrou um lado da sociedade gaúcha, da sociedade porto-alegrense que ninguém estava interessado. Que ninguém queria saber que eram coisas com menos importância. Os negros não tinham visibilidade na cidade. Tinha a Esquina Democrática que eles se reuniam na sexta e até hoje se reúnem com mais força inclusive na travessa Acelino de Carvalho, que eles chamam Beco do Mijo. E os clubes negros foram sofrendo uma diáspora. O Floresta foi para Belém Velho. Prontidão foi para zona leste ou norte. Acho que é norte aquilo lá. E o Democratas desapareceu. Então a história do negro porto-alegrense, a sociedade porto-alegrense negra está para ser contada. Não existe registro. Há uma descontinuidade, não sei como poderia fazer um resgate dessa história. A história está sendo contada através de hip hop, rap, na cidade e agora nos espaços como o Brooklin, no viaduto da João Pessoa. Os espaços negros foram reduzidos. Os metalúrgicos não existem mais, que existiam. Então tiraram tudo da memória. Então, os negros agora, por exemplo, é muito importante salientar as cotas. Porque as cotas resgataram os negros para o mundo acadêmico. Então, por exemplo, na UFRGS tu via. Tirei dois cursos na UFRGS, biblioteconomia e museologia não tinha quase negros. Agora a gente já vê um número expressivo de negros no RU, no Unimúsica, nas atividades. Quebraram as barreiras, tu entendes. Quebraram-se barreiras. Então isso aí é importante. Então eu acho que o Tição teve uma leve. Deve ter moldado a cabeça de algumas pessoas, além das nossas. As nossas com certeza. As cabeças dos participantes foram mudadas. Algumas pessoas, vejo assim o deslumbre que as pessoas falam do Tição. As pessoas encontram a gente e dizem: ah tu foi do Tição, que legal, isso e aquilo. Mas as pessoas ainda têm uma visão muito positiva do Tição. Então, realmente foi muito importante para a sociedade porto-alegrense. E nós deveríamos não resgatar. O Emilio Chagas está com um projeto de resgatar o Tição. Eu não vejo esta possibilidade. Eu acho que ele foi projeto de estudo da Camila de Moraes, por exemplo, que fez o trabalho de conclusão de curso sobre o Tição. Um trabalho muito bem elaborado. Eu mesma quando estava fazendo especialização em jornalismo fiz um trabalho sobre o Tição. Passou pra história. É inegável isso aí. A gente tem um belo de um registro de uma época que tudo era contestação. Onde tudo era um, vamos dizer, novo. Era sujeito a alterações. Nada era fixo, tudo mutável. Não havia coisas estanques, definitivas eu digo. Estava sempre em transformação. Isso aí é muito importante. E, sem dúvida, o Tição ajudou, propiciou que essas mudanças acontecessem. E como elementos do jornalismo. Uma revista, depois um jornal. Acho que a revista foi mais definitiva que o jornal. O jornal todo mundo tem dificuldade de

conseguir porque é um material muito degradável. Então a revista permanece. As pessoas guardam a revista com carinho. E mostram pra gente. Pedem autógrafa pra gente. É bem legal. Então tem esse suporte, o papel. Já o jornal não teve essa facilidade. Esse elemento facilitador. Mas acredito que o Tição teve um papel relevante. Muito significativo. Muito propulsor de ideias novas, de conhecimento, de pessoas, de troca, de interesse, assim de respeito pela comunidade negra. Não se pode dizer assim que na década de 1970 os negros andavam assim muito simples. Sapato muito simples, Tudo muito simples, roupa muito simples. Não é uma coisa que acontece agora. As mulheres alisavam o cabelo, era muito pobre. Não havia essa classe média negra, que frequenta teatro como agora. Eram pessoas muito simples, pobres. Eu acho que com o advento, os planos, com o governo do PT e tal. Acho que houve um crescimento de consumo e junto a isso não só o consumo, mas a possibilidade de acesso, a viagens, passeios, intercâmbios. Então eu acho que isso aí foi uma facilidade que aconteceu. Então eu acho que o Tição foi um elemento que trouxe algo novo, algo palatável, algo que as pessoas estavam esperando. Não sei se exatamente aquilo, mas contribuiu para o crescimento de pessoas. Para o aprofundamento de questões. E se espelhando: olha, isso aí tem a ver comigo. Isso aí faz parte da minha vida. Isso aí é o que eu sou, é o que eu quero. Então isso aí é muito importante. Bom, teve várias levadas no Tição, várias pessoas. Não era como. O grupo original. Eu faço parte do grupo original. Depois teve levadas e levadas de gente. Foi trocando de gente. Então eu não participei. Já no jornal eu não participei. Não tive papel nenhum no jornal Tição. Porque nas revistas sim. Nas revistas teve várias discussões de pauta, opiniões e tudo. Muito debatido. Muito assim, em termos de propaganda. O Oliveira Silveira, por exemplo, era contra se a Pepsi Cola quisesse anunciar. Nós não deveríamos aceitar. Porque era multinacional e não nos representava. Então eram coisas assim que se discutiam. Então teve um anúncio da Rainha das Noivas, que o Oliveira Silveira era da agência de publicidade, a Texto e Artes, e a Rainha das Noivas era cliente. Então ele fez o meio de campo. Então era assim, os nossos contatos que valiam. Nós mantínhamos uma agenda, vamos dizer. Nós nos reuníamos semanalmente. A gente não tinha teto, então as reuniões varavam noites. Era muito conturbado, porque era uma explosão de ideias. As pessoas colocavam o coração naquela história. Expunham. Sentiam que podiam, virou meio catártico. Teve um período, a meu ver, que ficou meio catártico. Foi um dos motivos que eu saí. Porque fugia, a meu ver fugia um pouco do jornalismo. Ficou assim mais análise, análise do grupo, análise da conjuntura. Mas não uma coisa assim. Acho que até um pouco pesado. E que nós não tínhamos condições de levar adiante. E a gente teve aquele

problema com a Polícia nessa empreitada. Foi uma opção do grupo. Então a gente teve essa visita do policial federal. E era uma época muito conturbada. Não podia ficar mais do que três quatro pessoas juntas que eles mandavam circulando, circulando. Muito policial, muito policial. Então tudo que era zelador de edifício era dedo duro. Onde tinha reunião, onde que não tinha. Eles que sabiam, diziam pra polícia onde que tinha apartamento que estavam se reunindo mais de duas, três pessoas. Os zeladores que tinham essa função, vamos dizer. Então era bem época da ditadura. Não tinha abertura suficiente. Mas a gente era jovem. Nos achávamos lindos, bonitos e flamantes. Então isso a gente tirou de letra. A gente tremeu sim, mas tiramos de letra. Então, eu e a Dayse conduzimos bem a história. Mas o Tição foi importante sim, deixou marcas positivas e eu acho que não só no jornalismo, mas na sociedade porto-alegrense e gaúcha. A gente vê, vai pra São Paulo e vê que algumas pessoas que ainda tem como referência o Tição. Então é bem positiva, bem reconfortante pra gente saber que o material que a gente participou desde o seu nascedouro e surtiu tanto efeito. Vamos ver que mais que tínhamos sobre o Tição. É, existiam assim alguns critérios meio ridículos como falar que um ou mais se sentir mais negro que o outro porque tinha o lábio mais carnudo, a pele mais escura, o nariz mais achatado. Então parece que era argumento para as pessoas serem mais negra que as outras. Era muito, muito debatido isso. Não foi uma vez, nem duas. Mas eu acho que o grupo foi maior, tu entendes. E o grupo foi mais que os assuntos que surgiam colaterais. O grupo se manteve mais coeso no início, uns dois anos e tal. E ele rendeu bons frutos para todos nós e para nós foi uma experiência muito boa. Ter participado do grupo Tição foi uma experiência arrebatadora. Nós éramos muito felizes por fazer aquilo ali, era muito instigante. Muito. Era um processo criativo de elaboração desde a pauta, até o assunto, levantada a pauta até comercialização. Então a gente aprendeu coisas que não aprenderia em dez anos de jornalismo num jornal convencional. A gente aprendeu na marra. Então isso aí foi bastante importante. Enfim, valeu. Foi uma bela experiência.

ANEXO 7

Marli Carolino

Formada em Letras/UFRGS

Eu casei e fiquei. Eu fiz parte do começo do grupo. Naquela época eu era universitária, eu fazia Letras na Federal. Nem lembro como que eu conheci o Oliveira. Não sei como eu entrei pro grupo. A gente se encontrava no bar da UFRGS.

Jeanice – Bar da Filô?

Marli – Sim. Pra mim era bem conveniente porque eu tinha aula de noite. E às vezes depois das aulas, tinha reuniões. O Oliveira sempre foi o líder pra nós. Embora o Oliveira não falasse mais alto, não era agitado, nada. Sempre foi uma pessoa calma. Mas sabia conduzir muito bem as reuniões todas. Nós, o objetivo maior do grupo não era a polêmica. O interesse nosso, era mais voltado assim: não queremos o 13 de maio, não aceitamos o 13 de maio. Vamos trocar, por que queremos o 20 de novembro? Porque era a única data que realmente envolvia todos os negros de uma forma por uma causa que é a liberdade e a morte de Zumbi. A gente não tinha mais nenhuma outra coisa. Mas afora isso o interesse do grupo era tentar motivar os negros a conhecer melhor os seus representantes. Ver que a Princesa Isabel toda boa vontade dela, os interesses dela não era o que a gente estava interessado. Porque aquilo ali foi toda uma jogada. Então a importância da libertação dos negros que até agora não aconteceu não foi o fato Princesa Isabel. Teve pessoas que lutaram por isso. Então os outros autores que ele fala. A gente não se prendeu só no Zumbi, teve vários autores que se tentou trazer ao conhecimento das pessoas. Teve esse autor que era preto, teve esse autor que era preto. Vamos ver a história dele. Então não foi só o Zumbi em si. E outras atividades de negros que o Oliveira procurou trazer. Por exemplo as Congadas. Ele sempre teve muita questão que a gente voltasse para aquele tempo. Vamos lá. Fazia excursões. Eu lembro que eu fui a uma ou duas excursões a Osório pra ver direitinho. Eu não sei se conseguiram alguma fotografia.

Elenir – De Osório? Mas tem nos livros

Marli – Não sei onde foi parar as fotos. Nós tiramos tantas fotos na procissão das congadas. Bidelinha.

Jeanice – Bidelinha, coisa mais querida.

Marli – E foi uma época muito boa.

Elenir – Que ano foi isso.

Marli – Ah foi tudo dessa base assim, entre 1970, 1973 no máximo. Acho que em 1973 eu fui embora. E fiquei muito pouco.

Jeanice – Tu sofreste influência do grupo Palmares na tua opção de viagem?

Marli – Não. É assim, eu sempre fui muito voltada para a valorização como negra, como tal. Eu vim de escola pública. Eu era a única negra da minha aula. Quando eu estava na segunda série do ginásio eu tive uma professora de inglês. O meu pai também tinha uma mania. Naquela época os pais iam no colégio pra ver como os filhos estavam se comportando. E aí meu pai foi na escola, e a minha professora. Eu tinha aula de inglês de hora. Ele falou com a professora. E a professora falou pra ele assim, a sua filha é muito boa aluna, convém, se o senhor tiver condições, coloque essa menina a estudar inglês porque vai ser muito útil pra ela. Ela tem capacidade pra ir muito longe. É muito boa. E o meu pai falou: Ah legal. Pai topou e eu fui aprender inglês. E aí que eu comecei a notar. Porque até então não me dava conta da coisa. Que eu era diferente dos meus vizinhos. Porque a vizinhança foi em cima do meu pai. Como que o senhor vai deixar uma menina de 12 anos de idade sair de Canoas pegar ônibus pra vir pro centro, caminhar pela Voluntários pra ir estudar no Cultural Norte-Americano. Que era ali no edifício União. E eu falei, tá bom, na hora a gente não se dá conta que é porque a gente é preto. Mas tem aquela coisa por trás, os meus vizinhos eram todos brancos. Até que eu comecei a perguntar: por que que eu era melhor da aula. Aí eu ganhei três meses e na provinha de final de trimestre eu passei muito bem. Aí eu ganhei uma bolsa de estudos e eu pude fazer o curso de graça. Foi muito bom. Eu continuei sendo boa aluna. Eu terminei o ginásio. Fui para o Julio de Castilhos. Ali eu comecei a notar, qualquer coisa assim, eu sempre fui muito de me sobressair. Fui muito de falar, fui boa aluna. E eu sempre era a única preta. aí quando eu terminei o ginásio eu fui pro Julio. E no Julio eu conheci a Marilene. Então a gente começou a se unir. A Marilene já tinha história de ir pro Floresta. Eu não era de ir pro Floresta. Porque era muito longe vir de Canoas pro Floresta. Depois eu conheci. Também naquela época, a gente conhecia uma pessoa, conhecia a família inteira. Vai nas casas, conhecia os pais, irmã. Vai conhecendo primos, vai fazendo todo aquele movimento. E eu sempre fui, ora me peguei não me lembro nem quando que foi. Quando teve o Festaq, aí tinha a Graça Gomes, pessoas assim que eu conhecia.

Jeanice – Que pessoas que tu conhecia. Que tu conheceste dentro do grupo Palmares?

Marli – A dentro do grupo Palmares eu conheci só a base.

Jeanice – O que era a base?

Marli – A Helena, a Anita, o Oliveira e só.

Elenir – O Festaq era um festival?

Marli – O Festaq era um festival brasileiro na África. E o que aconteceu? O Não sei se já estava no ginásio, na faculdade ou se estava no colégio. Que teve esse festival. E era um festival aberto que todo. Aí todo mundo se movimentou pra ir aí chegou na hora pessoal desistiu e não foi. E aí.

Elenir – Não é aquele que o Abdias ia representar o Brasil, que não foi?

Marli – Não sei. Deve ter sido. Porque esse último que teve que era outra coisa que ia vir o Gilberto Gil e não foi. E aí que que aconteceu? Naquela época, eu tava assim, eu lia muito. Sempre fui muito de ler. Então eu tava muito envolvida em saber sobre Biáfrica. Pelo menos foi uma cosia que me marcou muito. Pra mim foi um absurdo o que tinha acontecido lá. Eu gostava muito de saber o que tinha acontecido na Nigéria. E então eu sempre fui muito curiosa pra coisa da África. Eu falei, poxa eu não posso ir pro Festaq. Um dia ainda vou a Nigéria.

Jeanice – Tu não foi foste ao Festaq?

Marli – Não o pessoal do sul não foi. Foi só pessoal do Norte. Não do Norte não Rio, São Paulo. Porque tinha um avião da FAB. To querendo me lembrar.

Elenir – Em que ano foi? Acho que foi de 1970.

Marli – Não, foi depois de 1970. Final de 1970. Começo de 1980, não pode ter sido antes. Porque em 1980 eu já tava lá.

Jeanice – Arranjou um jeito de ir?

Marli – Pois é, aí eu saí daqui. Eu saí daqui de Porto Alegre 1973. Eu perdi tudo que era contato do Palmares. Por isso eu tenho muito pouco pra falar.

Jeanice – Mas me diz assim. O que tu tens assim na tua memória de coisas positivas do grupo Palmares. Da atuação, das pessoas. No impacto que teve na nossa sociedade gaúcha do Palmares. Se é que teve impacto?

Marli – Eu acho que a filosofia do Palmares é diferente da de hoje. Por que? Porque é assim, eu acho que agora o pessoal tá muito assim: alguém sobressaiu, fulano me representa. Uma coisa que assim mexe muito comigo. Porque eu acho assim ninguém representa ninguém. Você representa a si mesmo. A pessoa pode ser um exemplo pra você. A pessoa pode ser um símbolo de alguma coisa, e eu acho que é isso que o Palmares quis fazer. Quis fazer de Zumbi um símbolo, não o nosso representante. Um símbolo de luta do negro. Entendeu? Por isso que a gente não se fixou só numa, o Palmares do Zumbi. Não, o Palmares trata do negro como um todo. Vamos levantar a raça. Temos uns exemplos negros, temos um escrito, temos um pintor

negro, entendeu? Vamos levantar todo mundo, vamos nos valorizar a partir dos nossos exemplos. Não dos que nos apresentam. Isso é uma grande coisa que eu vejo, a diferença do movimento negro do meu tempo e o de agora, que eu digo. Eu não consigo me encaixar em nada depois que eu vim. Porque eu não consigo essa ele me representa. Porque é muito fácil, eu admiro aquela pessoa, respeito. Mas eu não sou aquela pessoa. Eu posso ser eu, porque eu vou ser ela, gente. Por que que o negro não se valoriza e trata de ser o que eu ele é. E subir ele. Aí vem aquele a história. Uma sobe e leva a outra. A primeira que tá lá vai carregando as outras. A troca de que, por que que essas outras também não se mexem? Não pendura aqui, vou pendurar La. Eu acho que não, entendeu. Essa é a minha posição.

Jeanice – Isso que a gente quer saber.

Marli – Eu acho que cada um, cada pessoa em vez de se pendurar uma na outra, não se pendure. Se una e faça alguma coisa.

Jeanice – E na época tu notava uma diferença entre a posição das mulheres e dos homens. As mulheres já eram feministas, já tinham sua opinião. Ou elas tinham a mesma opinião dos homens. Como é que era?

Marli – Não havia assim, pelo menos que eu me lembre, não havia uma divisão, tipo nós mulheres, você homens. O importante era a causa. A gente brigava pela causa. Entendeu, não porque nós as mulheres, vocês os homens. A única diferença que tinha é que o Oliveira era da linha pacífica. E as meninas eram mais barulhentas, mas agitadas. Elas eram assim. Não porque elas faziam parte do grupo. Elas eram radicais, as duas, sempre foram na vida.

Elenir – E tem alguma que se destacava mais entre as mulheres no grupo?

Marli – Não porque eu e a Marisa sempre fomos quietas. E a Helena e a Anita que eram mais. A Anita era mais espalhafatosa que a Helena. Mas a idade também conta. A Helena era mais velha. Mas é assim, a gente vai ficando muito unido pela causa. Com o passar do tempo, porque a amizade ficou. As pessoas pensavam diferente. Do grupo em si.

Elenir – E Marli, as reuniões além de ser ali na UFRGS, vocês se reuniam em algum clube? Faziam algum trabalho fora desses locais acadêmicos assim, ou era só essa reflexão intelectual, ali dentro do grupo no período que tu participou?

Marli – Quando eu estava no Palmares é que estava começando a se organizar. Que se começou a tentar fazer coisas em clubes pra chamar as pessoas. Mas tanto quanto eu sei, se não for pra roda de samba, o pessoal não respondeu. Porque eu acho as pessoas que eram mais ou menos, não é cultas, as pessoas que tinham a cabeça aberta. Uma coisa é você ser culta e

outra é ter a cabeça aberta pras coisas de aceitar a opinião do outro. Porque a pessoa fica naquelas porque tem que ser assim. Você tem que me aceitar assim. Aí já não dá.

Jeanice – Mas não deixava de ser um grupo de intelectuais?

Marli – Era. Era um grupo de intelectuais porque ali todo mundo era nível universitário. Tinha formação. Eu conheço uma pessoa que não é do grupo que, isso é só uma sugestão. Que eu conheci outro dia. Eu conheço ele, mas essa face dele eu não conhecia. Ele tava me contando que conheceu o Oliveira. E ele conversou muito com o Oliveira sobre o movimento negro. Que é um artesão, o seu Jaime.

Jeanice – Eu sei o Jaime que faz os brindes.

Elenir – Ah eu sei.

Jeanice – Jaime que faz os brindes. Ele era ativista.

Marli – É. E eu não me lembro dele. Ele falou, quando a gente tava conversando sobre isso. E disse isso: Eu costumava ir na biblioteca. O Oliveira ia muito a biblioteca. Uma coisa que o Oliveira tinha ele tinha tempo. Eu não sei onde conseguia tempo.

Jeanice - Eu não sei onde conseguia tempo para ler tudo o que ele leu.

Marli – O Oliveira lia. O Oliveira escrevia. O Oliveira levava a Nayara para escola.

Jeanice – O Oliveira ia na Esquina Democrática

Marli – Ele ia a tudo que era lugar. E tinha tempo. Uma coisa assim.

Jeanice – A noção de tempo.

Elenir – Professor né?

Marli – E aquela calma dele. Conseguia fazer aquelas 24 horas render. E quando eu tive essa conversa com o seu Jaime. Porque o seu Jaime é um encanto de conversar, né?

Elenir – Eu já conversei com ele. Só que ele falou que foi do grupo, quando era o Razão. Começou o grupo de teatro. Ele começou com o Oliveira. E o Oliveira deixou depois pra ele.

Marli – Até poderia conversar com ele. Fomos amigos. E trocamos muitas histórias. Eu falei de repente pode colocar essa.

Elenir – Não, mas eu vou retornar, eu tenho ele nas minhas anotações.

Jeanice – Eu acho ele bem importante. Porque ele foi muito atuante no movimento negro de Porto Alegre.

Marli – Eu falei pra ele. Seu Jaime, é uma coisa impressionante como as pessoas se conheciam. Eu não conhecia ele. Mas quando ele começou a falar. Ele falou que tinha acabado de sair do seminário e que ele aproveitava o tempo dele na biblioteca.

Elenir – Marli, tu conversando assim, eu tenho uma pergunta parece estar desligada, mas está relacionada. Tu, assim, como teve esse tempo que morou fora do Brasil, tu tem uma noção do que que é essa noção de negritude, negritude aqui no Brasil. Essa negritude que depois nós formamos movimento negro e tal. E tu que teve conhecimento na Nigéria, que lá eles ao todos negros, então não tem aquela coisa de estar lutando contra o branco. Coisa parecida assim, ou uma ideologia de racismo. Como é que tu vê essa diferença assim: dessa luta nossa aqui, a gente lutando querendo se tornar negro e lá eles já tem isso na cabeça bem elaborado. São negros e estão lutando tema capitalista, sei lá.

Jeanice – Eu não sei nada sobre a Nigéria. Eu só vou assim, atirar, lançar. Mas não tem tribos também diferentes?

Marli – Tribos tem. Tem vários grupos. Dependendo aqui nessa rua tem um grupo. Na rua seguinte tem outro. Aquela de cima já é outro. Chama-se assim pequenos quilombos. Só que está tudo muito próximo dos outros e eu não me misturo com o lado de lá, entendeu? Então, o problema lá não é bem a cor. A cor é o que menos conta, entendeu? Mas tem uma divisão, assim.

Elenir – De etnias.

Marli – De valores, principalmente porque tem certas coisas que meu grupo faz, que o outro não aceita. Portanto, pessoas minhas não podem casar com pessoas do lado de lá. Tem lugares que eles nem se conversam, entendeu? E talvez, já se estudou muito sobre isso e não sei a que conclusão se chegou. É que na Argélia tem muito albino, justamente por causa disso. Porque como as pessoas não se misturam, acabam se casando com alguém que é parente de uma forma ou de outra é parente. Porque as pessoas chegam a tal ponto em determinados lugares, determinadas tribos, principalmente os Idos que são de fazer isso. Assim: você é de um lugar, você fica ali plantadinha, principalmente as meninas, esperando que venha um marido do mesmo lugar para casar com elas. Às vezes a pessoa já viajou pelo exterior. Porque as meninas quase não saem, os meninos vão viajam conhecem o mundo. Eles não casam com ninguém lá fora eles vêm pra procurar alguém pra casar da zona deles. E é assim. E às vezes as famílias já se conhecem. De uma forma ou de outra já se conhecem porque o espaço não é muito grande. Eles se conhecem. Então já casam por ali. Ali voltam pro Senhor. É sempre assim, as meninas saem em função do casamento, ou então elas ficam ali cuidando da casa, pra plantação, coisas assim. Agora, já tem muitas indo pra universidade. Os nortistas, os muçulmanos, eles também são assim. Quem vai pra escola são os homens. Mulher não precisa ir. E não é qualquer família, qualquer homem. Tem a elite e tem o resto. Os da elite tem até

doutorado no exterior. Agora os pobres pra que eles vão aprender, entendeu? Porque se eles aprenderem eles vão ficar inteligentes demais, vão abrir a cabeça. Mas isso faz parte do Islã, faz parte da filosofia deles, que se todo mundo tiver acesso a estudo, vai ter acesso a dinheiro, eles não vão ter pobre. Porque o Islã está escrito que ele tem que ajudar os pobres. Então se você vai pra escola, então você não precisa mais de mim. Eu não posso mais te dominar. Esse é o grande problema que tem na metade da Nigéria com essa filosofia do totem Top, né. Então as discriminações que têm na Nigéria são mais econômicas, religiosas, etnias.

Elenir – Etnias

Marli – Etnias agora já tá mais aberto pras etnias. Não tanto, eu acho assim. O nortista, mesmo sendo muçulmano, difícil um nortista casar com um sulista, mesmos sendo da mesma religião. Eles se acham que são melhores, vamos dizer assim. Tem os Igbo. Eles não são muito de se misturar com os yorubás. Porque lá no passado quando os Igbo tentaram a independência foram os yorubás que cercaram os Igbos e cortaram a comida deles. Então os igbo tiveram que se render. Estavam todos morrendo de fome. Então, eles se subjugarão. E o que acontece agora na realidade? Quando os igbus acharam que o modelo que a gente tem, é porque eles tinham tudo, o petróleo era deles. Eles perderam a guerra. A riqueza toda da Nigéria era do petróleo. Eles tinham o petróleo, eles perderam. Assim, o problema não é a gente ter o produto se a gente não tem aqui pra se mexer. Então o que que eles fizeram? Foram pra escola. Então os igbus, eu acho, eles estão num grupo mas aculturado que tem na Nigéria. Eles não conseguem entrar no poder porque eles são minoria em número. Então eles vão até certo ponto. Ocupam certos cargos, mas eles não vão adiante. Vai ser muito difícil, por exemplo, ter um presidente que seja igbo. Com todo estudo deles, eles têm muito dinheiro. A guerra também ensina. Eles deram a volta por cima. Estudaram bastante. As meninas estudam bastante. Tem muito dinheiro.

Elenir – Só dinheiro, não basta para tu pegar o poder.

Marli – Eles notaram assim: tem dinheiro. Agora o dinheiro não dá poder. Eles tinham produto

Elenir – Porque os votos vêm de todo mundo, né? Eles são minoria, aí não conseguem eleger. Interessante, né?

Marli – É. Eles já tentaram se unir. Porque os igbos tem uma coisa muito boa. Eles, como são poucos, eles migram muito. Eles são comerciantes também. São mais comerciantes que. Então eles migram pro sul. Migram pra lugares.

Jeanice – São nômades.

Marli – Não, não são nômades. Eles saem e vem para os lugares. Eles aprendem a língua do lugar. Então eles têm esse poder. Eles falam a língua do lugar onde eles estão. O yorubá vai e não falam. Um hausá vem pro sul, ele não fala nem o inglês direito, entendeu? Essa é força dos igbos. Eu não sei como eles vão usar, entendeu. Porque mesmo que eles conseguem se misturar com o pessoal yorubá. Eles falam yorubá, o yurubá não vai se misturar com eles e não fala a língua deles. E mesmo assim, na hora da divisão, eu sou yurubá.

Elenir – Forte.

Marli – Eles são bem divididos assim. Mas em termos de

Elenir – Essa identidade é só ali dentro da Nigéria? Quando eles saem pra fora são todos nigerianos.

Marli – São todos nigerianos. Mas uma coisa que é difícil de comparar assim o negro africano, principalmente os yorubás com o Brasil é assim. Porque a gente acha que ah porque somos afrobrasileiros, afrodescendentes. Só que lá, eles não são descendentes de ninguém. Nós somos nós. E mesmo quando a gente fala assim: vocês também pela história, vocês vieram do Egito. Não, nós somos daqui, já estávamos aqui entendeu. E vocês, incluindo nós. Nós os africanos e vocês, não importa a cor. Eu nunca fui aceita como preta. Eu tinha uma vizinha, eu conto a história da minha vizinha porque foi a pessoa que eu tive mais abertura. Ela tinha um sentido de humanidade. Ela era uma pessoa gente, vamos dizer assim. Ela sentava comigo e explicava coisas fantásticas. Eu dizia assim: ah eu fico tão feliz, eu estou na Nigéria, eu vejo as minhas origens. A teraa mãe. Esse era meu sonho, pisar na Nigéria e o meu povo saiu daqui. Ela ficava parada me olhando. Lá é assim a gente tem sempre a mãe do primeiro filho. Olha isso é bobagem, isso não existe. Olha, você não é preta. Como assim não sou preta? Desde quando que pretura de mostra por aqui? Ela falou: tira isso da cabeça. Isso aqui não quer dizer que você seja preta. Você pode até querer achar que falaram por aí que aquela cor é preta. Aquela cor é branca. Porque você tem essa cor, você acha que é preta. Tá bom. Vamos dizer que vamos aceitar que você é preta. Mas você dizer que é preta. Você nunca vai ser o que nós somos. Você não é África. África é outra coisa. Eu vejo você falando que voltou às origens, que você África. Acabou. De repente lá todo mundo tem a mesma cor, algum antecedente seu, lá o seu passado, não sei veio da Nigéria, de onde veio. Foi lá no Brasil. Lá já se misturou, na geração que você está já houve uma mistura na família. Que deve ter sido uma mistura de um branco que não era brasileiro, porque falou antes que não tinha branco no Brasil antes. Eu falei é. Então o que me interessa é que você já tem uma origem que talvez seja europeia. Então, aquelas pessoas que foram a maioria lá no Brasil. Que

trabalharam no seu passado como escravos. Ela conseguiu colocar a cultura dela na sua cabeça. E você foi criada num ambiente que por mais que os pretos que saíram daqui levaram, eles também se misturaram. Então você não pode dizer que é descendente africano só porque você é preta. É preta só pelo lado de fora. Por dentro você não tem nada, nada. Pra nós qualquer lugar que você for vai ser uma branca. E o pior que era verdade. Eu comecei a me dar conta. Gente, eu nunca tinha me dado conta disso.

Elenir – Ela quis falar da genética, que a gente não é puro.

Marli – Eu me achava a tal. Nada a ver. Quando eu vejo as pessoas falando: a nós pretos, isso segundo a minha vizinha, porque o fato de você ter a cor preta não quer dizer nada. Ah porque eu falo sou branco. Isso é coisa do Vinicius. O preto mais branco. O branco mais preto do Brasil. É aquela coisa. A cor não diz a tua vivência. Porque pode ter um branco que nasceu na Nigéria, se criou no meio dos pretos, ele vai ser mais preto do que eu. Porque a realidade dele, a vivência dele, a cultura dele é aquela. Tem um menino que vai virar meu case. Vai virar meu estudo, quer dizer. Que é o filho da Paula. Não conheceste a Paula? A Paula é uma menina portuguesa que foi estudar religião na Alemanha. Aí ela se especializou em religião yorubá. Ela foi pra Nigéria, assim uma semana, dois meses. Resultado? A Paula acabou indo morar na Nigéria. Ela sabe tudo sobre orixá, tudo. Ela é doutora. Eu admiro a Paula, primeiro porque ela é branca. A Paula é doutora numa universidade alemã. Ela defendeu a tese de doutorado em alemão. Ela foi aplaudida de pé pela universidade. Não cabiam as pessoas de pé na sala onde ela foi falar. E pergunta qualquer coisa pra Paula de orixá de religião. E o que que a Paula fez? Passaram-se os anos a Paula foi morar na Nigéria. O marido dela falou me recuso a ir. Mas o filho dela foi. Ele foi pra lá e deveria ter no máximo 10 anos. Ele já tá lá há três. Ele não tem. Eles são os únicos brancos. Ele anda de cima pra baixo. Ele é um yorubá. Ele é um nigeriano. Esse menino daqui uns dez anos vai ser um nigeriano como qualquer um daqueles meninos. E tem muitos nigerianos que saíram da Nigéria, que não são mais nem africanos. O que tá acontecendo agora? Essa nova geração nem a língua eles estão falando mais. Porque é uma questão de status.

Jeanice – Universalidade.

Elenir – Aculturação, né.

Marli – As pessoas, uma coisa que eu acho. Com essas guerras todas que teve na Nigéria. Governo militar, as pessoas começaram, o estudo, não é o estudo, a educação caiu muito. Então quem teve chance foi estudar no exterior. Então, a ideia que eles discursam aqui fora é raça atrasada. Nigéria atrasada. Eu vejo coisas que no meu país não tem. Então eu começo a

ficar um pouco com vergonha do meu país. Aquele tipo de negação. Eu tenho dinheiro. Então é muito. Se você prestar atenção quando vê nigeriano de um modo geral a primeira coisa é aquela coisa de mostrar que eu tenho. Eu posso. Quanto é que eu pago. Sabe essas coisas é muito. É muito, eu acho que é uma questão educação, sabe. Então o que que acontece. Eles tentam sair. Tirar de si a Nigéria. Se você vai na Inglaterra, por exemplo, você conversa com alguém. A pessoa fala: Como é que é seu nome? Meu nome é Elisabeth. Eu nunca falo. Tem outra coisa também. Eles sempre têm um nome inglês e um nome nigeriano. Inglês porque a Inglaterra dominava lá, tinha que ter um nome inglês e o nome da sua tribo. Então a pessoa quando chega na Inglaterra. Eu me chamo Elisabeth. Não é Elisabeth. Mas aí a Elisabeth vai ter pai, vai ter mãe.

Elenir – Assume até a cidadania inglesa.

Marli – Aí a Elisabeth fala, os meus parentes são da Nigéria, nunca fui, não conheço. É só assim. Quem tem vô, quem tem vó, geralmente eles levam. Mas quando eles chegam na Nigéria, eles não são nigerianos. São ingleses visitando parentes. Não come isso, não come aquilo, entendeu. Não perdem o sotaque. Aí já é o começo: não falar o yorubá. E começam a falar só inglês.

Elenir – Isso aí tu considera um fator de subdesenvolvimento? Até essa posição dos negros que saem pra estudar fora. Em vez de voltar pra ser um engenheiro dentro do seu país, eles acabam ficando pelo mundo.

Marli – Quando. Deixa eu ver por aqui. Foi mais pelos 1990. O que foi que aconteceu?. Houve uma certa, como vou dizer, houve uma volta às origens, vamos dizer. O Felá foi uma pessoa que conseguiu.

Elenir – O Felá Kuti?

Marli – Isso. É o Felá e o Alielá. Os dois yorubás, que conseguiram juntar os nigerianos. Porque Felá não tem quem não conheça o Felá. Aquele foi muito radical. Aquele sim era radical e de família radical. A mãe dele era tenebrosa. Ela conseguiu ser jogada do terceiro andar do prédio pelos militares. Porque era contra a ditadura. Falava mal e numa daquelas jogaram ela do terceiro andar. O Felá falava tudo que era contra. Eu queria, sou contra ele falava. O Felá era uma pessoa que era contra tudo, tudo. E o Felá foi uma pessoa que muito marcou. Mas todo mundo sempre gostou muito. E o Felá falava, não é o inglês tradicional como é que eu vou falar, o *pidgin*. Ele falava, não vou falar o inglês do colonizador jamais. Como era muito difícil para eles entenderem o som do inglês, eles começaram a misturar o som do inglês com o som deles. Aí formaram um outro dialeto. Que eles chamam de inglês

quebrado. Porque aqui a gente não tem. A gente não tem outro português. Mas lá eles têm outro inglês que é o *pidgin*. Então os países que foram colônias da Inglaterra, Gana também tem. Eles falam esse inglês quebrado. O inglês misturado com o yorubá. O inglês com rassá. É o inglês todo quebradinho. Então eles, o Felá conseguiu isso. Ele falava assim: esse negócio de estrangeiro vir aqui e fazer o que quiser da nossa terra. Não. Vamos manter a nossa. Então ele manteve sempre o ritmo, a música africana. Ele segurou. Ele foi para o exterior. Carregou com a música. Então quando chegou uma certa hora que veio aquela turma que não ia pra fora. Teve uma época que aconteceu assim, foi com a ditadura.

Elenir – Quando foi pra lá já tinha dado a independência da Nigéria. Era independente?

Marli – Já

Elenir – É, a independência foi 1960.

Marli – Eu fui pra Nigéria na despedida da República. Eu cheguei na Nigéria em abril. Em dezembro deu golpe. E aí deu golpe. Eu saí daqui na ditadura. Eu entrei lá na ditadura. Aí o que que aconteceu? Quando houve a ditadura. Não, não foi com a ditadura ou foi com a independência? Teve uma época na Nigéria que era assim, todo o cara que estivesse num cargo importante os filhos não podiam estudar no exterior. Então, os filhos tinham que estudar na Nigéria. Então teve muita gente. Então teve muita gente, pessoal de poder aquisitivo os pais ocupavam um cargo ou outro, que não saiam da Nigéria. Estudaram lá, então essa turma formou uma certa elite, que formou um grupo. Música é uma coisa muito importante, principalmente entre os yorubás. Tudo, tudo gira em função de música. Fulano nasceu é carnaval. Fulano morreu é carnaval. Fulano casou. Tudo gira em função de som. Então, o que foi que aconteceu. Esse pessoal que não foi que se juntou com os mais tradicionais e começou a formar uma outra linha. E eles trouxeram yorubá de volta. Então agora você tem muita gente cantando em yorubá. Muita gente cantando em *pidgin*. E eles formaram uma força muito grande. A música na Nigéria agora é muito, muito forte. Batem até exterior. Mas aqui no Brasil também foi assim lembro de uma época que se tocava muita música estrangeira, se traduzia.

Elenir – Década de 1970. Era inglesa. O grupo black power.

Marli – A música brasileira. Lá agora é assim. Se respeita muito a música estrangeira, mas mais forte é yorubá e *pidgin*.

Elenir – E aí, tu falou ali em orixás, tu vê a religião dos orixás lá. Ela é cultuada assim. Porque hoje em dia assim se vê muitas religiões pentecostais. Ela é semelhante assim a matriz

africana? São semelhantes as nossas? Tu vê alguma semelhança? Porque lá tinha os orixás também, né?

Marli – Os orixás. Não posso te falar muito porque eu não conheço muito. O que acontece.

Elenir – tem o vodu também lá?

Marli – Não. Os vodus tu vai achar no Caribe.

Elenir – É.

Jeanice – No Haiti.

Marli – O que acontece é assim. O que eu sei dos orixás, da parte dos yorubás que eu conheço, que é no Oyó. É assim tem certo orixá que não tem aqui. Só que o que eu notei, só de circular. As pessoas aqui, os negros começaram a falar muito em religião de matriz, entendeu? Porque eu sou do santo. Porque eu vou me iniciar. Acho assim que tá tendo um interesse. Tá tendo uma volta à religião. Acho que os negros não se acharam. Estão se dando conta que não fazem parte de nenhuma religião. Não se encaixam muito na católica cristã. Não se encaixam na pentecostal. Porque eu tenho notado assim, principalmente ao pessoal que é vinculado ao movimento negro mais voltados, querendo assim fazer parte de alguma religião. Não é religião, algum culto, alguma coisa voltada à matriz africana. Eu notei muito assim, o jovem, velho. Velho não assim, porque o velhinho eu realmente eu não conheço. Porque todo mundo fala, eu sou filho disso, sou filho daquilo. Mas como é que eles sabem se eu também não sei. Mas eu noto assim, que as pessoas tentam mostrar que são de religião. De uma forma ou de outra. E eu acho isso muito interessante, entendeu? Porque a primeira coisa que eu notei quando eu voltei foi assim em algumas atividades. Eu vi muito branco, eu achei interessante. Por que que tem tanto branco e não tinha preto? Eu fui numa atividade da FAUERS de umbanda. A diretoria toda branca. O pessoal que tava lá todo branco. Eu fiquei pensando com os meus botões. Não é que eu ache que tenha só, não é como a vizinha tinha que ser preto. Não é isso. Mas por quê? Onde é que estão os pretos? Acho que em alguma hora. Em alguma situação aí a negros tinha vergonha, se escondia. Acho que alguma coisa houve por que os negros. Talvez possam me dizer. Porque que os negros não aceitavam a religião de matriz africana. O que que vocês acham? To perguntando pra vocês. To devolvendo.

Elenir – Eu vejo assim, tempos atrás até poderia ser cultuado. Porque a gente via assim. Eu mesma, quando era pequena a minha mãe me colocava pra trabalhar numa casa. E a dona da casa era dona de uma casa de religião. Então assim, naquela época tu via bastante. Tu via pretos frequentando. Mas eu acho que com o tempo se tornou meio que um comércio que os

brancos foram tomando conta. Eu não sei também. Eu desconheço esse tema também. É de se pesquisar.

Marli – Tem uma coisa. Esse negócio de fazer.

Elenir – Mas tem muitas casas no Partenon que são por pretos. Que eu conheço tem muitas casas que quem coordena.

Marli – Claro.

Elenir – Coordena as casas são pessoas negras.

Marli – Quando eu era mais pequena.

Elenir – Mas eu acho que são mais casas de aquela umbanda.

Jeanice – Nação

Elenir – Nação, aqui no sul é. Lá pra Salvador sim é mais batuque.

Marli - Quando era pequena a gente sai na rua tinha aquelas oferendas. Não pisa aqui vai fica com a perna torta.

Elenir – É colocaram medo na gente como e fosse a religião do diabo. O batuque a religião do diabo. A igreja católica de Deus. E aí a gente ficou pra trás.

Marli – Isso eu não circulo muito. Não tenho notado mais essas coisas. Mas agora está tendo uma certa uma tentativa de volta à religião. Eu vejo assim, tem aquelas lideranças. A Sandra Lee, sempre se manifestando.

Elenir – Bábà Diba.

Marli - Bábà Diba. Só que a minha visão turística. Eu me sinto mais uma turista em Porto Alegre do que eu participante. Eu fui naquela aula inaugural. Aula aberta que teve lá das cotas. Existe uma coisa que se chama religião. Existe uma coisa que é política. E não dá pra misturar. E eu acho que caiu muito mal a Sandra Lee com Bábà Diba e aquela meninada lá. O que tu achou?

Jeanice – Lá das cotas?

Elenir - Diz das falas deles?

Marli – Acho que houve uma. Como eu vou falar. Esse negócio de religião é uma coisa séria. Tem que ser respeitada e valorizada, não de qualquer jeito. E você não se dá valor. Fiscalizando, cantado em yoruba. Nada a ver com aquilo que tinha sido discutido. Se perdeu muito tempo, entendeu. E aquilo ali não era uma coisa de preto, porque a cota não é só pra preto. O que que parece. Quando se fala em cotas é um outro assunto que fica assim. Que nós pretos, a cota, que a cota. Mas a cota não é só pra preto. Pelo que eu li tem outras minorias envolvidas.

Jeanice – É uma cota social.

Marli – É uma cota social. Então tem que tomar muito cuidado. Porque primeiro. Começa a cortar os outros grupos. Que vão acabar ficando contra, porque eu acho que não é essa a melhor atitude, entendeu? Mas aí é como eu falo, é a minha opinião. É uma maneira de ver a coisa. Minha opinião é turística. Porque eu me sinto, não é sério. Eu me sinto, eu não consigo aceitar que as lideranças representam, entendeu?

Jeanice – Tu te considera turista aqui, onde é teu lar?

Marli – Eu realmente não tenho mais lar. Quando eu chego da Nigéria eu me sinto muito bem lá. Só que eles não me aceitam como uma africana. Entendeu? E eu chego no Brasil e eu muitas vezes não me sinto tão bem como uma brasileira. Entendeu? Tu tem que te dar conta que o Brasil mudou. Não é mais assim. Mas acontece que eu também mudei. Eu não to mais com aquela mentalidade daquela época. Só que eu mudei pra cá. E o Brasil mudou pra lá. Então pra.

Jeanice – Pra que lado tu acha que o Brasil mudou?

Elenir – Ela tem que ler Stuart Hall explica bem isso aí.

Marli - É?

Elenir - Tu sai do teu país e tu volta. Entra no lugar. Tu não sabe qual lugar que tu tá.

Marli – Fica aqui, fica lá.

Elenir – É sim, interessante.

Marli - É assim, quando a gente

Elenir – Migrante.

Marli –É. Eu acho até mais fácil que eu. Não digo de me encaixar, mas de me aceitar do que meus filhos. O Akim veio cedo pra cá com 12 anos. O Baba nunca vai se entender o neguinho. Então pra eles até essa história do racismo pra eles é muito difícil de entenderem. Porque pra eles, na cabeça deles não entra. Por mais que eu falei. A minha filha acha que ela é mais não aceita pelos negros do que pelos brancos.

Jeanice – Os teus filhos nasceram no Brasil?

Elenir – Mas viveram na Nigéria?

Marli – Foram criaram laços. Todos foram educados lá. Então o que que acontece? Por exemplo, a minha filha ela veio. Ela vem. Ela fica aqui, ela conversa com as pessoas e tudo. Mas as pessoas não veem ela nem como brasileira. Ela fala assim, mãe, é um absurdo. Entendeu. Porque as pessoas por mais que eu seja simpática assim. Que eu queira fazer parte deles. As pessoas não. Até eu me sinto assim. Eu às vezes me sinto assim que as pessoas não

me aceitam. Quando eu começo a conversar. Que eu morei 32 anos na Nigéria. Ah tu é nigeriana. Já tá me renegando.

Elenir – Preconceito.

Marli – Aí quando eu falo. Dou uma opinião sobre qualquer coisa. Ah porque tu ficou muito tempo fora. O Brasil é outro, tu não sabe o que que é o Brasil. Eu falei, tá, tudo bem. Agora me diz uma coisa. Por que que vocês abrem tanto a boca por exemplo. Agora eu vou entrar num negócio, eu não ia querer entrar. Da história do turbante.

Elenir – Eu tava te relutando pra te perguntar. Mas eu quero que tu fale

Marli – Eu fico não é revoltada. Eu fico indignada. Porque daí vem com a história do turbante. Porque as nossas origens, não sei o quê. Gente, o que que o turbante tem a ver com o preto? Por que que só os negros brasileiros podem usar o turbante. As negras nigerianas nem turbante usam, gente.

Elenir – Só em festa?

Marli – Turbante delas é de linha aquela coisa assim pra mostrar poder, elegância, tudo. Agora esse turbantinho que a negada usa aqui, ah.

Elenir – É que nós temos aquela coisa de querer assumir. Querer assumir. Essa coisa África mítica. Aí eu vou lá e cheguei. A gente tá nessa procura.

Marli – Mas eu acho que a realidade, a coisa chegou a tal forma. A divisão é tão grande que o negro brasileiro tem que fazer a história do negro brasileiro. Nada a ver com negro daqui, negro de lá, negro de acolá. Entendeu? Nós somos negros brasileiros. Aí volta pro Palmares. Nós temos que achar nossos modelos, não representantes, mas modelos. A gente tem que ler e saber quem foram essas pessoas que marcaram na história, entendeu, do Brasil. Ver a formação do Brasil a partir de seus autores negros, ler os autores negros. E ter uma posição a partir daí. Não me interessa o que o Soyinka pensa. O que que a Angela Davis pensa. É a realidade deles. Eles sempre vão pensar diferente. Agora se você pegar um Lima Barreto, se você pegar um, como é que é o nome dele, um Luis Gama. Entendeu. Vamos pegar até um Oliveira Silveira. Vamos pegar os autores nossos. Vamos entender como que era. Como eles falavam da vida dele, como era a vida daquela época. E vamos formar os nossos valores a partir daí. Ninguém tá recusando. Não consigo aceitar que fulano me representa. Pô, a fulana e o fulano leram de algum lugar. Aprenderam e a partir da vivência deles, eles tomaram uma atitude. Por que eu vou copiar? É cômodo pra mim alguém que me representa. Aí eu digo, não, não é assim. Porque eu acho isso. Porque tu falou isso. Eu não concordo contigo. Não tá muito preocupada. Você concorda, concordar comigo. Entendeu, então devias te preocupar

menos em tentar achar ou forçar com que o fulano pense igual a ti. Não ter que pensar. Tu tem que valorizar a ti mesmo. Tu tem que formar a tua ideia. A tua opinião a partir do conhecimento de várias pessoas e ser você mesmo.

Elenir – Marli como tu vês, por exemplo, tem tanta criança. As crianças sem referencial assim e esses representantes não seriam um referencial positivo?

Marli – Sim.

Elenir – Pra eles, porque até então eles não têm essa noção de dizer: eu me represento, vou me representar. Eu me apresento porque to pensando essa maneira correta.

Marli – Claro, mas aí

Elenir – Porque a mídia mostra tanto esses valores brancos e talvez pode subjetivar essa branquitude.

Marli – As pessoas são. É que nem agora, vou colocar política. Lula e o PT. O Lula não me representa, entendeu? Mas o Lula é um exemplo pra mim. O Lula é uma pessoa fantástica. A trajetória então. Eu tenho um grande respeito pelo Lula, entendeu? Embora o Lula não me representa, entendeu? Eu acho que ele é um exemplo. E eu acho quando as pessoas vão falar pro grupo, com crianças seja lá o que for. Principalmente pra adultos e jovens. Porque eu vejo muito disso: fulano me representa. O que tu sabe do fulano? Ah porque o fulano fala bonito. Porque o fulano disse isso. E que mais? Fulano te contou que ele tem dor de barriga, que ele vai no banheiro? Que ele tem asa? Asa todo mundo sabe. Que ele tem frieira. Tu tem frieira? Ah não. Então ele não te representa. São essas coisas. Você tem que partir do momento que o negro se valorizar por si, as coisas vão ser melhores. Porque no momento que eu sei quem eu sou. Eu vou te respeitar. No momento que você souber quem você é, você me respeita. Porque aí eu posso ter opinião diferente da tua, não sou obrigado a pensar igual a ti, mas eu te respeito. Eu posso, olha tu pode pensar diferente de mim ou eu vou ficar batendo boca contigo. Janaina teu nome? Jeanice, tu tá errada. Não concordo nada contigo. Já começo a dizer um monte de desaforo, de preferência palavrão. O que tu pensa que tu é. Nem é do movimento pensa que tu é. Porque tá seguindo a linha da fulana que é branca. Uma coisa leva a outra. Aí tu pensa: poxa, vou ter que mudar. Ah tu tá certo, tá certo. Aí quando tu vê tu te anula porque o fulano achou. Imagina. Ela quer me representar, mas depois dessa, não me representa mais. Entendeu?

Elenir – E no grupo Palmares tinha bate boca?

Marli – Tinha, tinha, mas pessoas batiam a ideia em si era consenso. A ideia nossa era essa: vamos valorizar o negro. Precisamos ter uma linha de ação. Precisamos ter um ponto. Uma

data, uma coisa que signifique alguma coisa pra nós. 20 de novembro, Palmares. Por que 20 de novembro? Bom ninguém sabe quando ele apareceu, mas sabe quando ele morreu. Por quê? Qual era a causa dele? Valorizar o negro, as lutas do negro. Isso que a gente queria. Então foi ali. Uma coisa assim, eu mudei pro Rio, né? Aí chego lá no Rio. Ah porque o MNU. Como é que é. Mas eu não participava. Eu falava com uma pessoa porque o MNU somos do 20 de novembro. Não, o MNU não é do 20 e novembro. O 20 de novembro é do Palmares, lá do Rio Grande do Sul. Naquele tempo não tinha aquela coisa de telefone fácil, revista. As coisas demoravam. A pessoa falava demorava. Aí eu gostei quando valorizaram o movimento saiu daqui. Eu não conhecia o Cortes. Tinha outro menino além do Cortes. Acho que eu conheci o Cortes no Floresta social.

Elenir – Acho que os meninos se reuniam na Esquina Democrática.

Marli – Agora eu conheço o Oliveira, sim. O Oliveira, de frequentar casa.

Elenir – Participaste. Ela participou no primeiro período. Porque até 1973.

Marli – 1973 depois fui embora.

Elenir – É que eu to tentando ver aqui esse primeiro momento.

Jeanice – Tem três momentos.

Elenir – Era homens e depois mulheres. Mas tu tava aqui. Vocês estão todo. Ah tu tá no primeiro e depois a Marisa continua.

Marli – A Marisa continua.

Elenir – Todo tempo, né?

Marli – A Marisa continua

Elenir - A Marisa continua aqui.

Marli – Depois teve o lançamento do livro aquelas coisas todas. Mas, vamos dizer assim, a mola mestra foi o Oliveira. O Oliveira foi o das pesquisas.

Elenir – Ele pesquisava muito.

Marli – É de garimpar. Gente eu fiquei sabendo. Eu fiquei sabendo com não sei onde. Quem sabe a gente faz assim. Faz assado. Ele era realmente um líder.

Elenir – Mas tratava de igual?

Marli – Tratava de igual.

Elenir – O grupo?

Marli – O que nos juntou foi a valorização do negro, não a luta. Ninguém estava interessado em sair brigando com ninguém. A gente queria levantar o negro a partir do conhecimento. Vamos ver quem é que nós somos. Entendeu? Ir nos valorizando e trazer mais pessoas pra.

Mas naquela época, talvez em função da ditadura todos tinham muito medo de se reunir porquê. O meu chefe, eu trabalhava na prefeitura de Canoas, tinha interventor naquela época. Então meu chefe falava assim. Isso, como é que ele falava? Vocês estão fazendo movimento contra o governo. Eu falei, não, não estamos só brincando. Imagina. As pessoas têm direito de ir e vir. Se manifestar. Eu nem sai no jornal. Mas ele nunca.

Jeanice – Naquela época, né.

Elenir – Naquela foto, vocês estavam no Marcilio? Vocês todas?

Marli – Não lembro. Não acho que era no. Eu me lembro muito mal do Garcia. O rapaz que entrevistou a gente.

Jeanice – Que Garcia? Não sei quem é?

Marli – O jornalista

Elenir – Ah o que entrevistou. Que fez aquela reportagem. No Jornal do Brasil. Ele é do Jornal Hoje.

Marli – Aquele do Jornal Nacional.

Elenir – Que é âncora, o Garcia.

Jeanice – Alexandre Garcia.

Marli – Esse. Agora se vocês achassem a reportagem que eles dizem que saiu no Le Monde. Eu acho assim que dá uma visão internacional. Seria muito bom.

Elenir – Ah aí quem pode fornecer é a filha do Oliveira talvez. A Eliane tá juntando.

Marli – Vão atrás, gente.

Elenir – Sim, eu to indo.

Marli – Esse aí vocês entram no Le Monde pela internet. Procura lá a data e vejam como conseguir até ir no consulado da França. Pergunta pro cônsul, pro cultural deles como pode conseguir. Porque se chegar na hora de fazer a tua apresentação. Tu falar que o grupo Palmares foi até mencionado no Le Monde.

Elenir – Acho que eram essas as perguntas, né? Só pra finalizar. Obrigada pela entrevista maravilhosa. Assim, tu vê o grupo Palmares como contribuinte pra nossa época nessas questões?

Marli – A gente foi assim

Elenir – Um início?

Marli – Uma semente para a valorização do negro como tal. Naquela época não havia uma referência política como agora o movimento negro ficou muito politizado. Eu acho que a gente já mudou muito da época pra agora. Agora o negro brasileiro já carrega. Não da pra

separar vamos fazer assim a cultura da realidade. Quando você fala cultura muito acima, muito utópica, muito sonhadora e coisa e tal. Mas eu acho que como semente da valorização do negro, eu acho que o Palmares valeu a pena. Só uma pena que ele não evoluiu. E não existam mais movimentos como aquele. Eu gosto muito do Sopapo. Acho o Sopapo interessante, mas eu acho que em termos de valorização do negro a parte cultural eu acho que ficou muito voltado pra poesia. Embora a poesia represente muito. Eu acho que falta muito a parte das escritas. Acho que precisava ter mais prosa.

Elenir – Teoria também?

Marli – Eu acho que devia ter mais. Mas isso é independente. Se pudesse ter mais Sopapo. Uma referência e trazer mais palestras, coisas assim. Coisas sobre o negro. Por exemplo agora tenho que falar com essa menina Nina Folar. Que ela fez o trabalho sobre os terreiros nas casas de matriz no Rio Grande do Sul. Eu achei assim o tema fantástico. O dia que ela defendeu a tese. Foi o dia que eu vi propaganda no facebook. Fiquei com tanta pena porque já tinha apresentado. Mas isso é o tipo de trabalho que ela devia apresentar num lugar algum clube, alguma coisa.

Jeanice – mas ela é do africanamente. Pode apresentar no africanamente.

Marli – Não eu vou falar com ela sobre isso. De repente já apresentou em algum. E abrir pras pessoas. Porque eu posso chegar e falar. Eu não sei.

Elenir – Abrir pro público em geral.

Marli – Olha a Nina vai falar sobre casa de matriz africana e terreiros no Rio Grande do Sul. Vai encher de gente. Até o africanamente vai ficar pequeno. Pra levar o conhecimento para as pessoas. Por que que as igrejas evangélicas estão avançando. Porque elas oferecem, fazem propaganda. Elas estão em todo lugar. As casas vão se encolhendo, vão se encolhendo. Os próprios filhos, porque é difícil você achar jovem que seja ligado ou que desenvolvam realmente. Eu fui no Bábà Diba não vi muito jovens.

Elenir – Não, mas tem.

Jeanice – Na casa dele? Não, tem. Eu já fui lá e tem muita criança inclusive.

Marli – Criança, criança, mas jovem.

Elenir – É que eles se dividem. Ficam aqui no Africana. Na Independência o Africanamente.

Jeanice – O Africanamente fica na Cristóvão Colombo.

Elenir – Na Cristóvão, mas ali é juventude, né. É capoeira.

Jeanice – É capoeira pega muita gente.

Marli – Não eu falo em termos de religiosidade.

Jeanice – Religiosidade.

Marli – Que eu fui, teve uma atividade lá e a gente ficou. Eles receberam os Pretos Velhos.

Jeanice – Bem bonito, né.

Marli – Foi. Tem, mas não tem assim muitos jovens. Foi lá que eu conheci mais de pertinho a Nina Folar. E eu acho assim, essa parte religiosa. Tem essa parte também política de chamar a meninada. Porque olha acontece um a gente já sabe. A periferia é sempre mais atacada. A periferia é onde tem mais negros. Os negros são os que mais sofrem. Tudo isso a gente já sabe. Então não adiante a gente ficar sempre batendo na mesma tecla, se você não faz nada. Eu acho cômodo. Por que os negros da periferia? Porque os nossos jovens morrem. Estão morrendo não sei quantos por dia. A estatística diz que morreram. O que é que estamos fazendo? O que é? Não, pois é. Então. Eu não vi ainda nenhum, como é que vou falar, uma atividade. Eu não estou dizendo que não exista, é que eu não escutei falar e não vi. Uma atividade que chame esses jovens todos, da periferia e façam uma atividade com eles. Pra eles, com eles. Vocês sabem de alguma coisa?

Jeanice – É assim. Não sei se tu sabe ali embaixo do viaduto. Chama viaduto do Brooklin. Sabe onde é?

Marli – Não sei onde é.

Jeanice – Ali em frente à Medicina.

Marli – Aqui?

Jeanice – Em frente à antiga Medicina na João Pessoa. Eles fazem atividade ali embaixo. Hip hop, de poesia. Poesia, debate. Interessante pra conhecer. Praticamente só jovem. E muita gente.

Marli – Que legal.

Jeanice – E se reúnem, né.

Marli – Muito bem. Mas só a música?

Jeanice – Só música e poesia.

Marli – Pois é porque até pra escrever música precisa ter conhecimento. Não é só.

Jeanice – Mas é

Marli – Parte a partir da vivência deles.

Elenir – A gente esperava que as escolas fizessem isso, né. A gente até tinha espaço pra fazer. A nossa política.

Marli – Cheguei junto com eles. Foi um desastre.

Elenir – Marli, só mais uma pergunta. Uma pergunta pra fechar. Esse projeto que tu desenvolvendo, essa viagem ao continente africano, na Nigéria. Tu poderia falar um pouquinho desse projeto. Qual objetivo geral. O que. Acho interessante que aqui essas pessoas estão conhecendo.

Marli – A ideia das viagens começou com a Paula. Eu conheci a Paula e a Paula era portuguesa. E eu conheci a Paula através da Rita, amiga minha comadre, que trabalhava na embaixada de Portugal. E a Paula vinha pra Nigéria, passava a noite na casa da Rita. A gente sempre se encontrava, batia papo. Aí a Rita foi pros Estados Unidos. E a Paula começou a ficar lá em casa. Naquelas alturas eu já morava em outra cidade. Morava no interior. E a Paula se formou e continuou vindo. E ela conhecia uma senhora chamada Susane Vega, que morava em Oxul. E a Susana ela era suíça. E ela, quando na segunda guerra, quando terminou a segunda guerra, o marido dela que era alemão veio pra dar aula na universidade Ibadan. Fugido, né. Era 1940 e picos. Aí ela veio. Ele ficou uns anos e depois voltou. E como ela não fazia nada, ela se misturou com as pessoas. Ela aprendeu a língua. Ela, eu não sei o que que ela fazia. Eu sei que ela se enturmou lá com as pessoas. Ela foi pra floresta e começou a conhecer as ervas, flores. Conhecia tudo. Passou um tempo o marido dela voltou e ela não voltou com ele. Ela ficou em Ochobô. Casou com um tamboreiro. Fez uma casa. E morava assim, imagina, no interior do interior. Ela simplesmente ficou lá. E foi conhecendo tudo quanto foi coisa de Oxum era com ela. Aí, claro, uma branca chamou a atenção do povo. Viajava coisa e tal. Ela conseguiu, porque isso foi esforço dela, junto com os conhecimentos que ela tinha. Ela tornou a floresta de Oxum em patrimônio da Unesco. Então assim, ela ficou super conhecida. A Paula sendo branca e indo pra Isfé, que é perto. Ela conheceu a Susana e ficou amiga dela. E ficava a Paula ia e ficava na casa dela, coisa e tal. Aquela coisa de Europa. Eu também depois conheci. Não conheci a Susana, conheci o ida e volta. Aí a Paula ficava muito em Ochobô, era muito próximo. Aí ela veio vindo, conhecendo. Porque era das pesquisas dela. Ela chegou até Orió. E quando ela, encontrei com ela, ela falava: Oh vem ao Brasil. Ela vem ao Brasil. Ela foi a Bahia. Ela conheceu a Menininha do Gantois. Ela fez pesquisas aqui nas casas da Bahia. Então ela falava assim, A gente comentava muito que eu sentia uma grande distância entre os yorubás. Porque também outra coisa. Na Nigéria tem os descendentes brasileiros, que eles também não se consideram yorubás. São descendentes de brasileiros. Como nós temos os no caso nós somos afrobrasileiros. Eles também se acham brasileirosafros. Eles se acham até hoje descendentes de brasileiros. Eles se consideram mais brasileiros que nigerianos. Eles têm o bairro deles, não se misturam. São bem assim. Eu

falava, ah se um dia eu pudesse trazer pessoas aqui pras pessoas ver. Porque tem outra coisa. Quando eu chegava aqui as pessoas sabiam tão pouco sobre a África, sobre a Nigéria. Ainda hoje as pessoas vêm falar. Ah mas como é que é lá na África? Eu tenho um amigo que fala africano. Eu falei, meu deus do céu, sabe. E é uma coisa que dói, entendeu. Porque quando você vai, sai do Brasil. Morei nos Estados Unidos também era mesma coisa. As pessoas não sabiam o que era o Brasil. Que saiu do Rio de Janeiro não sabem mais nada. Falavam assim, mas agora a capital do Brasil não é Rio de Janeiro. Buenos Aires? Não, Buenos Aires não é. Ah mas o Brasil tem preto. Ah mas eu conheço fulano. Todo brasileiro que eu conheço é branco. Tu é brasileira? As coisas assim. Então, começo a pensar assim: que legal se a gente conseguisse levar talvez uns nigerianos pra ver lá no Brasil pra ver com é que são as casas, as coisas no Brasil. E levar brasileiros pra eles verem como que é a Nigéria. Na Nigéria porque eu morava na Nigéria. A África em geral. Aí ela falou: olha, as casas de matriz africana no Brasil não têm nada a ver com africana lá. Porque aqui você tem a sua vida normal e tem a sua casa. Vai lá um dia, uma hora faz o que tem que fazer e vai embora. Mas lá é uma vivência. Como eu poderia dizer que é uma casa de lá. Se eu pudesse falar que era um quilombo. Porque o que eles têm agora lá é um quilombo. Entendeu, eles vivem lá, eles moram lá. Entendeu, tem o líder, que faz, entendeu. Tudo gira ali, a vidinha deles é aquela. Ou é uma espécie de quilombo que seria pra gente. Entendeu? Tem o grupo de Xangô. Tem Crucruioná. Entendeu, cada um tem o seu. Eles estão assim, sob o rei de Nhoó, que é o Alafin, que é filho de Xangô. Xangô é Deus. Xangô vem de Olubá e Oxum Maré. Eles estão aqui, daqui pra baixo estão todos os orixás. Então quando tem qualquer atividade. Entendeu, cada um faz a sua, tem seu dia, sua hora.

Elenir – Orixás ou as pessoas fazem os grupos?

Marli – São os grupos, tem o seu orixá. O lá é Oxum. Lá tem uns que não tem aqui. Então o eu orixá é Oxum. Ali tem aquele grupo de Oxum. Aí naquele dia de Oxum faz o que tem que fazer lá no rio coisa e tal. Mas o dia que tem a festa, que é a festa de Xangô, em agosto, que eu levei o pessoal. Todos os orixás vão celebrar Xangô. E é isso que é bonito. Então cada dia vem um orixá. Vem Ogum. Tem Ogum. Tem o estado que é só de Ogum. Oxum te o estado que é todo um estado que é só de Oxum. Então a gente leva as pessoas até Oxum pra ver o rio Oxum, entendeu? Dá umas quatro horas de carro. Vão lá passam o dia lá. Que é o único dia que sai uma menininha que representa a Oxum. E ela vai até o rio e faz a oferenda da Oxum. É muito bonito. Aí vem governador. Porque essa parte tradicional é muito forte. O rei, tem muitos reis. Mas tem certos, cada, cada, como vou dizer, cada área tem um rei importante. O

rei tem tanta força tanto o governador. Por exemplo, o rei de Hnoó. É assim cada estado é um império. Mas vamos dizer assim e tem um rei. Ele é chamado de alafin. O que que é o alafin. Ele é o guardião da coroa. Entendeu, aquela coroa só vai na cabeça dele. E só sai da cabeça dele o dia que ele morrer. Ninguém pode nem tocar na coroa dele. Se tocar morre. E ele é filho de Xangô. Então quando chega o dia de Xangô que ele vem a terra. Ele não vem nele. Ele vem em outra pessoa. E essa pessoa que recebe Xangô. Ele fica com Xangô o dia inteiro. Ele passa a cidade inteira. É um senhor já. Ele deve ter. A gente nunca sabe a idade de preto, ainda mais africano. Deve ter uns 70 e poucos. Ele caminha por toda a cidade a pé. Ele corre. É uma coisa impressionante. Aí no final da tarde, quando ele vai chegar no palácio, o rei já saiu antes. E ele é o rei. Porque ele não pode encontrar com Xangô, ele morre. Então o importante não é ele. Ele representa e ele sai. E Xangô vem. Ele dá uma volta pela arena. Ele vai embora se recolhe. Te falo que o santo vai embora quando ele quer. Ele volta e fica lá. Essa coisa pra quem é de matriz africana é uma coisa muito bonita. E pra quem não é bonito de ver pelo respeito. Eu fico assim encantada. Não tem quem não saia tocado. A gente como preta e vê aquilo é religião da gente. Como aquilo vem de tão longe. Dos antepassados. É uma coisa tão. Você volta outra pessoa. Não tem como. É uma experiência fantástica. Muito, muito bonito. Então, o que que acontece? Grupos eles são. Vou chamar de Xangô. O Xangô. O pessoal de Xangô. Todos usam trança. Homem e mulher, então as trancinhas. Já sabe, o dia que você for porque lá na Nigéria também tem assim: as marcas tribais. Então qualquer marca sabe se você é yorubá, bonsá, a marquinha tá aqui. Afora a marca, você tem a marca por exemplo que mostra que você é yorubá. Então vai ter uma marca por aqui que vai dizer se você é do norte, leste, do sul. Se você é deste estado ou daquele estado uma distinção. Os orixás são sempre coisas em yorubá. Até vou falar uma coisa pra vocês que é oficial. Tem uma casa aqui no Brasil, que se chama palácio de Nhoó, que é falsa viu. Vocês podem falar a vontade. Isso eu to falando é oficial. O alafin já falou oficial. Se chama Palácio de Nhoó.

Jeanice – Fica onde?

Marli – Não sei. Eles vendem búzios. Dão cursos. Vendem coisas. Chama-se Palácio de Nhoó. Esse é falso. A pessoa que criou esse, que rege, não rege. Como é que é? Que coordena, ele é muçulmano, não tem nada a ver com religião yorubá.

Jeanice – É um oportunista então.

Marli – É um oportunista. Cobra caríssimo. A Paula tava falando que ele é caríssimo. Imagina que qualquer coisa que fala de Nigéria pessoal já corre. Então, voltando ao pessoal de Xangô. Esse pessoal de Xangô, eles não podem cortar o cabelo. A lei, aí ele está neste nível

sobre o rei. Em cima deles tem a Nigéria com o país. E a lei da Nigéria é bem clara. Pra ir pra escola os meninos cortam o cabelo. Primeiro ficar fácil pra pentear, segundo pra não ter bicho. Entendeu tudo, cabeça raspada, meninos raspam cabelo, resultado não vão pra escola. Então esse é um dos rituais de cabelos. Vou explicar por que que eu to falando isso. Aí tem, vem os muçulmanos. Vem os pentecostais pregando que você não pode fazer isso porque sua religião diz isso e aquilo. E isso, como é que Deus falou que você não pode cortar o cabelo. Tá escrito isso na Bíblia. Tá escrito no Corão. Olha Jesus Cristo tinha cabelo comprido porque ele queria, mas não é se ele quisesse cortar ele podia cortar. Coisas desse tipo assim. Ah pensando bem, vou trocar de religião. Não me importo de ir pra escola. Mas vou trocar de religião. Então eles começam a sair porque os valores vão mudando. E vão pras igrejas pentecostais. Trocam vão até se tornar muçulmano. Tem muito yorubá muçulmano. Pessoa pensa: ah não yorubá não tem nada a ver uma pessoa com a outra. Tem yorubá com muçulmano. Então começou a dar muita divisão. Só que geralmente eles vão e voltam. Não conseguem se adaptar. E aí, tudo isso a gente conversava muito com a Paula, esses assuntos de Brasil e Nigéria. E aí a Paula conversou com Alafin. Ah, aí a Paula começou a ir pra Nhoó conversar com as pessoas. Uma branca que conhece do assunto né, começa a falar, não é com autoridade, mas com mais poder. Aí ela falou lá com um senhor. Ah seu assunto tá ficando muito interessante vou te levar pra conversar com Alafin. E ela foi conhecer o Alafin. Começou a conversar com ele. Ela achava que a cultura yorubá tava morrendo. Tava tendo muita infiltração. E mesmo ela, branca é infiltrada tinha estudado. Travava com conhecimento de causa. Aí ela começou a conversar com ela viu que ela realmente sabia do que tava falando. Ele falou pra ela. O que que você que fazer? Porque eu to perdendo poder. Eu sei que to perdendo, porque os jovens não estão mais interessados. Os ventos estão indo. Sei lá daqui uns cem anos até o próprio, essa tradição de reis vai acabar se diluindo. aí devia tentar revitalizar. Não deixar morrer a tradição. Ele falou: tá bom eu concordo com você. Você faça o que você achar melhor. Faça não, me diga, me dê um plano, o que você acha e a gente conversa. E a Paula foi pra mim e me disse o alafin de Nhoó me disse isso e isso. O que que a gente podia? Tá aí a gente se entusiasmou, vamos fazer isso, fazer aquilo. Aí a gente pensou. Era assim. Os templos estavam tudo caído. Caído por quê? Falsetes de barro, as pessoas não tinham poder aquisitivo estavam caindo. Quando caíam botavam uma emenda, uma folha de zinco, uma emenda. Coisas do gênero assim. Então limitada, tava mudando muito as coisas. aí tudo isso precisava de dinheiro. Como que a gente vai conseguir dinheiro? Bater na porta das pessoas, porque lá é que nem aqui. O rico vai, o branco vai, o político vai, mas oficialmente

eu sou cristão. Eu sou muçulmano, eu sou pentecostal e eu não me misturo com essas coisas de tradição de orixá não é comigo. Então a gente resolveu criar. E aí a gente pode, vamos fazer uma associação, uma fundação pra ver se a gente pode pedir dinheiro e pode chegar até lugares que a gente tem o nome registrado. Então a gente resolveu fazer uma fundação. Por quê? Porque com a fundação a gente se tornava oficial. A gente levou a ideia pro alafin. O alafin falou, tá bem vamos fazer uma fundação. A gente fez a fundação colocar o nome yorubá a gente não quis colocar. Porque a Paula é estrangeira e eu também. Eu com todo o meu nome yorubá que eu falei pra vocês, eu sou estrangeira. Então vamos botar o nome Dera porque quando puxa uma coisa vão perguntar quem é ela? Ela é uma historiadora, doutora, formada em religião yorubá. Então ela tem um currículo pra mostrar. Então a gente colocou fundação Paula Gomes. E ficou assim, o patrono é um alafin. A Paula é presidente e eu fiquei de diretora. E aí o que que a gente vai fazer com essa fundação? Vamos tentar levantar, revitalizar os templos todos. Vamos tentar atrair a atenção do mundo pra Nhoó, para a cultura yorubá. Vamos ver onde tem cultura yorubá pelo mundo e convidar esse pessoal pra vir aqui e até ajudar a levantar. Porque de repente acaba na Nigéria e tem em vários lugares do mundo. Aí eu tava falando no Brasil tem. Tem vários lugares, mas são diferentes, porque nem todos os negros saíram da Nigéria. Tem negros que vieram e outros lugares, com outro tipo de. Tem isso, tem aquilo, eu não sei diferenciar. Aí o Alafain falou vocês venham com as ideias e eu vejo o que eu posso fazer. aí nisso um grupo do Oxum Maré. Do terreiro Oxum Maré da Bahia, foi à Nigéria. E foi até o Alafin. Achando, nós somos brancos. Aí chegaram lá procuraram. Nem sabiam da existência da Paula,mas foram procurar. porque a Paula era só uma estrangeira. Lá foram procurar a filha do alafin. Só que como toda briga de poder. A filha do alafin não gostou muito da Paula. Porque ela achou que a Paula era estrangeira. Só que ela nunca fez nada. Ela morava nos Estados Unidos e não tinha nada a ver. Ela só pareceu por aparecer. E eles procuraram a filha do alafin. E a Paula tava lá no palácio, eles chegaram, branco né chama atenção. Ah tá, tudo bem, tudo bom. A gente veio ver o alafin. A gente já falou com a filha dele. Então a Paula tranquila na dela. Não conseguiram. Porque é assim o alafin, ele é o chefe da comunidade. Ele é o chefe de quase um estado né. Mas ele fica em Nhoó, ele senta cadeirinha dele. Tem a cadeirinha de rei e tem várias cadeirinhas do lado. E desde o vizinho me beliscou entendeu. Aquele lá ia passando e fez fiiu fiiu pra minha mulher. Tudo é o alafin que resolve. Então é uma pessoa que está muito ocupada. E tem que marcar, não é a casa da Mãe Joana que o pessoal vai chegando não. Aí vem os brasileiros: não a gente já falou com a filha do rei. Não viram o rei. Aí a Paula foi pra eles não tem que marcar coisa e

tal. Aí ela conseguiu. Eles falaram. Acharam tudo um horror. Porque a ideia que o pessoal tem. Falou em rei, palácio, imaginaram aquele palácio da rainha Elizabeth. E quando chegaram era um negocinho de barro. Tinha caído pedaço de barro daqui. Emendado do lado de lá. Falaram que horror. Aí começaram a visitar os templos, ficaram mais horrorizados ainda. Aí um dos mineiros falou assim. Coitado esse alafin aí tem boas intenções, mas entendeu. Ele não falou mas deu a entender é reizinho do interior. E quando ele foi falar com o rei. Alafin tem doutorado, estudou em Londres, é podre de rico. É que as pessoas quando veem o negro. Aqui também é assim. A pobre da neguinha ali metida. Achando que tá em cima da carne seca. O rei da carne seca tá lá. O cara é o cara. Aí falou. Aí o alafin vem e fala tá no meu sonho que eu queria expandir coisa e tal. A Paula tá tentando fazer o máximo coisa e tal. Nesse intervalo, eu pulei o mais importante. A gente fundou, a gente realmente criou a fundação. A gente fez uma festinha, não lembro mais qual o califado. E a gente fez uma festinha lá e nesse dia o alafin nomeou a Paula embaixadora cultural. Que pra nós deu uma força enorme. Ela que foi embaixadora cultural do reino de Nhoó. Então isso deu muito poder pra Paula chegar nos lugares. Ela conseguiu chegar até o presidente. Começou a mexer e conseguimos chamar a atenção da Unesco. Ali a Unesco agora já nos encaixou. E nós conseguimos levar o Festival dos Tambores e os trabalhinhos de ajukê pra ficar patrimônio da Unesco. Já se apresentou a primeira fase. Fomos aprovados. Agora estamos esperando o resultado final e a gente vai Paris, se Deus quiser pra receber o título de patrimônio da Unesco. Ia ser lindo não é? Aí o alafin falava. Ah não, quando a gente fez a abertura, a inauguração da fundação. Tenho dificuldade de pensar em português, tenho que pensar em inglês. Aí nos acordamos. Eu queria levar alguém do Brasil. E aí, eu falei com a Marisa. Ela falou com a Vera. A Vera falou com a Vilma, que eu não conheço a Vilma.

Elenir – A Vilma não é aquela que mora nos Estados Unidos?

Marli – A Vilma mora aqui. Mora na Bahia.

Jeanice – Qual a Vera?

Marli – Vera Lopes. E aí a Vilma ia.. Ah a gente ficou encantada. A Vilma vinha. Teve um ataque de não sei o que e teve que operar. Ficou muito ruim por sinal. Aí ela indicou um rapaz. Eu posso indicar um rapaz para vocês. Professor que pode falar sobre os yorubás. Tá bom. Era o yorubá na festa, era esse o tema. Aí o Fabio, tá tudo bem. E aí os meninos conseguiram. Aí a Paula foi convidada através do Iphan e dos Meninos de Oxum Maré pra ver a lavagem do Bom Fim, uma série de coisas na Bahia a Paula também vem. Ela vem como representante. Ela é embaixadora cultural. Ficou bem fácil as coisas. Aí nós conseguimos. O

Fabio foi, fez uma apresentação muito boa. O pessoal adorou o Fabio. O Fabio era. Aí passou o alafin falando se me convidarem pro Brasil. Aí a gente conseguiu ele ser convidado pela Marta. aí a Marta fizemos todo arranjo com o Iphan e coisa e tal. Só que pro Brasil o alafin oh tão cagando e andando pra lei africana. O alafin não é nada. A gente precisava ter uma força. Então pra Marta receber oficial tinha que ter o Ministro da Cultura. O ministro da Cultura falou: tá bom eu vou. Não era yorubá, não tinha nada a ver com a história, mas ele falou que ele vinha. Aí o Iphan fez tudo, conseguiu. Outra, o rei não viaja sozinho. Ele tem quatro mulheres. Vai ter que vir pelo menos uma. Aí vai ter que vir o rei, tem a mulher que canta pro rei entrar, tem a mulher que canta pro rei sair.

Jeanice – É um coletivo, *encourage*.

Marli – Vieram 22 pessoas. E aí, quem é a Paula pra trazer. O rei é melhor pro Brasil. E os brasileiros aquela confusão. E aí, o Iphan foi muito legal. Aí quando chegou na hora. Acho que a Marta saiu antes. E o ministro naquela semana, presidente tinha que ir pra ONU. Tirou o ministro. O ministro também não veio. Ele veio sozinho sem o ministro. Eu tava na Bahia, não tinha ninguém do governo brasileiro pra receber ele. Não tinha ninguém do governo da Nigéria pra receber ele. Aí o cônsul da Nigéria veio falar assim não é oficial. Esse cara é nigeriano, se você estivesse na Nigeria, você sabia que tinha que dar a importância pra ele. Você não quer, você não precisa. Nós estamos informando por que tem consulado. A gente tá informando. Fomos na casa. E a casa da Nigéria tava até fechada. O senhor não quer. Aí o Brasil mandou. Eles mandaram alguém. Mandaram alguém do governo. Acho que não era diplomata, mas era alguém do nível do Itamaraty. E o governo da Bahia. Não lembro se era o Wagner. O cara de uma excelência, de uma educação. Podia não ter feito nada. Não teve nada porque a visita não era nem pra ele. Ele mandou polícia com batedor, com carro e tudo. E na hora que ia chegar, ia chegar. Aí o cônsul apareceu. Agora o senhor não precisa. O chefe do aeroporto falou: uma pessoa pra entrar, pra chegar lá no portão na pista do avião. Ele falou: eu sou. O pessoal de terreira tava lá. Do Oxum Mare tava lá. Ele não ficou no terreiro, a thoma dele ficou no terreiro. E ele ficou num hotel chique. Aí ficamos, o representante do ministro veio. Mas não era um. Não o representante do ministro era um diplomata, mas não. Por isso que veio um diplomata, mas não é o ministro. O ministro da Cultura não veio nenhum dos dois lados. Aí recebemos ele. Quando ele desceu. Foi muito bacana como se posicionaram. Passou assim no corredor. Ele assim, bem discreto. Quando a pessoa é simples não importa o que for. Se fosse dos Estados Unidos, da Inglaterra. Aí ele ah abraçou, coisa e tal, conversou. Aí ele foi, ficou lá no hotel dele. E eu fiquei com o pessoal. E o alafin foi visitando os cinco

terreiros principais ele conseguiu ir. Foi pra aquela igreja dos pretos. Aquele museu que tem ali, que tem roupas africanas coisa e tal. Que mais que ele foi? Foi para o Pelourinho. Aquela parte toda ele conheceu. Ele ficou assim impressionado nos terreiros ele ficou enlouquecido. Gente, eu não imaginava que tinha tudo isso de África.

Elenir – Teve algum historiador que está escrevendo assim sobre a causa?

Marli – Que eu saiba não por que essa parte toda do Brasil foi feita com o Brasil. A minha função era bem como vou falar assim, bem local.

Jeanice – Bem pontual.

Elenir – E na mídia nem apareceu.

Marli – A minha função era prestar atenção que nenhum menino, nenhuma menina sumisse.

ANEXO 8

Nayara Silveira, professora, abril/2018

Filha de Oliveira Silveira

Elenir – Hoje a gente vai entrevistar a professora Nayara Silveira, filha do Oliveira Silveira, na escola, na rua Caçapava, número 400, em Canoas. 25 de abril, de 2018, quarta-feira. Oh Nayara, tu não te importas que a gente grave? Essa tua entrevista é na contribuição no trabalho subjetividade na luta antirracista em Porto Alegre, negritude do grupo Palmares, na década de 1970 e 1980. Esse trabalho estou fazendo na UFRGS, em sociologia, orientadora dos Anjos. Então eu gostaria primeiro que tu te apresentasses, teu nome.

Nayara – Meu nome é Nayara Rodrigues Silveira Lacerda, filha única de Oliveira Silveira. Eu tenho 49 anos. Professora.

Elenir – Então eu gostaria que tu falasses um pouquinho como que tu participaste. Porque a gente vê nas fotos, nas entrevistas tua participação junto com teu pai pequenininha.

Nayara – Desde que eu nasci. Desde que eu nasci que eu participo de todos os encontros, ou quase todos os encontros e movimentos. Inclusive no dia da pesquisa da escolha do nome do grupo Palmares, que foi na casa dos meus avós. Meus pais moravam lá. Eu estava presente na sala. Este é um relato que o meu pai faz. E depois, a partir dos meus quatro anos meus pais se separaram e os encontros que eu tinha com ele eram aos sábados. Estipulados pelo juiz, sábados à tarde eram os dias que o meu pai podia ficar comigo. E geralmente aos sábados sempre tinha algum evento do movimento ou alguma reunião. E eu participava, porque eu sempre fui muito desinibida. E a partir de 1979 eu fiz a minha atuação junto com ele no grupo Semba.

Elenir – Ah no Semba.

Nayara – A partir de 1979.

Elenir – Poderia falar um pouquinho do grupo Semba?

Nayara – O grupo Semba iniciou com pessoas adultas oriundas de vários grupos, enfim da sociedade negra. Alguns membros do grupo Tição, do grupo Palmares e outros atuantes do movimento negro. E esse grupo tinha o objetivo de mostrar, de trazer a história do negro através da sua cultura e da arte. Trabalhando então teatro, poesia, dança, música. E com o passar do tempo. Não sei se com a minha participação, porque esse grupo foi se tornando

mais jovem. E no auge do grupo foi de 1985 até 1989, 1990. Até 1992, ele era um grupo de adolescentes. De adolescentes, de 16 até 24, 25 anos.

Elenir – Tu acha que foi influência do Palmares?

Nayara – Ah sim, porque o Oliveira era nossa referência. Então apesar de ser um grupo jovem, ele sempre trouxe questões sérias para o grupo trabalhar. Mas ele também nunca tolheu a alegria da nossa juventude. As coisas de adolescentes, de sair, de se encontrar, de fazer festa. Ele até incentivava isso. E, conversando com os membros do grupo, esse grupo formou casais. Muitos jovens se casaram dentro do grupo. E nos damos até hoje os membros do grupo. Conversando, a gente viu o quanto foi importante para nossa autoconfiança, autoestima participar desse grupo. Porque nós éramos jovens. Tínhamos nossos problemas em casa, nossos problemas na escola. E ali no sábado era o ponto de encontro ou na casa do meu pai, na Assis Brasil ou na escola Julio Grau, que fica ali perto. Nós conseguimos uma sala, uma doação desse espaço. Numa sala de aula dessa escola, onde nós fazíamos nosso ensaio. Então era sempre sábado à tarde. Das duas às dezoito horas e muitas vezes nós já íamos pra uma festa. Ah tem um evento pra ir. Tem uma festa, um evento no metalúrgico. Os bailes dos metalúrgicos ou os bailes da Teresa, escolha da rainha Samba Sul. E nós íamos em grupo. Então essa questão do grupo, pra nós, é geral, todos que participaram disseram isso: Deu uma autoconfiança de estar ali com os nossos. Nós negros, nos ajudando, nos autoafirmando com aquela alegria. Ficou muito bom. Viajávamos, fomos pra Argentina, fomos pro Rio, pra Fenadoce fazer apresentações.

Elenir – E tu lembra de alguns integrantes?

Nayara – Ah sim, todos.

Elenir – Alguns nomes?

Nayara – Porque esses integrantes fazem parte da minha vida. Tem uma prima minha que faleceu, mas eu tenho nome de todos. Poderia citar. Falar do Paulo Daniel, da Andreia, Carla Bandeira, Catia m Bandeira, são três irmãs. E Carmem, Catia e Carla Bandeira. A Natalia, que é casada com advogado Luiz, que fazem parte da associação negra de cultura. São pessoas assim, todos esses muito queridos. Rosângela, Paulão fez parte do início do Semba. Bah, vários. Eu teria que listar, fazer um a lista com todos.

Elenir – E assim, essa ideologia que fazia parte do grupo. Livros que vocês liam. Seguia alguma ideologia da negritude, como o teu pai sempre falava?

Nayara – São fortes, porque a gente não podia ficar só na questão da arte. Apesar de gostar de cantar, de dançar. Mas ele sempre pontuava, qual era o objetivo? As questões da negritude,

além dos nossos ensaios, nós participávamos de outras questões. Encontros que outros grupos faziam pra dar uma base. Uma base política, uma base ideológica pra todos.

Elenir – Outra coisa, não sei se tu recebeu as perguntas. E tem alguma coisa assim na mídia sobre essa época, ou alguma coisa do grupo Semba ou do grupo Palmares, que tu lembra em jornais e revistas?

Nayara – Eu tenho aqui, tenho um bom material pra.

Elenir – A Jeanice tinha feito umas perguntas. Quem mais te procura pra fazer pesquisa assim é estudantes, acadêmicos?

Nayara – Estudantes. Muitos estudantes.

Elenir – E tu vê assim, depois que o Oliveira morreu ficou mais famoso? Mais procurada as obras dele?

Nayara – Olha ele sempre foi muito procurado. Não posso fazer essa injustiça de dizer que após a sua morte ele foi mais valorizado, mas procurado. Não, eu acho, que claro, há um interesse desse pessoal que chegou na universidade. O povo negro que teve acesso a uma universidade, eles me procuram mais por curiosidade porque não sabiam que o movimento 20 de novembro nasceu no Rio Grande do Sul, que é de Porto Alegre. E quem é Oliveira Silveira? Qual a importância dele? Muitos jovens estão fazendo mestrado, doutorado. E eu fico muito feliz com isso. Eu to sempre aberta e disposta a ajudar todo mundo que me procura.

Elenir – E esse acervo do Oliveira onde ele está? Está em Brasília? Em que local ele está?

Nayara – Não, ele se concentra. Pode achar na Assis Brasil. No apartamento dele. Foi doado algum material que tinha duplo para biblioteca Oliveira Silveira, que fica em Osório. É dentro do Centro Cultural Julio de Castilhos.

Elenir – Está com o professor Yosvaldir?

Nayara – Não.

Elenir – Dentro da biblioteca do município. É Centro Cultural Júlio de Castilhos, se não me engano. Fica em Osório. Tem uma biblioteca lá com o nome dele. Foi inaugurada há dois anos atrás. E aí, eu fiz, eu cedi alguns livros dele, alguma coisa que eu tinha lá. Mas o grande foco está no apartamento. Esse material não está organizado como nós gostaríamos. Nós ficamos quatro anos trabalhando.

Elenir – Pode contar comigo.

Nayara – Quatro anos, mas assim quatro anos ficamos trabalhando uma vez por semana. Duas, três horas, mas é que as pessoas que estavam trabalhando comigo tem um vínculo afetivo muito grande. Meu deus e todo um cuidado, eu não to reclamando. Gosto.

Jeanice – Era o processamento técnico.

Nayara – O que pra mim poderia ir por lixo. Não, porque se ele guardou assim, vamos guardar assim. Porque o meu pai começou a fazer recortes de jornais. De notícias importantes relacionadas aos negros e recortava. Colocava referência ali. De onde foi tirado, a data tal. Aí depois, ele resolveu guardar todo jornal. Quem visitou eles nos últimos cinco anos antes dele falecer viu que a gente chegava no apartamento e viu que tinha pilhas.

Jeanice – Não pegou cupim, não pegou nada?

Nayara – Nada. Ele guardava tudo com muito cuidado. Embalado no plástico, com folhinha de louro. A gente encontra muita coisa com folhinha de louro pra não pegar traça. E assim, é uma loucura entrar naquele quarto. Quem entra. Como eu vou encontrar alguma coisa. Quem trabalhou ali, acha. Porque nós tirávamos, depois que meu filho foi pra lá. Nós tirávamos uma parte, levávamos pra sala organizava e volta pra lá. Então quem organizou sabe onde está cada coisa. Mas quem chega assim, que bagunça.

Jeanice – O apartamento não tá com a biblioteca.

Nayara – Não, tá tudo lá. Só que o que tinha repetido é que foi uma parte pra Osório. Tem horrores, assim. Material muito rico e que eu não quero guardar entre quatro paredes. Porque que eu vou: não é meu. Ninguém vai olhar, ninguém.

Elenir – De repente um acervo na UFRGS, algum local.

Nayara – Tenho certeza que ele não guardou pra isso. Quem conheceu, quem precisou fazer alguma pesquisa lá, sabe como ele era.

Jeanice – Eu já fiz.

Nayara – Com todo carinho. Fazia cafezinho. Só não deixava levar. Não, pesquisa aqui. Eu tiro um xerox pra ti, mas não leva. Era assim. E eu não vi interesse público, municipal.

Elenir – E nem na UFRGS. Até esses dias eu tava comentando com alguém.

Nayara – E ai, que que eu resolvi. Não continuar ali guardado em quatro paredes. Arriscando poeira e tal. E cada vez que eu preciso, por exemplo hoje, esse material tava lá em casa porque eu já tinha separado. Tava começando a organizar em pastas.

Elenir – Trouxe fotos?

Nayara – Trouxe algumas fotos sim.

Elenir – Então vamos ver.

Nayara – Do grupo em si tem poucas. Tem essa tradicional.

Elenir – E o jornal Exemplo que fim levou?

Nayara – Um Exemplo tá lá. Ulbra fez um.

Elenir – Copilou?

Nayara – É, sabe botou num HD. Quem tem esse material, claro que o original tá comigo, o professor Roberto. O primeiro 20.

Elenir – Foto né?

Nayara – Aí eu vou te dar.

Elenir – E essa foto aqui?

Jeanice – Que legal isso aqui.

Nayara – Vocês podem fotografar.

ANEXO 9

Vera Lopes

Formação: Formada em Direito e atriz

Fez parte da Revista Tição e do Grupo Yadudu e Maria Mulher

Elenir – Oi, Vera, eu gostaria que tu, essa conversa é para um trabalho de dissertação de mestrado na UFRGS e eu gostaria de fazer algumas perguntinhas. Gostaria que tu falasse um pouco da tua trajetória de vida dentro da militância, da tua militância como mulher negra e também se este contato que tu teve com Palmares, tu conheceu o grupo Palmares.

Vera – Eu conheci o pessoal do movimento negro no final dos anos 70. Eu fazia teatro eu estava fazendo um curso de teatro no SESC e o professor do curso era o Décio Antunes, o diretor. E aí, esse curso foi um curso de um semestre. E no final do curso a gente ia montar um espetáculo. E eu sabia que tinha ido super bem no curso. A gente fazia muitos exercícios. E quando foi escolhido o espetáculo que a gente ia montar era um espetáculo com doze personagens eu não ganhei nenhum personagem. E aí, tá. Num primeiro momento eu aceitei. E tava trabalhando lá na parte de cenografia, figurino, essas coisas. Alguma outra parte que não era a cena. Não estaria em cena. Não estaria representando nenhum personagem. Quando a gente já tinha começado o ensaio, a menina atriz que iria fazer a mãe do espetáculo, desistiu. E quando ela desistiu, eu tinha certeza absoluta que eu seria chamada para substituir. E eu sabia que eu tinha todas as condições para substituir menina que tinha sido chamada, tinha desistido. Aí o Décio marcou uma reunião conosco no próximo ensaio pra decidir o que que ia ser feito, né. Aí nesse novo encontro o Décio chega com um novo espetáculo. E fala por conta da menina ter desistido nós não continuaríamos mais com aquele espetáculo e íamos fazer uma outra peça. Essa outra peça três personagens. Eu fiquei extremamente decepcionada. Fui pra casa, chorei a noite inteira. No outro dia levantei e fui direto lá no SESC falar com o Décio. Aí eu falei pra ele. Tu sabe eu sei que tenho todas as condições de substituir, por que que tu não me escolheu? Aí, ele me disse que não tinha como colocar uma mulher negra pra fazer a personagem de mãe. Aí a gente começou a conversar sobre isso, conversar sobre racismo. E eu disse pra ele, antes dele dizer isso, eu sabia que ele não tinha me escolhido porque eu era negra. E aí ele veio com essa desculpa. Que não tinha como eu fazer aquela personagem. Mas também ele disse que era interessante eu conhecer um grupo que estava começando a se reunir em Porto Alegre, que estavam discutindo a edição de uma revista, que era a revista Tição. E aí o Décio me colocou em contato com o pessoal da Tição. Então foi

desta forma que eu conheci a Tição. Foi dessa forma que eu conheci o Oliveira Silveira, que era um dos militantes da revista, integrantes da revista. Conheci a Vera Dayse e outras pessoas que faziam parte da revista Tição. A Vera Dayse foi a primeira que me recebeu na Tição. Foi a pessoa que passou a ser uma tradutora do que aconteceu. Eu entrava nas reuniões muda e saía calada. E não entendia um monte de coisas. E aí a Vera Dayse ia me explicando o que tinha sido discutido, que era que estava se discutindo. E eu comecei a entender um pouco o que estava acontecendo também com a ajuda do Oliveira Silveira e o Valter Carneiro, que foram pessoas fantásticas nesse início. E eu nessa época, o pessoal da Palmares, não lembro que ainda se reuniam. Mas eu não cheguei a participar de nenhuma reunião do Palmares. Eu comecei a conhecer as pessoas, conheci o Oliveira, conheci a Marisa, a Marisa Carolino. Conheci a Helena que depois também passou a fazer parte da Tição e fazer parte da revista. Enfim, fui conhecendo muitas pessoas que eram integrantes ou tinham sido integrantes do grupo Palmares, mas eu ao cheguei a militar convivi com as pessoas dentro da Tição e outros lugares.

Elenir – Que ano foi isso?

Vera – Isso foi em 78. 1978, foi quando eu entrei. Foi quando estava saindo o primeiro número da Tição. Então eu entrei já nesse momento que estava saindo o primeiro número. A Tição teve dois números enquanto revista. E depois mais um número como jornal. Então eu participei das duas edições da revista. Da primeira já na saída, né. Quando estava saindo. E da segunda sim. Da segunda vez, sim, dede o início. Participei de todas as reuniões, enfim, tudo que envolvi a revista Tição

Elenir – Então antes desse período, desse contato, desses integrantes, tu ainda não tinha essa noção de negritude, luta antirracista ou a tua família te dava algum.

Vera – Não, nesse sentido mais político, nesse sentido de verbalizar a nossa luta com relação às questões raciais, eu não tinha. Mas, o saber ser negro, eu sempre soube. E a minha família também sempre soube. Sou de uma família negra, uma família pobre, uma família numerosa, do interior do Estado, que veio para Porto Alegre. Então, as mulheres da minha família todas iniciaram a sua vida profissional trabalhando como domésticas. Todas. E a minha vó costumava, comigo não foi diferente. O meu primeiro emprego também foi como doméstica. E a minha vó dizer pra gente assim: vocês vão ser sempre testados. Sempre. Então negro é sempre testado o tempo inteiro. Então essa noção que a gente era negro. De que a gente vivia numa sociedade racista. De que ia ser testado, isso a gente sempre soube desde pequeno. Só que não era, não se tinha uma discussão mais aprofundada, mais politizada com relação às

diferenças raciais existentes na nossa sociedade. Mas o pertencimento a gente sempre soube. Na minha casa nunca teve dúvida assim. Mesmo, eu sou filha. Na minha família, o meu avô é uma pessoa de pele muito escura. A minha vó costumava dizer que a minha bisavó era negra mina. Então meu vô é negro de pele muito escura. Minha vó já era filha de índios e negros. Então a minha vó já tinha uma pele um pouco mais clara. E eu fui criada pelos meus avós porque minha mãe morreu eu era muito pequena. Minha mãe morreu eu tinha cinco anos. Então quem me criou foram meus avós paternos. Os pais do meu pai. E eu não tive muito contato com a família da minha mãe. Mas eu sei que por parte da minha mãe, fiquei sabendo bem depois. A minha vó materna era branca, portuguesa, veio de Portugal pra cá. E o meu avô materno era castelhano. Não conheci nem minha, nem meu avô materno. Então a minha mãe era uma pessoa de pele clara. E era negra de pele clara. E minhas tias e primos do lado da minha mãe são pessoas também de pele mais clara. Mas dentro, como eu tive pouco contato com esse lado, do lado materno, da minha família materna. Meu contato maior foi com minha família paterna que foi com quem eu fui criada. Então com relação a essa família, nunca teve nenhum por nenhum momento dúvidas da sua condição de negritude.

Elenir – E a questão do feminismo, da questão das mulheres. Isso aqui, que momento da tua vida tu começaste a lutar essas questões feministas?

Vera – Então isso é outra coisa que é marca na minha família. Mesmo nunca se tendo discutido o feminismo dentro de casa. Essa é uma marca da minha família. Minha vó sempre trabalhou. Sempre. Eu conheci minha vó trabalhando fora. Minha vó sempre trabalhou fora. Minhas tias sempre trabalharam. Minhas tias sempre buscaram sua independência financeira. Na minha casa a minha vó, a minha vó e meu vô tiveram oito filhos. Três mulheres e cinco homens. As mulheres da minha família, da minha casa. Elas foram as que não casaram ou que se casaram depois de terem se estabelecido financeiramente. Os homens todos casaram lá com as suas esposas. Casaram dentro dos ritos que estão aí. Casamento civil, católico, festa, tudo bonitinho. Minha tia mais velha, irmã do meu pai, teve um filho ainda antes de casar, que era um horror. Que era um horror pra época. E a partir daí ela teve que tomar conta da vida dela. Ela foi trabalhar. Tomar conta da vida dela e depois criar uma nova família. Casou mais tarde teve outros filhos. A minha outra tia, do meio, foi a que primeiro entrou na universidade lá em casa. Ela entrou na universidade em 1970, jovenzinha. Fez Educação Física. E a outra tia também. Só, dos oito filhos da minha vó, só as mulheres fizeram curso superior. E eu que venho no rastro delas, que a diferença de idade é muito pouca pras minhas tias. Da minha tia mais próxima a gente tem diferença só de cinco anos. Então é muito pouco. Eu fui a primeira

de nós a morar fora do Estado. Eu fui a primeira a sair de casa. Eu comecei a trabalhar com 13 anos. Com 13 anos eu já trabalhava. Eu fui a primeira a sair de casa. Eu fui a primeira a morar fora de casa, a morar fora do Estado. Então, mesmo que a gente não tivesse a discussão feminista. A gente tinha um posicionamento feminista dentro de casa. Então, essa luta por independência. Essa luta por não se deixar dominar. Nenhuma das mulheres da minha família são mulheres submissas. Não tem mulher submissa. Nós somos de gênio muito forte. Então eu acho que isso esteve sempre presente. Depois, quando já estava na militância negra, que aí a gente começa a discutir de uma forma mais politizada a questão da mulher. E da mulher dentro da sociedade, da mulher dentro dos movimentos negros. E aí a gente percebe que mesmo dentro do movimento negro é necessário que se tenha uma discussão mais específica sobre a condição da mulher nesses movimentos. E aí nasce em Porto Alegre um grupo formado por mulheres. Por quê? Um grupo formado por mulheres negras. Porque essas mulheres negras percebiam que nem dentro do movimento negro e nem dentro do movimento feminista, as questões que nos diziam respeito, mais especificamente eram abordadas. Então nos anos 80 nasce em Porto Alegre o Maria Mulher. Formado por um grupo de mulheres que vinham da militância dentro do movimento negro. E aí o Maria Mulher já vem com uma discussão mais aprofundada. Questionando o papel da mulher negra na sociedade. Diante dos grupos formados pelo movimento negro, formado majoritariamente por homens. E o movimento feminista que de uma forma geral que não dava conta das discussões das mulheres negras

Elenir – Quanto à poesia. Eu gostaria depois que tu declamasse uma poesia, que mais representasse a tua essência feminista, feminina na obra de Oliveira. Mas antes eu gostaria de falar assim, como tu vê o Oliveira, que foi teu amigo a vida toda. Militaram junto. Como tu vê ele assim uma pessoa que fez a diferença na sua época. E que até hoje a gente vê no Sopapo Poético, um espaço de resistência, de política. Então tu vê essa poesia dele, essa poesia como um espaço de fazer política?

Vera – A poesia sempre esteve presente dentro do meu espaço, digamos assim, de militância. Porque quando eu conheci o Oliveira. Conheci o poeta Oliveira, na revista *Tição*. Isso lá no ano de 1978 que eu conheci o Oliveira. Aí conheci o Oliveira. Quando eu conheci o Oliveira, eu conheci uma gama de outros poetas, que eram amigos do Oliveira e que foram de alguma forma se aproximando. Então o Oliveira organizava umas rodas de poesia no Mercado Público. E aí a gente ia aos sábados de tarde no Mercado Público e fazia uma roda de poesia. Nessa roda tinha música criada pelo Oliveira. E gente teve contato com uma gama enorme de

poetas. Porque aí o Oliveira trazia o que ele tinha e outras pessoas iam se aproximando. Nessa época também no final dos nos 70 eu conheci o Paulo Ricardo, pai dos meus filhos também poeta. Então de alguma forma eu fiquei muito próxima de poetas e da poesia em si. E a poesia começou a fazer parte da minha vida. Eu sou uma pessoa que eu gosto muito de falar poesia. E aí fui conhecendo pessoas encantadoras apresentadas na grande maioria por Oliveira Silveira. Com o Oliveira eu conheci Conceição Evaristo. Com o Oliveira eu conheci o Puti. Fiquei próxima do Puti. Com o Oliveira eu fui conhecendo muita gente, muita gente. Poetas daqui. Batista. O, oh meu deus, faltou o nome dele agora. Enfim, outros poetas daqui que

Elenir – ?????

Vera – Não, tinha outros meninos daqui que escreviam. Poxa, me faltou o nome do grui. Eu gosto imensamente dele. Mas, enfim a gente se reunia aos sábados de tarde. E a gente lia. Ou quem escrevia levava os seus poemas. Ou quem não escrevia, que é o meu caso, ficava pesquisando, ficava lendo para poder apresentar nos sábados, que era o que a gente fazia. Eu sempre fui, desde que eu conheci o Oliveira, eu fiquei muito próxima do Oliveira. Próxima. O Oliveira era uma pessoa com quem eu brigava muito também. Ele era muito calmo, o Oliveira não era uma pessoa impulsiva. Eu sou impulsiva. O Oliveira demorava pra tomar uma decisão. Mas ele era profundamente e cirúrgico. Ele ia no ponto. Ele ia no ponto exato, como é a poesia dele. Eu lembro que uma vez, dentro destas questões feministas, tem um poema do Oliveira que ele usava o termo homem como significado de [???]. E aí, eu comecei a ler o poema e eu colocava homem e mulher. E o Oliveira pegou e disse que quando eu usava esse termo homem e mulher eu fugia da métrica do poema. Porque o poema tem uma métrica e ele não tinha escrito daquela forma. Eu tava fugindo da métrica. aí eu falei, mas eu não vou mais falar esse poema só falando homem. Aí, ele disse também desta forma não dá pra falar. Então ta, o poema é teu eu não vou mais falar o teu poema. Fica com o teu poema, que eu não falo mais. Aí passou um tempo. Aí o Oliveira vem, depois de um longo tempo, e me entrega o poema refeito. Ele muda aquela frase, coloca dentro da métrica. E escreve em baixo. Por sugestão da atriz Vera Lopes o poema foi alterado em tal em tal dado. Muito depois, muito depois é que eu fui entender o tamanho da minha arrogância. Quando a gente é jovem a gente é muito arrogante. E o Oliveira extremamente generoso.

Elenir – Tu incluiu as mulheres de uma forma ou de outra.

Vera – E ele assim uma pessoa generosa. Ele não precisava fazer isso. tá lá o poema é dele. Ele tinha escrito. Pra ver assim a grandeza.

Elenir – E aberto a mudanças

Vera – Isso. E sem fugir ao que era o fazer dele. Que era escrita, ao que ele respeitava. Ele foi lá, foi pesquisar. De achar a forma correta de alterar o poema.

Elenir – E tu lembra desse poema?

Vera – O poema é o Quilombo, mas eu não lembro. Eu não to com ele aqui agora com a alteração. Mas o nome do poema é Quilombo. É um poema que o Simar fala. Porque eu e o Sirmar depois de um tempo passamos a fazer duo assim com a obra do Oliveira. Nós dois apresentamos diversos espetáculos só baseado na obra do Oliveira. E o Sirmar e esse poema Quilombo é um poema que o Sirmar fazia. Eu to com o livro aqui procurando pra ver se eu acho o poema do livro. Não tô encontrando. Mas esse livro do Oliveira, é um livro que eu recorro sempre.

Elenir – Eu uso esse e o “Banzo, saudade negra”, que é mais daquela época.

Vera – Eu recorro, de vez em quando eu to meio assim, eu vou lá, pego o livro e leio. Toda vez, toda santa vez, que eu leio o livro do Oliveira, eu encontro coisas diferentes. Eu nunca li esse livro sem encontrar algo diferente. Então, se me perguntar assim, um poema. Tem muitos poemas do Oliveira que me atravessam. Muitos, muitos, muitos. Muitos poemas do Oliveira que eu gosto de dizer. E eles são assim diferentes.

Elenir – E o viés tradicionalista, como é que tu vê? Esse viés tradicionalista?

Vera – Fazia parte da vida dele. Ele era assim. Ele é do interior. Ele é de Rosário. Ele foi criado na estância. Ele foi criado com cavalo. Criando cavalo, criando gado. Isso fazia parte da vida dele. Ele não abriu mão do que fazia parte da vida dele. Ele não abriu mão da negritude dele. Ele não abriu mão do tradicionalismo. Ele botava bombacha. Ele tocava gaita. Ele gostava de tocar gaita. Ele gostava de compor milongas. Então, porque isso fazia parte da vida dele. E eu acho que isso é uma coisa interessante demais da gente reconhecer e da gente respeitar o que ele trazia. O Oliveira era e é uma pessoa fantástica. Acho que é uma pessoa que merece um estudo mais aprofundado. A contribuição do Oliveira pra nós, pessoas negras, é inestimável.

Elenir – Mas agora tem sido recorrente a procura porque esses jovens entrando na UFRGS, eles querem saber da sua história. Eles querem os temas negros. Então eles estão descobrindo Oliveira. Estão descobrindo essa nossa.

Vera – Então Oliveira faz parte do grupo que pesquisou o 20 de novembro. Então esses jovens que eram do grupo Palmares, quando resolvem que o 13 de maio não contempla e vão buscar uma outra data. Eles não fizeram isso pra jogar para o Brasil. Eles não fizeram isso pensando em 40 anos o Brasil inteiro iria comemorar o 20. Eles fizeram porque acreditavam

que aquela data não contemplava e que existia dentro da nossa realidade de pessoas negras, outras datas e outros motivos para serem comemorados. Eu acho que isso faz a diferença. Isso é a diferença, quando a gente acredita que existem outras possibilidades. E se a gente acredita e se isso é verdade. E é verdade. A gente pesquisa. Vai e faz porque é verdade. Outras pessoas reconhecem essa verdade. E tanto é que o 20 de novembro é uma data nacional. Mesmo que não seja feriado nacional. É uma data nacional que para as pessoas negras têm uma importância muito grande. Agora o que me deixa extremamente triste, por exemplo, eu estava num 20 de novembro, lá em Salvador, no bairro da Liberdade, onde é comemorado, um grande número de pessoas e eu escuto uma pessoa negra dizer que o 20 de novembro nasceu lá. Então essa coisa da história, das nossas raízes elas precisam ser faladas. Elas precisam, é necessário.

Elenir – Tentaram levar para o centro do Brasil, uma coisa que nasceu aqui.

Vera – É necessário que o Brasil saiba. Porque a gente precisa fincar raízes. Gente precisa falar de Oliveira aqui. Mas precisa jogar para o resto do País. O resto do País tem que saber essa origem. E por enquanto isso está sendo responsabilidade nossa fazer isso. Isso quem me disse foi o Cute conversando com ele. Contanto esse fato. Eu disse que eu fiquei muito triste. E ele me disse que eu deveria pedido um aparte e ter tido não: o 20 de novembro nasceu no Rio Grande do Sul, fruto de uma pesquisa de jovens militantes do grupo Palmares, entre eles Oliveira Silveira. Que é a pessoa que vai jogar para o mundo o 20 de novembro. Né, jogar para rua o 20 de novembro. Então, essa é a importância do Oliveira. O Oliveira pra além do militante dessa pessoa superimportante pra nossa sociedade negra, branca brasileira, pra sociedade brasileira, era um amigo. Era um amigo pessoal, era uma pessoa com quem convivia, eu ia pra casa dele. Era uma pessoa que abria a biblioteca dele pra gente pesquisar. Muito pesquisei na casa do Oliveira. Muito, muito, muito.

Elenir – Eu também.

Vera – É né. Gente tem essa história. E com direito a café ainda.

Elenir – Correção de texto.

Vera – Correção de texto. E Xerox. E xerox, porque ele não dava os livros dele. aí sim tem muitos poemas do Oliveira que eu gosto muito. Tem um que ele fala: sinto às vezes que sou uma criança sem mãe. É um poema que eu adoro. Gosto muito. Passado bom eu gosto muito. E tem um outro. Porque com o Oliveira, tu pode falar os poemas dele de diferentes formas. Ele tem um poema que fala vai para o mar. Não tá nesse livro aqui, foi publicado num dos cadernos negros.

Elenir – tá no Banzo saudade negra. Eu ia trazer.

Vera – Ah eu tenho aqui.

Elenir – Deixa eu dar um pause aqui.

Vera – E aí é um poema que passou a integrar os meus espetáculos de poesia.

Elenir – Sim.

Vera – E aí, um dia ele estava no espetáculo. O Sirmar falava esse poema. E aí quando eu falei, o Oliveira me disse: gente, eu fiz esse poema para uma mulher, mas ficou tão bonito na tua voz. Eu fiquei muito feliz de ouvir isso.

Elenir – Ele fez para uma mulher.

Vera – Ele fez para uma mulher poema

Elenir – Eu achei que fosse para a África. Ta, mas isso tá lembrando uma mulher.

Vera – Não, ele fez pensando numa mulher. E até ousou dizer quem é a mulher para a qual ele fez. Mas não vou falar. Não vou falar. Ouso achar. Não tenho certeza.

Elenir – Depois da gravação

Vera – Não tenho certeza. Mas enfim, mas tem diversos poemas, diversos poemas. Tem, não, não. Tem um poema que é esse aqui. Eu vou falar esse aqui. E tem um outro dele. Vou falar dois. Que estão aqui no livro. Esse poema ele pede, ele diz, ele escreveu. Tá aqui escrito no livro. É o livro. Ele escreveu assim: para quando for ler esse poema, que é pra pensar ou escutar a música *Summertime*. *Summertime*. “É sinto às vezes que sou uma criança sem mãe. Que vai pelo mundo a procura de quê? De quem? Sinto às vezes que sou uma criança sem mãe. Que negro poderá dizer que nunca se sentiu uma criança sem mãe. Que pelo mundo vai. Que pelo mundo vai. Que negro poderá dizer que nunca se sentiu uma criança sem mãe. Que vai pelo mundo a procura de quê? De quem? Que negro poderá dizer que nunca se sentiu uma criança sem mãe, mesmo em África mãe. É, nenhum poderá dizer que nunca se sentiu uma criança sem mãe. Que vai pelo mundo a procura talvez da suave mão que chame, vem. Da doce voz que diga, fim. Sinto às vezes que sou uma criança sem mãe. É”.

Elenir – Muito bom.

Vera – É lindo isso né. Eu gosto muito desse poema. E tem outros poemas do Oliveira, que são fantásticos. Que falam desse Oliveira que a gente está falando aqui. “Sou duro. Duro. No fundo eu sou é duro, mas serei piedoso. Bendito leão que comeu o missionário. Sou duro. Eu sou é duro. Tenho minhas razões, mas serei caridoso. Bendito canibal que devorou a expedição. Eu tenho meus motivos. Por isso que sou duro. Mas serei generoso. Benditos vidros moídos nos bofes do senhor. Benditas lanças às balas de Zumbi, do Haiti. Há muito

tempo eu tenho os meus porquês. Ser duro. Sou duro. Mas serei bom e dócil. Benditos os [???]. O sangue fogaréu. Os rios afiados de Xangô. Para os que me fizeram. Sou duro. Eu sou é duro. Ter essas razões”.

Elenir – Tem que saber interpretar cada um.

Vera – Então quando a gente vai ler o Oliveira a gente tem tudo. Cada vez que a gente lê o Oliveira, a gente acha coisas maravilhosas. “Encontrei minhas raízes em velhos arquivos. Livros. Encontrei os malditos objetos. Troncos e grillhetas. Encontrei minhas origens no leste. No mar. Em muitos pandeiros. Encontrei em doces palavras. Cantos. Em furiosos tambores. Ritos. Encontrei minhas origens na cor da minha pele. Nos lanhos da minha alma. Em mim. Em minha gente escura. Em meus heróis altivos. Encontrei minhas origens. Enfim, me encontrei”.

Elenir – Ai, esse aí é lindo

Vera – E tem um outro.

Elenir – Esse aí é aquela coisa de tu estar atrás da tua história

Vera – Isso.

Elenir – Da tua ancestralidade. Da tua cultura.

Vera – E tu vai te encontrando num monte de coisas, né.

Elenir – Num monte de coisas.

Vera – E aí quando tu te encontra nessas coisas. Tu te encontra. Deixa eu ver aqui que tem um muito bom. É muito bom. Deixa eu ver. Tem a do 13 de maio. Que ele fala do 13 de maio. 13 de maio traição. Liberdade sem asa e fome sem pão. É fantástico. Deixa eu achar. Aquele menino é ótimo. Eu to te dizendo, cada vez que tu pega um livro, tu vai te achando. Tem muita coisa boa. Em muitos poemas de lêns que foram musicados. São muito bons também.

Elenir – É no sopapo é isso né.

Vera – É.

Elenir – São musicados.

Vera – É, porque o poema do Oliveira tem um ritmo.

Elenir – É, muito bonito musicado.

Vera – Quer ver. Esse aqui é muito bom. “Obrigado minha terra. Obrigado rios de São Pedro. Pelo peso da água em meu remo. Feitorias de linho cânhamo. Obrigado pelos lanhos. Obrigado loiro trigo pelo contraste comigo. Obrigado lavoura pelas vergas no meu couro. Obrigada charqueadas pelas minhas feridas salgadas. Te agradeço Rio Grande. O doce e o amargo pelos quais te fiz meu pago. E as fronteiras fraternas por onde encontrei outras terras.

Agradeço teu peso em meus ombros, músculos, braços e lombo. Por ser linha de frente no perigo. Lanceando teus inimigos. Muito obrigado pelo ditado. Negro em posição, é encrenca no galpão. Obrigado pelo preconceito com que até hoje me aceitas. Muito obrigado pela cor do emprego e não me das por ser negro. E pelo torto direito que me das pelos defeitos. Tens o lado bom também. Terra natal sempre tem. Agradeço de todo coração e sem nenhum perdão”.

Elenir – Bah.

Vera – Não é maravilhoso?

Elenir – Maravilhoso.

Vera – Oliveira é maravilhoso. E í a gente ficaria o dia aqui.

Elenir – É mesmo. Obrigada por esta entrevista muito boa. Vai ser útil para o trabalho.

ANEXO 10**Sandra Silveira****Formação: Doutora em Educação e professora de Ciências Sociais no Instituto Federal campus Gravataí.****Foi integrante do grupo Lima Barreto no GT MNU e Maria Mulher**

Elenir – Oi, Sandra Isso aqui é para pesquisa de mestrado. Militantes Mulheres no Grupo Palmares. Antes eu gostaria que tu te apresentasse o que tu faz atividades hoje em ONGs, alguma coisa pra gente conversar essa questão da mulher, né no Lima Barreto, que tu foste a única mulher. Pra falar um pouco sobre isso. Sobre mulheres.

Sandra – Bem, meu nome é, eu sou Sandra Silveira, sou mulher negra, ativista há mais de 40 anos do movimento negro e do movimento de mulheres. A minha formação acadêmica, eu sou doutora em Educação. Eu sou professora de Ciências Sociais no Instituto Federal aqui no Rio Grande do Sul, no campus de Gravataí. Esse processo de inserção da mulher negra aqui no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre, se deu, eu principalmente, fui participar do. Eu fui participar do grupão inicialmente por ocasião de formação do GT, que se transformou num dos GT do Movimento Negro Unificado. Foi bem no período de constituição em âmbito nacional do MNU. E aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, o Grupão. O grupo Palmares se constituiu na referência para o MNU nacional e por isso ele se transformou num GT do MNU.

Elenir – E quem fazia parte?

Sandra – Quem fazia parte do grupão era o Lua, Helena Machado, Oliveira Silveira, Luiza Santos, Ceres Santos, o Juarez, eu. Quem mais, quem fazia parte? O Melodia.

Elenir – A Marisa também?

Sandra – A Marisa. Marisão que a gente chamava.

Elenir – E a Antônia?

Sandra – Antônia, não. A Antônia participou do Tição. Antônia participou do Tição. Ela e a Marli. Que a Marli já estava em história do Brasil nessa época. E foi o período em que nós estávamos ainda vivendo o momento da saída da ditadura e entrando para o processo de redemocratização ou democratização das relações políticas e culturais do Brasil. E pra mim que era uma adolescente foi uma, fui convidada a participar do teatro negro, que tinha no Floresta Aurora. Eu fui conhecer a experiência. Eu estava muito angustiada com essa coisa de ser negra e não encontrar algum espaço para conversar sobre a minha. Sempre fui muito

inquieta. E aí espontaneamente por mim, um vizinho meu que participava do grupo me deu convite. Eu fui por minha conta e risco. Saí lá da zona norte fui lá para o Floresta que era ali em frente ao Cristal. E aí gostei da experiência, de ouvir, de falar. A poesia de Solano Trindade, que era uma poesia social.

Elenir – Que idade tinhas?

Sandra – 17 anos.

Elenir – Do Palmares tu participou?

Sandra – Não. E aí eu entrei já para o MNU. O GT Palmares, mas dentro do MNU. E aí depois eles me convidaram. Estava a Helena, estava esse pessoal, né. O Jaime. O Jaime fazia parte.

Elenir – Hum.

Sandra – Do grupo de teatro e me convidaram pra participar de uma reunião, que era nos altos do Mercado Público. E eu fui participar de uma reunião. Gostei assim. Me ambientei. Porque os nossos, né. O ambiente dos nossos, falando sobre as nossas questões. E tinha muito da formação. E era uma das preocupações. Cada nova, novo integrante tinha que acompanhar o nível da discussão. Então como é que se dava isto? Era fomentando debate, leitura. Então era assim, eu tive acesso a uma biblioteca que até então não, nunca no meu universo de existência que eu não tinha tido acesso. E eu me lembro como que nós estávamos nesse processo aí de uma abertura política, muitos dos livros, as capas não. Eram retiradas ou que não eram retiradas eram com revistas da moda. Assim de moda, roupinha, uma coisa. Então se colocava uma capa pra evitar que alguém fosse. Caso se a gente estivesse lendo no ônibus ou num espaço público, nós estávamos lendo uma revista, entende. E era interessante porque a gente tinha uma sistemática de leitura e discussão sobre aqueles conteúdos.

Elenir – E nesse grupão vocês discutiam as questões de gênero ou ainda não?

Sandra – Não. As questões de gênero não. Mas as questões de mulheres. Que é uma diferença. Porque era inegável a postura das mulheres e a postura dos homens negros. Por que que eu digo isso? Porque fazíamos parte enquanto integrantes. Porém, as nossas questões não eram vistas com um merecimento com um destaque nas pautas. Era quase que incluídas, mas não eram discutidas. E aquela condição, que muito foi explorada nas discussões do movimento negro. Se nós viéssemos com a discussão de gênero, nós estaríamos dividindo movimento negro. As nossas questões específicas, no entendimento de algumas lideranças, naquela conjuntura, favoreceria para a nossa divisão. E nos enfraqueceria, mas paralelo a isso, a gente vai identificando que por de trás tem exatamente um lugar para a mulher negra de

subalternidade, de invisibilidade. Isso se dava por quê? As escolhas das direções, nos GTs, sempre nós ficávamos com funções sociais. Secretária, coordenadora do setor social. Nunca éramos cogitadas para ocupar cargos de diretora, de direção, presidente, não. E fora que quando íamos para os debates em nível nacional, era incluído o debate, era incluído na pauta. Porém, era sempre o ponto de pauta relegado, se tivesse tempo seria discutido. Como a maioria das vezes não havia tempo, não era discutido. Mesmo considerando se fores olhar o programa de criação do MNU tem lá um destaque para a mulher negra. Porque nesse período tinha lideranças negras feministas que faziam parte da fundação do MNU, como Lelia Gonzaga, Luiza Bairros. Então elas incluíram no programa. Mas isso não quer, do ponto de vista formal, mas o cotidiano real, de fato. Esse era um tema muito pouco discutido no conjunto, né. Tanto local, como regional, como nacional, era muito pouco. E começa a dar uma certa insatisfação nas mulheres com isso, entendeu? E fora as relações. As relações afetivas que são muitas carregadas com uma relação de desigualdade de gênero. Aí perpassa pela questão de gênero e raça. Relações afetivas com mulheres brancas. Renegando, inclusive, a beleza da mulher negra. Aí o MNU lançou uma campanha "beije sua negra em praça pública", que era uma forma de afirmação da beleza da mulher e do envolvimento e do compromisso político que o homem negro tinha com ela. E foram várias outras sendo promovidas com esse intuito mesmo, entende? Bom, vai indo, nós já começamos na década de, mais da metade da década de 1980 a ter acesso as escritas de autoras como Lelia Gonzaga, Beatriz Nascimento, Luisa Bairros e autoras norte-americanas que estavam na maioria traduzidos em espanhol. E a gente começa a ler esses artigos dessas autoras e começa a perceber que o que estava nos inquietando enquanto Brasil, também perpassava por elas, né. E paralelo a isso, alguns países em África começam com o seu processo de libertação, os seus colonizadores. Então culmina com uma certa, um ambiente nacional, um cenário nacional favorável para esse tensionamento. Se nós não nos rebelássemos a ponto de garantir a visibilidade nossa enquanto questão a ser apropriada paralela à questão do racismo, nós não seríamos contempladas em nenhuma sociedade antirracista. Por quê? Porque não estava no conjunto das discussões em nenhum momento a própria formação da mulher negra. Pra se ver enquanto gênero, relação de desigualdade, como é que o racismo também culmina, articula gênero, raça e classe. Então era quase que uma, que a gente dizia na nossa discussão. Era quase um ser humano que tivesse três pernas. Pra ele andar, pra ele avançar, ele tinha que essas três pernas estar funcionando.

Elenir – Interseccionalidade

Sandra – Que aí, depois vem a Kimberly trazer teoricamente a interseccionalidade, ou seja, é impossível numa sociedade onde esses ismos estão imbricados na Constituição, estrutura da sociedade como racismo, machismo e a relação de classe, não se trabalhar conjuntamente os dois. Se não se trabalhar realmente, não se rompe esse ciclo da desigualdade. Então nós começamos nossos questionamentos tem fundamentos. Tem alguém pensando dessa forma, e é aí que a gente começa realmente a se propor. E nisso, né, já participei de sindicato. Na época eu fui do sindicato. Eu também tenho formação, sou assistente social. E na época eu estava na direção do nosso sindicato. E pelo sindicato a gente começa a ter contato com várias outras mulheres negras fora deste contexto. Mas,

Elenir – Essa época, anos 1980?

Sandra – É, depois. Porque depois que dá origem ao Maria Mulher. E nisso já estava uma confluência de conflito entre o grupão e um grupo dentro do grupão. Que aí eu fazia parte disto. E aí, nós nos reunimos e fomos, e optamos por criar um outro GT. Que se chamava Grupo de Trabalho Lima Barreto, em homenagem a Lima Barreto. E no qual esse grupo, esse GT era caracterizado eminentemente por homens. Por quê? Aí tinha questão de classe pra mim. E estava na faculdade e eu queria, sentia essa necessidade também dentro das comunidades. Não podia nós nos reunir só em cima do Mercado ou dentro das nossas casas e não sentindo, não observando que as coisas estão acontecendo com a nossa comunidade. E essa proposta GT Lima Barreto vinha ao encontro disso.

Elenir – Tá, e o grupão, era Helena.

Sandra – Aí depois foi reduzindo.

Elenir – Aí ficou o pessoal do Palmares.

Sandra – Entrou o Melô. O Melô. Marisão no início participou, depois não participou mais. A Helena, o Oliveira, antiga companheira do Melô.

Elenir – Depois que elas saíram desse grupão, tu não sabe pra onde elas foram.

Sandra – Não, quando elas foram.

Elenir – XXX

Sandra – Não, quando nós, nosso grupo saiu. Estremeceu. Porque nós saímos com 18 pessoas. Então nós tínhamos uma força muito grande o Lima Barreto.

Elenir – E o Lima Barreto, eu estava lendo uma tese de uma menina, eles estavam pensando em raças e territórios.

Sandra – Raça e classe.

Elenir – Tinha um que esse outro que era raça e classe e raça e território, não?

Sandra – No nosso caso fomos para a teoria podia ser territorialidade, porque por conta que saia do eixo central e ia para as comunidades.

Elenir – Ah, que é o Lima Barreto?

Sandra – Lima Barreto.

Elenir – Por que teve um grupo que era raça e classe e penso que é esse que se meteu em política?

Sandra – Em partidos? Porque o Lima tinha todos os partidos, tinha gente do PMDB, PCdoB, PDT, PT, todos os partidos.

Elenir – Ah tá, depois quando terminou esse grupo, não foram pra partidos alguns?

Sandra – Não, ao contrário, as pessoas que estavam nos partidos vieram para o Lima Barreto.

Elenir – Porque os partidos já estavam

Sandra – Partidos já tinham os núcleos de negros, PT, mutirão do PDT.

Elenir – Ah, tá, ele era bem mais político?

Sandra – Muito político, muito político. Só que aí, nós convivíamos por que o quê? Nosso entendimento, a questão racial estava superbatida também. Então assim independente do que tu tinha. Não de direita, mas principalmente partido político que se supunha de centro-esquerda. Não eram partidos que supostamente que poderia ser o que o objeto de nossa intervenção. Não, ele tinha que servir aos nossos objetivos, claro que.

Elenir – Tem aquela política partidária. Aquela política que quer conscientizar.

Sandra – Claro que os partidos começaram a querer

Elenir – Se aproveitar.

Sandra – E e aí foi quando. Aí tinha gente que queria usar o Lima Barreto pra fortalecer-se dentro dos seus partidos e teve o tensionamento mesmo e nisso eu já estava meio que me articulando com as gurias. Nós já tínhamos nossos encontros e tal.

Elenir – Mas falta tu, Helena.

Sandra – Aí a Helena foi pra área cultural, fundou o Coisa Preta.

Elenir – É.

Sandra – Aí nós formamos. Tivemos uma reunião. E a gente propôs. A gente se encontrou. A gente estava sempre porque isso era uma.

Elenir – Redes.

Sandra – Uma rede de pessoas, né. E, porque lá a Carminha fazia trança e ela usava trança. As gurias usavam. Então a gente tinha uns polos.

Elenir – Isso em 1980. Maria nasceu em 1987.

Sandra – Em 1985, 1986, nós já estávamos nos

Elenir – E a primeira organização foi a Maria?

Sandra – Foi a Maria. E aí chegou um determinado momento que estava maduro. Eu me desliguei no Lima Barreto e a gente propôs: vamos fundar.

Elenir – Tá e lá dentro do Lima como era a tua. Só tu de mulher?

Sandra – Bom, resultou na minha, com um casamento que se foi. Meu companheiro atual na época disse.

Elenir – Havia respeito, tudo?

Sandra – Não, eles me respeitavam, porque me consideravam a minha capacidade intelectual boa pra contribuir. Mas, assim, quase que tu fica isolada, entendeu. Nós precisamos e queremos ela. Então ninguém mexe, mas também ninguém interage. Porque se mexer pode ser que ela vá embora e nos abandone. Então é importante ter uma figura, entendeu? Então era uma.

Elenir – Uma cota?

Sandra – Uma cota. Quase como uma. Uma cotinha, assim. Cotinha deles. A cotinha feminina. E aí, claro, que isso me incomodava muito. Muito, e aí teve questões pessoais nesse processo. E eu era muito ativa mesmo. Né, eu sempre muito ativa assim e atuava. E fazia os trabalhos na comunidade. Ia, fazia tudo. Tanto que eu conheci movimento social comunitário.

Elenir – Oh, Sandrinha que eu ia te falar. Lá no MNU, lá, quando vocês foram.

Sandra – Hum.

Elenir – Foram para Minas Gerais, ou São Paulo, né

Sandra – São Paulo.

Elenir – São Paulo? Ah, tá. Foi lá que vocês. Deu racha. Se deram lá.

Sandra – Lá, a gente já estava rachada. Nós já estávamos rachadas.

Elenir – Ah.

Sandra – O GT, grupão e o Lima Barreto. E o Lima Barreto.

Elenir – E a questão feminina?

Sandra – Não, teve outra.

Elenir – Vocês sentiam dificuldades?

Sandra – Enquanto regional negros e mulheres.

Elenir – Teve mais?

Sandra – Teve mais, 43 anos imagina. Depois o movimento negro se constituiu em regionalmente. É muito caro pra gente. Os congressos do MNU era nós que pagávamos.

Elenir – Sim.

Sandra – E era caro. E ninguém tinha dinheiro. Então a gente, é o que eu disse, quem estava com o nome limpo, comprava passagem e depois a gente ia pagando ao longo do ano. Então, senti a necessidade da gente ter mais próxima a nossa reunião. Então o que que foi feito? Se dividiu região sul, sudeste. Região centro-oeste, norte. Nordeste e norte. Pra fomentar pra que esses grupos pudessem se reunir com mais frequência. Independente da reunião nacional.

Elenir – Como é.

Sandra – Aí, nos encontros regionais, que aí um desses que a gente foi. O Chicão também participava do GT Lima Barreto, o Gustavo do MDB. Nesse encontro regional eu já havia. O casamento foi para o brejo, né. O companheiro vai ter que escolher entre eu e o movimento. Já a nossa relação não estava boa. Então acho melhor tu ires embora.

Elenir – Escolheu o movimento.

Sandra – E aí eu estou participando do GT. E aí que eu começo, não está legal. Não está legal. Nós fomos, tivemos uma presença boa na plenária e tal. E aí a gente começa a se questionar. Por que, quê? E as gurias também no Lima Barreto muitas delas iam e saiam. Por exemplo, a Shirlei esteve no Lima Barreto. Mas as gurias não seguravam, era muita pressão. Muita pressão. A Juraci esteve também, não segurou. Então era uma coisa assim, as gurias entravam e saiam. Quem permaneceu até o final fui eu. E aí, assim. Até que a gente, pah. Ok, independente da gente estar, nós vamos continuar nos reunindo fora. Foi que a gente começou a fomentar isso. Foi aí que a gente disse, já estava mais amadurecido. Vamos convidar mais algumas companheiras. E fizemos a primeira reunião lá em casa.

Elenir – Bah, que show.

Sandra – Primeira reunião lá em casa. Foi a Débora, foi a Eraci, a Shirlei, a Carminha, Pepe, eu, a Cleusa Prates.

Elenir – A Ceres tava?

Sandra – Não, a Ceres já não morava mais aqui. A Ceres morava em Santa Catarina.

Elenir – Última perguntinha só, por exemplo, tu acha que essa divisão entre. Porque nota-se que nesta época o que predominava era o racial. A luta era junta entre mulher e de homem. Eram gente naquele contexto.

Sandra – Sim, sim.

Elenir – E depois com o tempo o contexto, como tu mesmo fala, proporcionou diversos grupos e tal. E temas proporcionou essa politização do gênero, né?

Sandra – Aham.

Elenir – Que as mulheres começam a se reunir. Tu acha que isso pode ter enfraquecido o movimento, ou não?

Sandra – Pelo contrário. Pelo contrário, porque quando vêm mulheres mais fortalecidas para o movimento negro, a luta se torna além de mais equitativa, elas se tornam mulheres mais autoidentificadas, mais fortalecidas.

Elenir – Porque elas não abandonaram o movimento.

Sandra – Não.

Elenir – Só fez os seus grupos pra se fortalecer.

Sandra – E também percebeu que queria garantir a sua visibilidade no cenário, pelo contrário. Porque uma coisa é tu ir pra dentro de um grupo, tu saber que é mulher. A outra coisa é tu ter consciência de que tu é mulher e está numa relação de desigualdade nas relações e não saber como enfrentar isso. Fortalecimento é ao contrário, a gente se identifica e começa a desenvolver estratégias pra enfrentar isso, e inclusive se a gente tiver que enfrentar todos companheiros negros a gente. Mas o eixo raça e gênero sempre estão caminhando juntos.

Elenir – Bah, muito obrigada. Adorei conversar contigo.

Sandra – Estou a sua disposição.

Elenir – Tá, Sandra.

ANEXO 11



Fonte: Jornal do Brasil (13 maio 1973).



Margarida Martilhana Ramos.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Vera Lopes atriz, foi integrante do Tição e Maria Mulher
 Fonte: Vera Lopes.

OBSERVAÇÕES IMPRIMIDAS

1. CONSULTA O MANUAL DO CONTRIBUÍVEL C. G. C. AO PRESENTAR ESTA FICHA.
 2. PRESSIONA A MÁQUINA EM 30 SEGUNDAS POR ESTABELECIMENTO LEGAL.
 3. NÃO PRESSIONA OS QUADROS DE USO DA MÁQUINA.
 4. TRABALHE EM AMBIENTE DE CALOR DE QUE NÃO TENHA AQUECIMENTO.
 5. APRESENTE TODAS AS VAGAS EM BRANCO DA FICHA DA JURISDIÇÃO DO ESTABELECIMENTO.
 6. PRESSIONA OS QUADROS INFERIORES EM SEQUÊNCIA, SEM DEIXAR ESPAÇO ENTRE OS QUADROS, A NÃO SER O QUADRO DO PRAZO.

* ESTA FICHA, QUANDO AUTENTICADA, SUBSTITUI O CARTÃO C. G. C. PELO PRAZO DE 90 (NOVENTA) DIAS, CONTADOS DA DATA DE RECEÇÃO (QUADRO 14) OU DA ÚLTIMA DATA DE REVALIDAÇÃO APOSTA NO VERSO.

| | | | |
|---|---|----------------------------|---|
| 03 INFORMAÇÕES GERAIS | | 04 INFORMAÇÕES FINANCEIRAS | |
| 03.01 REGIME ANTICIPAÇÃO NO C.A.C.? | 03.02 QUALIFICAÇÃO DE BASE NA BASE DE ESTABELECIMENTO | 04.01 PRESSIONA O CARTÃO | 04.02 DATA DE RECEÇÃO |
| 03.03 NOME DO REGIME ANTERIOR NO C.A.C. | 03.04 RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS | 04.03 NATUREZA JURÍDICA | 04.04 ATIVIDADE PRINCIPAL DO ESTABELECIMENTO-SEDE |
| 03.05 | 03.06 | 04.05 | 04.06 |
| 03.07 | 03.08 | 04.07 | 04.08 |
| 03.09 | 03.10 | 04.09 | 04.10 |
| 03.11 | 03.12 | 04.11 | 04.12 |
| 03.13 | 03.14 | 04.13 | 04.14 |
| 03.15 | 03.16 | 04.15 | 04.16 |
| 03.17 | 03.18 | 04.17 | 04.18 |
| 03.19 | 03.20 | 04.19 | 04.20 |
| 03.21 | 03.22 | 04.21 | 04.22 |
| 03.23 | 03.24 | 04.23 | 04.24 |
| 03.25 | 03.26 | 04.25 | 04.26 |
| 03.27 | 03.28 | 04.27 | 04.28 |
| 03.29 | 03.30 | 04.29 | 04.30 |
| 03.31 | 03.32 | 04.31 | 04.32 |
| 03.33 | 03.34 | 04.33 | 04.34 |
| 03.35 | 03.36 | 04.35 | 04.36 |
| 03.37 | 03.38 | 04.37 | 04.38 |
| 03.39 | 03.40 | 04.39 | 04.40 |
| 03.41 | 03.42 | 04.41 | 04.42 |
| 03.43 | 03.44 | 04.43 | 04.44 |
| 03.45 | 03.46 | 04.45 | 04.46 |
| 03.47 | 03.48 | 04.47 | 04.48 |
| 03.49 | 03.50 | 04.49 | 04.50 |
| 03.51 | 03.52 | 04.51 | 04.52 |
| 03.53 | 03.54 | 04.53 | 04.54 |
| 03.55 | 03.56 | 04.55 | 04.56 |
| 03.57 | 03.58 | 04.57 | 04.58 |
| 03.59 | 03.60 | 04.59 | 04.60 |
| 03.61 | 03.62 | 04.61 | 04.62 |
| 03.63 | 03.64 | 04.63 | 04.64 |
| 03.65 | 03.66 | 04.65 | 04.66 |
| 03.67 | 03.68 | 04.67 | 04.68 |
| 03.69 | 03.70 | 04.69 | 04.70 |
| 03.71 | 03.72 | 04.71 | 04.72 |
| 03.73 | 03.74 | 04.73 | 04.74 |
| 03.75 | 03.76 | 04.75 | 04.76 |
| 03.77 | 03.78 | 04.77 | 04.78 |
| 03.79 | 03.80 | 04.79 | 04.80 |
| 03.81 | 03.82 | 04.81 | 04.82 |
| 03.83 | 03.84 | 04.83 | 04.84 |
| 03.85 | 03.86 | 04.85 | 04.86 |
| 03.87 | 03.88 | 04.87 | 04.88 |
| 03.89 | 03.90 | 04.89 | 04.90 |
| 03.91 | 03.92 | 04.91 | 04.92 |
| 03.93 | 03.94 | 04.93 | 04.94 |
| 03.95 | 03.96 | 04.95 | 04.96 |
| 03.97 | 03.98 | 04.97 | 04.98 |
| 03.99 | 03.00 | 04.99 | 04.00 |

07 REGIÃO CULTURAL

08 DENOMINAÇÃO GRUPO PALMARES

09 ENDEREÇO DO ESTABELECIMENTO-SEDE RUA MADRE ANA

10 NOME DO ESTABELECIMENTO GLORIA

11 MUNICÍPIO PORTO ALEGRE

12 PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL PERANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA

13 NOME HELENA VITÓRIA DOS SANTOS MACHADO

14 DATA PORTO ALEGRE, DE OUTUBRO DE 1975

15 RECEPÇÃO NO ÓRGÃO DA JURISDIÇÃO DA SEDE

16 PARA USO DO ÓRGÃO LOCAL DA JURISDIÇÃO DA SEDE

Documento da Receita Federal e ordem da Polícia Federal.
 Fonte: Arquivo pessoal Nayara Silveira.

